FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.927 SEGUNDA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 2022 R$ 5,00

BC quer lei para conter fraude com criptomoedas

Projeto deve atualizar o Código Penal e a legislação sobre lavagem de dinheiro

O Banco Central avalia a elaboração de diretrizes para a fiscalização de transações com criptomoedas, como o bitcoin, e a imposição de penalidades para conter a explosão de golpes e fraudes. A intenção foi relatada pelo presidente do BC, Roberto Campos Neto, a presidentes de bancos nacionais.

Sob anonimato, os banqueiros informam que a proposta de regulação deve ser enviada ao Congresso ainda no primeiro trimestre, para que as regras entrem em vigor até o final deste ano.

Segundo as informações da Receita Federal, o setor movimenta cerca de R$ 130 bilhões ao ano no Brasil.

A falta de fiscalização facilita roubos e fraudes. Conforme as polícias Federal e Civil de São Paulo, crimes envolvendo criptomoedas rondaram os R$ 6,5 bilhões em menos de dois anos.

O BC quer que as corretoras digitais sigam as regras dos fundos de investimento e tenham sede no país.

O projeto deve atualizar o Código Penal tipificando o estelionato com moedas virtuais —a pena de prisão deve variar de quatro a oito anos. Também se pretende atualizar a legislação sobre lavagem de dinheiro, incluindo fraudes com criptoativos na lista de crimes com agravante de pena. Folhainvest A13

Putin mantém seus soldados na fronteira da Ucrânia

No dia em que o temido exercício conjunto entre Rússia e Belarus nas fronteiras da Ucrânia deveria acabar, a ditadura em Minsk anunciou que os 30 mil soldados de Vladimir Putin ficarão onde estão.

Só há duas hipóteses para a permanência: ou as manobras eram preparação para um ataque ou o objetivo seria forçar uma saída diplomática que agrade a Putin. Mundo A10

Atacante Hulk celebra a vitória na Arena Pantanal

Adriano Machado/Reuters

Esporte B7

Atlético supera o Flamengo após 24 pênaltis e conquista título da Supercopa

Faculdades temem ações judiciais na volta às aulas

Autorizadas a retornar com as aulas presenciais, faculdades particulares têm divergido sobre como iniciar o ano letivo e temem uma alta de ações judiciais. Com o avanço da ômicron, muitas decidiram manter o ensino remoto, o que gerou protesto de alunos. Cotidiano B1

Ilustrada C1

'Euphoria' mostra jovens alucinados, mas os da vida real se drogam menos

Cotidiano B2

Vendedores contidos tentam amenizar clima de 'golpe' no Mercadão de SP

Homens usam corda para resgate no RJ Eduardo Anizelli/Folhapress

Grupo entra em rio para achar jovem em Petrópolis

Cotidiano B2

Bruno Santos/Folhapress

PREFEITURA DE SP NÃO PLANTA ÁRVORES HÁ 6 MESES

Imagem aérea do Brás, na zona leste, área com a menor cobertura arbórea da capital; déficit é de 180 mil árvores, que deveriam ter sido colocadas nos bairros na última década Cotidiano B3

3ª via terá desafio de não encolher com troca de siglas

A janela para trocas de partido na Câmara dos Deputados, de 3 de março a 1º de abril, representará desafio para os presidenciáveis da terceira via. Acredita-se que o PT, de Lula, não perderá quadros, e que o PL, de Jair Bolsonaro, vá ser a legenda com o maior crescimento. Poder A4

ENTREVISTA DA 2ª

David Nemer

Desinformação gera engajamento para plataformas

Para o antropólogo e pesquisador, a falta de empenho das plataformas digitais no combate à desinformação pode ser explicada por interesses econômicos. "Fake news gera engajamento", afirma. A12

Lygia Maria

Humor é perigo para quem se crê dono da virtude

A polarização ideológica mina nossa capacidade de rir e fazer rir. Cada lado tem políticos de estimação, quase deidades. Seguidores viram sacerdotes à caça de pecados não apenas dos inimigos, mas dos próprios pares. Opinião A2

Mercado de jogos eletrônicos atrai mais investimento

Experiências em realidade virtual e o potencial do metaverso geram forte alta do interesse de grandes empresas e investidores no setor de jogos eletrônicos. A operação mais marcante foi um negócio de US$ 75 bilhões, a aquisição da Activision Blizzard pela Microsoft. Folhainvest A15

ATMOSFERA

	Hoje	Amanhã
Rio	22 34	23 32
Brasília	17 26	18 27
Ribeirão	19 31	20 32

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 33927

A pandemia em 20.fev Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	81,9%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	71,5%
Dose de reforço	28,0%

Nos estados

	Ao menos uma dose	1º ciclo completo	Dose de reforço
SP	90,3%	80,1%	41,5%
PI	90,2%	77,8%	24,9%
PB	83,4%	75,6%	32,6%
MG	81,5%	74,8%	29,2%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 845 ↑ 10,2%*

Em 24 h: 424

Total: 644.362

Casos ↓ -38,9%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

Casos nos estados

	Média móvel (variação*)	Ritmo
MG	13.070 (-46,4%)	acelerado
SP	13.014 (-8,3%)	acelerado
PR	11.485 (-40,6%)	acelerado
RS	11.211 (-26,0%)	acelerado

EDITORIAIS A2

Grátis para quem?

Sobre subsídios públicos para o transporte coletivo.

Vieses policiais

Acerca de abordagens a negros e pobres no Rio.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)* e Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Grátis para quem?

Empurrar subsídios ao transporte coletivo para o governo federal é saída fácil e enganosa

O transporte público municipal vive uma crise de financiamento que é estrutural, mas foi agravada pela pandemia. Não espanta, nesse cenário, a pressão crescente por ajuda federal vinda de prefeitos e associações de empresas do setor.

O resultado foi a aprovação pelo Senado de um projeto que poderá transferir neste ano R$ 5 bilhões da União aos municípios, recursos que serão destinados a manter a gratuidade de acesso a idosos com mais de 65 anos.

Um problema de origem da proposta está no critério de idade. Toda política pública se encontra inserida em uma realidade de escassez de recursos; por isso é preciso haver foco nos que realmente precisam da intervenção do Estado. Mais correto, pois, seria subsidiar o transporte de idosos pobres, como ocorre em outros programas.

As dificuldades do setor, de fato, são graves. A Covid-19 legou uma redução de demanda por transporte público, que ainda opera com ociosidade entre 30% e 40%. Também por causa do aumento de custos, principalmente dos combustíveis, o prejuízo acumulado desde o início de 2020 seria próximo a R$ 21 bilhões, segundo as associações.

Em que pese essa realidade, simplesmente transferir mais dinheiro federal, nos moldes atuais de operação dos sistemas, não resolverá nenhum problema de forma sustentável. No máximo, trata-se de um remendo para evitar aumento de tarifas em ano eleitoral, um terror do mundo político desde as manifestações populares de 2013.

Em vez de uma revisão ampla dos mecanismos de custeio e padrões de qualidade das concessões, que poderia se dar a partir de um novo marco regulatório para o setor em tramitação no Senado, opta-se apenas por jogar o custo nos cofres federais já deficitários.

Tal saída se tornou conveniente com a fragilidade política e programática do governo Jair Bolsonaro (PL) e a baixa capacidade de resistência do Ministério da Economia.

Se a crise no setor é um fato, não procede que Estados e municípios careçam de recursos próprios. Ao menos no caso das grandes cidades, que de todo modo concentram a maior parte do problema, houve enorme crescimento de arrecadação, a ponto de várias terminarem o ano passado com recorde de dinheiro em caixa.

Como se sabe, os municípios recebem 25% da receita do ICMS estadual, que disparou no ano passado. Tome-se o exemplo do município de São Paulo, que aprovou para 2022 um Orçamento de R$ 82,7 bilhões, o maior da história, e dispunha de inauditos R$ 27 bilhões em sua conta no final de 2021.

Segundo o prefeito Ricardo Nunes (MDB), o custo da gratuidade para idosos ficaria em R$ 450 milhões. A cidade, pois, dispõe de dinheiro, se quisesse usá-lo para esse fim. Infelizmente, o discurso fácil da penúria sempre conta com a boa vontade do Congresso.

Vieses policiais

Negros, pobres e moradores da periferia são mais abordados no Rio; agentes devem portar câmeras

Os dados parecem não deixar dúvidas: os negros são mais abordados por policiais na cidade do Rio de Janeiro. Eles representam 63% das pessoas que dizem ter sido paradas por agentes da lei, uma fatia consideravelmente superior ao seu peso entre os cariocas (48%).

Os que se declaram brancos, em comparação, equivalem a 51% da população local e correspondem a 31% de quem foi parado ou abordado. No total, 39% dos entrevistados na cidade afirmaram ter passado por essa experiência.

Os números, apurados pelo Datafolha, estão no relatório "Elemento Suspeito", lançado na terça-feira (15) pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania.

Ressalve-se que nem todos os contatos com a polícia relatados são negativos. Dos 739 moradores do Rio que responderam ao questionário completo, 66% viram agentes ajudando pessoas. No entanto nada menos que 46% testemunharam agressões, e 32% tiveram um parente ou amigo morto ou ferido.

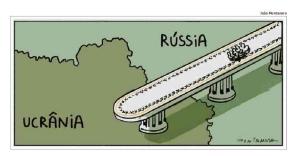
Procurada pela **Folha** para comentar os resultados do levantamento, a Polícia Militar fluminense afirmou que não há viés racial nas suas operações e que segue protocolos rígidos de atuação.

A resposta, formal e irrealista, poderia levar em consideração outros aspectos identificados pela pesquisa. Por exemplo, 66% das pessoas paradas pela polícia vivem em bairros periféricos ou favelas e 60% ganham até três salários mínimos — segmentos sobrerrepresentados por pretos e pardos.

Logo, fatores como geografia e nível de renda adicionam uma camada de complexidade à questão puramente racial. Trata-se aqui, ademais, de uma cidade que tem parte importante de seu território sob o poder de criminosos e que amarga patamares alarmantes de letalidade em operações policiais.

De nada adianta virar as costas para a truculência e para os vieses por trás de boa parte de abusos e ilegalidades. É preciso encarar o problema e pensar em soluções.

Uma delas está à vista de todos. Trata-se das câmeras portáteis em uniformes, utilizada com êxito nas forças policiais de São Paulo. O equipamento inibe o mau comportamento dos agentes da lei com um simples ganho de transparência.

Sua adoção em todos os estados é urgente para conter o arbítrio e combater abusos — inclusive aqueles que a Polícia Militar fluminense ainda não consegue enxergar.

A política está de mau humor

Lygia Maria

Uma das piores consequências da polarização político-ideológica é a perda do senso de humor. Nem falo de piadas preconceituosas ou de baixo calão. Falo da ironia fina, dos trocadilhos, dessa atividade linguística que torna a vida mais palatável e que também nos faz pensar. Você, caro leitor, já deve ter passado por isto ultimamente: soltou um chiste inofensivo e acabou soterrado por problematizações.

Há séculos filósofos falam sobre o riso. Freud disse que o humor é um mecanismo de economia de energia psíquica: obtemos prazer, em vez de sofrer, em situações ruins. Para Nietzsche e Bataille, o humor possibilita formas de pensamento não ferrenhamente apegadas à razão: já que ela, apenas, é incapaz de lidar com o sofrimento existencial. Daí surgem as comparações entre o humor, a arte e o erotismo.

A poesia é uma erotização da linguagem, já que retira dela sua função meramente utilitária: a comunicação. Da mesma forma, o erotismo arrefece a função utilitária do sexo: a procriação. Estetizar é erotizar, e vice-versa. Os trocadilhos, os duplos sentidos, a ironia, toda essa fricção de palavras e ideias díspares causam ruídos na comunicação, mas produzem novas formas de pensar e de sentir a realidade. Por isso, o humor é uma forma do ser humano se tratar como obra de arte. Ou seja, de escaparmos da objetificação, de nos aceitarmos como falhos, incompletos, e, assim, produzir prazer físico, estético e mental.

Não é à toa, portanto, que a polarização ideológica está minando nossa capacidade de rir e de fazer rir. Cada lado tem políticos de estimação, seres perfeitos, quase deidades. Seus fiéis seguidores viram sacerdotes à caça de pecados não apenas dos inimigos, mas dos próprios pares. Claro que o humor não cabe nisso. Afinal, com ele, ressaltamos nossa condição mais humana e menos divina, percebemos nossas contradições, idiossincrasias, e essa postura é um perigo para quem se vê como detentor da verdade e da bondade.

As vítimas do desleixo

Ana Cristina Rosa

Quanto vale uma vida? Quem é razoavelmente instruído há de dizer que a vida não tem preço, é direito fundamental e inviolável previsto na Constituição Federal. No dia a dia, porém, o valor da vida no Brasil está atrelado a fatores como o Código de Endereçamento Postal (CEP) da residência, a cor da pele, a rede de contatos e o poder econômico da pessoa. E, como cantou Elza Soares, a voz do milênio, "a carne mais barata do mercado é a carne negra".

Claro que isso não se encontra registrado em nenhum diploma legal, até porque seria flagrantemente inconstitucional para dizer o óbvio ululante. Mas, na prática, é assim que a banda toca. Os exemplos — como a quantidade e o perfil dos mortos, desaparecidos e desabrigados em decorrência das fortes chuvas na Bahia, em Minas Gerais, em São Paulo e no Rio de Janeiro desde o final do ano passado— pululam.

Com milhares de pessoas precariamente instaladas em áreas de risco país adentro, não há dúvida de que a prevenção de catástrofes naturais e o cuidado com quem vive em situação de vulnerabilidade social não são prioridades do Estado brasileiro. Em esfera alguma. Do contrário, o cenário seria menos funesto do que o que se tem visto reiteradamente.

No caso específico do RJ, onde em 2011 uma chuvarada provocou as mortes de mais de 900 pessoas em cinco municípios da região serrana, praticamente nada foi feito para evitar que desgraça similar se repetisse.

Imagens desalentadoras de familiares cavando a lama à procura dos corpos de seus entes desaparecidos enquanto autoridades proferem discursos sobre como reparar a situação compõem o quadro da dor e do abandono ao qual o povo está entregue.

O que é isso senão fruto do desleixo e da inoperância do poder público? Talvez uma oportunidade de refletir sobre a escolha de representantes dispostos a prevenir mais do que remediar e a fazer política pensando na maioria da população brasileira, que é pobre, preta e parda.

Semiótica da fala picotada

Ruy Castro

No começo, achei que o problema era só meu — a ligação que começava a picotar assim que eu ou a outra pessoa dissesse "Alô". Um dos dois parecia estar falando em código sem que o outro conhecesse a chave. Como sou um dos últimos protossauros que usam telefone fixo, atribuía-me logo a culpa e saía pelo apartamento em busca de um lugar melhor para falar. Às vezes funcionava, quase sempre não. Até que fui informado de que essa conexão meia-bomba não se limitava às relações entre um celular e um fixo. Dava-se também entre dois potentes celulares.

É claro que o interlocutor que está falando picotado só fica sabendo disso quando o outro o informa — porque, aos próprios ouvidos, sua dicção é digna de um locutor da antiga BBC. Ao ouvir o outro dizer que não está entendendo, ele apenas fala mais alto e pergunta "Está entendendo agora?", frase esta que também sai picotada e é incompreensível. Dá-se o mesmo quando a voz picotada é a do outro e ele nos pergunta a mesma coisa.

Não se pode saber, mas imagino haver casos em que os dois falem picotado ao mesmo tempo e a frase "Está entendendo agora?", pronunciada pelos dois lados, seja desentendida por ambos.

Um amigo meu, chegado à vida rural, campestre e pastoril, comparou o som de um telefonema picotado ao de uma galinha goga [pronuncia-se gôga] — quando seu cacarejo dispara e ela corre desesperada pelo terreiro, com o gogó subindo e descendo sem controle. Já outro amigo, perito em semiótica, me explicou que a ligação picotada é como falar somente com as consoantes. Mas o que se pode fazer facilmente na linguagem escrita — qualquer um entenderá COPACABANA ao ler CPCBN — é impraticável na linguagem oral. Ao ouvir alguém dizer do outro lado CPCBN, será como se estivéssemos conversando com a dita galinha goga.

Tudo bem. Nunca é tarde para aprender mais uma língua.

Lula e a reformafobia

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Já me referi aqui na coluna à crítica implacável de Eça de Queiroz n'"As Farpas" ao reformista retórico. Eça escarneceu de uma infinidade de subtipos: reformeiros, reforminhas, reformecos, reformaricas, reformânticos, etc. Mas há um subtipo que Eça apelidou de reformafóbico, que Lula está encarnando à perfeição: "Quem é que disse que o Brasil precisava das reformas?", perguntou, referindo-se à reforma trabalhista, da Previdência e ao teto de gasto.

Eça mirava no elemento retórico de reformas meramente discursivas, ritualísticas. Elas servem, afirmou, para "um ministério fingir que administra, iludir a nação ingênua, imitar a iniciativa fecunda dos reformadores 'lá de fora', aparentar zelo pelo bem da pátria, justificar a sua permanência no poder, fornecer alimento à oratória constitucional".

Eça restringiu-se às reformas como discurso e demagogia. Lula a reformas implementadas. Falar é barato. Credibilidade e reputação é o que importa.

Críticas a um programa de reformas podem mirar dois aspectos: a) sua incompletude ou seu abandono. Este tem sido, por exemplo, o tom da crítica a Paulo Guedes por analistas variados. Aqui a contradição é o abandono de pautas (privatização) ou do compromisso fiscal anunciado e sua conversão em populismo fiscal aberto (PEC dos precatórios, orçamento secreto); b) o estelionato eleitoral: a contradição entre discurso e prática desde o início do governo.

Lula e Dilma ilustram de forma distinta o problema. A Carta aos Brasileiros (2002) é uma declaração ex ante de manutenção de políticas que eram objeto de intensa crítica pelo PT antes das eleições. No entanto, as reformas que se seguiram claramente são inconsistentes com o programa apresentado na campanha. Dilma dobrou a aposta.

Em democracias maduras, o 'ciclo político de negócios' tem pouca importância como concluíram Alesina e Roubini (1989). Mas na América Latina, Stokes mostrou que há reversão de promessas de campanha em 1/3 das eleições que examinou. Por que alguns candidatos não revelam ex ante seus programas efetivos?

A crítica de Lula é contraintuitiva: afinal por que se apresenta como candidato antirreforma, subscrevendo críticas controversas à esquerda do debate informado sobre política econômica? Por que se desloca em críticas maximalistas e não se move ao centro? Se não se tratar de estelionato eleitoral, estaremos nos deparando com um cenário ainda mais controverso: a reversão de privatizações e reformas críticas. Existe um precedente na Argentina, sob Cristina e Nestor Kirchner, e que envolveu a estatal de Petróleo (YPF), os Correios e a Previdência Social. Não é precedente auspicioso.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Como limitar a politização do Supremo?

Ampliar o rigor do processo de aprovação dos ministros pode ser uma saída

Daniel Wei Liang Wang
Professor de direito da Fundação Getulio Vargas (SP)

Dizer que o Supremo Tribunal Federal é um órgão político, a depender do sentido que se dá ao termo "político", é reiterar o óbvio ou expressar um sinal de deterioração da democracia e do direito.

O STF é essencialmente político pela natureza de sua função. Ele interpreta e garante a observação da Constituição Federal, o documento jurídico-político que define obrigações, competências e limites para o exercício do poder estatal e os valores e compromissos fundantes da sociedade. O Supremo tem o papel de oferecer estabilidade política ao, idealmente, permitir a resolução de conflitos calcada em amplos consensos verbalizados na Constituição e na coerência com suas decisões passadas (os precedentes).

Um tribunal como o STF também terá sempre um elemento político pelo método de escolha de seus membros: nomeados e aprovados por políticos eleitos, mantendo uma conexão necessária entre a corte e a democracia representativa.

Porém, um tribunal ser "político" pode apontar uma distorção no seu funcionamento quando significa que ele interfere na disputa político-eleitoral com o propósito de favorecer algum lado. Isso ocorre, por exemplo, por decisões que, para beneficiar um determinado grupo político, limitem a liberdade de expressão, suspendam direitos políticos, criminalizem candidatos, mudem regras eleitorais ou tomem decisões para desestabilizar governos.

Outro sentido de "político" se refere à judicialização de agendas de transformação social. Tendemos a gostar dessa politização quando o Judiciário promove mudanças que apoiamos. Porém, nada garante que uma corte apenas defenderá causas que nos são caras. É também implausível que se tente avançar agendas controversas no Judiciário sem que a reação a elas influencie disputas por poder nos tribunais.

A nomeação de um ministro "terrivelmente evangélico" é a reação esperada à percepção de que o STF é muito receptivo a demandas progressistas, como a descriminalização do aborto. A depender das próximas eleições e nomeações, não é inimaginável uma composição do STF que passe a reduzir direitos reprodutivos. Usando palavras do próprio Jair Bolsonaro (PL), pautas conservadoras podem não só "empatar", mas passar a "ganhar" no Supremo.

O protagonismo recente da corte aumenta a tentação de, por meio da nomeação de pessoas cada vez mais alinhadas com quem as indica, politizá-la na maior medida possível para que defenda interesses de um grupo político ou avance/bloqueie agendas de transformação social.

[...]

O protagonismo recente da corte aumenta a tentação de, por meio da nomeação de pessoas cada vez mais alinhadas com quem as indica, politizá-la na maior medida possível para que defenda interesses de um grupo político ou avance/bloqueie agendas de transformação social

Indícios disso são a declaração de Bolsonaro de que tem 10% de si dentro do STF (em referência ao ministro Kassio Nunes Marques) e que a escolha para as próximas vagas é mais importante que a própria eleição presidencial. Outros candidatos também parecem já discutir nomes para o tribunal usando alinhamento político como critério central, algo que seria de se esperar em escolhas para compor eventual governo, mas não a cúpula do Judiciário.

Seria irrealista exigir que os próximos governos, por princípio republicano, resistam a essa tentação, sobretudo quando sabem que essa tática pode vir a ser empregada por seus adversários uma vez no poder. A saída pode estar em retomar as discussões sobre mudanças nas regras de nomeação.

Por exemplo, atualmente, a aprovação do nome indicado pelo presidente requer o voto de metade dos membros do Senado. Uma proposta seria aumentar o rigor do processo e exigir, por exemplo, a obtenção de três quintos da Câmara e do Senado Federal. Isso aproximaria o processo para aprovar alguém com poder de dar sentido à Constituição daquele que se exige para emendá-la. Mais importante, forçaria a indicação de nomes mais consensuais, que sejam aceitáveis a um espectro político mais amplo, inclusive na oposição. Em tese, isso favoreceria pessoas sem vínculos políticos fortes e com vida pública discreta.

Essa é apenas uma proposta dentre várias cujos méritos e desvantagens precisam ser discutidos com alguma urgência sob o risco de vermos um Supremo Tribunal Federal cada vez mais vinculado a grupos políticos e mais dividido internamente por linhas político-partidárias.

A financeirização da velhice

Escândalo na França cobra dos presidenciáveis plano para o setor de cuidados

Guita Grin Debert e Jorge Félix
Professora do Departamento de Antropologia da Unicamp e pesquisadora da Fapesp e do CNPq, é autora de "Reinvenção da Velhice" (Edusp)
Doutor em ciências sociais, professor de gerontologia da USP e pesquisador da Fapesp, é autor de "Economia da Longevidade" (ed. 106 Ideias)

O tema da velhice invadiu a campanha presidencial da França. Sempre um assunto marginal no debate político —e quase sempre confinado apenas à questão fiscalista da sustentabilidade dos sistemas de Previdência—, o envelhecimento populacional, desta vez, se impôs na agenda eleitoral. O pacto de um silêncio conveniente foi quebrado com uma questão que a pandemia de Covid-19 trouxe à tona: o cuidado de longa duração de idosos.

Essa invasão incômoda para o presidente Emmanuel Macron ocorreu de forma abrupta no fim de janeiro com o lançamento de "Les Fossoyeurs" ("Os coveiros"), do jornalista independente Victor Castanet. O livro-reportagem é resultado de uma investigação sobre um dos mais luxuosos residenciais para idosos (ou Instituições de Longa Permanência para Idosos, Ilpis, como chamamos tecnicamente no Brasil) pertencente à maior empresa europeia do setor e segunda da França, a Orpea, dona de 222 estabelecimentos naquele país.

Castanet denunciou como a Orpea, empresa de capital aberto, pertencente a um "private equity" (fundo de capital privado) e a um fundo de pensão canadense (CPPIB), administra seus residenciais exigindo um alto retorno sobre o investimento e sempre atua alavancada em dívidas (200% sobre o patrimônio) devido à farta distribuição de dividendos, caracterizando assim um processo de financeirização. Castanet relata maus-tratos aos idosos, odor de urina, má alimentação (inclusive com fast food), controle no uso de fraldas, entre outras barbaridades, fruto da demanda elevada de produtividade sobre o trabalho de cuidado.

Nas últimas semanas, o "escândalo das Ehpads" (similar francês de Ilpis) se reveza nas manchetes do Le Monde com a possível guerra na Ucrânia. Macron já mobilizou três ministros para tratarem do caso com receio da repercussão em sua reeleição. O presidente da Orpea caiu depois de um mergulho de 60% no valor das ações em menos de uma semana. Rapidamente, as famílias de idosos clientes da líder do mercado, a Korian, com mais de 303 estabelecimentos na França, também fizeram denúncias semelhantes às do livro de Castanet.

[...]

O caso francês ilustra a limitação de se delegar a modelos financeiros um desafio da sociedade superenvelhecida: atender o aumento da demanda por cuidado de pessoas idosas sem a mesma estrutura familiar dos séculos passados (...). No Brasil, já temos muitas dessas empresas multinacionais que atuam no mesmo modelo financeirizado

Embora o setor seja regulamentado, as autoridades (inclusive uma comissão no Senado) já falam em negligência de fiscalização e falta de aplicação rigorosa da lei devido a interesses do capital imobiliário.

O caso francês ilustra a limitação de se delegar a modelos financeiros um desafio da sociedade superenvelhecida: atender o aumento da demanda por cuidado de pessoas idosas sem a mesma estrutura familiar dos séculos passados — ou seja, sem a disponibilidade sobretudo de mulheres e profissionais cuidadoras em número suficiente. E com limitações também na área filantrópica.

No Brasil, já temos muitas dessas empresas multinacionais que atuam no mesmo modelo financeirizado. Outras estão prospectando o mercado nacional. É esperado que o erro da França sirva de exemplo. Os candidatos a presidente da República devem apresentar, com urgência, seus planos para a criação de uma Política Nacional de Cuidados no Brasil. É preciso regulamentar a atuação do capital financeiro em um setor cada vez mais delicado para as famílias brasileiras.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Outdoor chamando Lula de traidor e maldito feito por grupos conservadores de Rondonópolis (MT) Reprodução Instagram

Propaganda agro

"Polo do agronegócio de MT 'inaugura' outdoor chamando Lula de traidor" (Painel, 20/2). O agronegócio virou o câncer do Brasil. Gente tosca, atrasada, irresponsável, inconsequente. Vai nos levar ao colapso ambiental e social.
Elano Teixeira (São Paulo, SP)

*

Democracia é assim, nem todos gostam do vermelho. E mais, todos têm o direito de dizer o que pensam sobre os fatos. Nada de errado, é só votar.
Lineu Saboia (Salvador, BA)

*

Para uma matéria que nem sequer é manchete, as ovelhas estão bastante alvoroçadas. Calma, não se estressem muito porque a lã pode cair antes da esquila que é só por outubro ou novembro. Vão perder valor.
Marcos Serra
(Porto Alegre, RS)

*

E viva o festival do agrotóxico!
Silvia Ramscheid Figueiredo
(Niterói, RJ)

*

Sabem por que o agronegócio tem tanto medo do Lula? O Lula é a favor da conservação do meio ambiente, contra o desmatamento, a favor da comida mais barata para o nosso povo, contra o lucro exorbitante, é isso.
Valter Francisco
(Lins, SP)

Elio Gaspari

"Se Otan é para conter expansão russa, falta combinar com o resto do mundo" (Política, 19/2). Perfeita coluna. Quem trata como expansão russa a reação destes à possibilidade de a Otan ter uma base em Odessa ou Kiev, não tem conhecimento ou é desonesto intelectualmente.
Bruno Martins da Costa Silva (Porto Alegre, RS)

*

Elio tenta ser um jornalista profundo e inteligente. Mas, suas postagens são rasas e limitadas. Usa do artifício de citar personalidade importantes, mas não ajuda muito. Esperar o que de um cidadão desta idade que ainda é esquerdista?
Adriana Mara de Moura e Souza (Barroso, MG)

Ruy Castro

"Depois do vendaval" (Opinião, 20/2). Nós, paulistas, pedimos sinceras desculpas ao senhor Ruy Castro por termos ousado fazer a Semana de Arte Moderna.
Flavio Campos
(São Paulo, SP)

*

Encerramento perfeito da Semana de Arte Moderna com o "Depois do Vendaval."
Celina Hamilton Albornoz
(Santana do Livramento, RS)

*

O Ruy propõe que se discuta a Semana. Mas os leitores preferem discutir o Ruy. Era esperado.
Sergio Saraceni
(Rio de Janeiro, RJ)

*

É triste constatar tantos comentários meramente bairristas sobre um evento de arte.
José Soares (São Paulo, SP)

Coronavírus

"Internações de crianças por Covid saltaram de 284 para 2.232 de dezembro para janeiro" (Saúde, 19/2). O que este governo está fazendo na pandemia já se caracteriza crime.
Marli Moras Garcia (Vitória, ES)

*

Nossas crianças estão adoecendo e morrendo. A vacina existe, mas o desgoverno faz propaganda contra em nome de uma pretensa liberdade. Que tipo de gente é essa?
Luiz Henrique Frosini (São Paulo,SP)

*

Curiosamente quando começaram a discutir sobre a vacina para aquela faixa etária... Só a esquerda acredita em Papai Noel.
Giovani Ferreira Vargas (Gravataí, RS)

Tragédia em Petrópolis

"Pós-Bahia, Bolsonaro corre para mostrar empatia com Petrópolis em mídia social" (Cotidiano, 19/2). Deve ser por bondade mesmo, porque depois de outubro, pode esquecer! Próximo.
Daniel Soares (São Paulo, SP)

*

Não se pode negar que de lama, sujeira e destruição o inquilino abjeto do Planalto entende bem, daí pensar, por um segundo que seja, que a criatura teria empatia por qualquer humano já é demais. O que o lobo quer é tentar parecer ovelha e ganhar votos.
Alison Sales (São Paulo, SP)

*

A família carioca, cujos membros ocupam cargos políticos e vivem do dinheiro público há mais de 30 anos, fez o que mesmo por Petrópolis nesse tempo todo?
Cassiana Amorim (João Pessoa, PB)

Infraestrutura

"Ministério da Economia condena políticas regulatórias da Infraestrutura" (Mercado, 19/2). O cara considerado mais capaz do governo Bolsonaro não passa de um inaugurador de ponte de madeira e garoto propaganda da Itapemirim que lesou milhares de consumidores.
Wilson Kfouri (São Paulo, SP)

*

O Paulo Guedes só sabe falar em vender. Não espere nada desse cidadão que beneficia alguém que não seja os empresários que o puseram lá.
João Batista Tibiriçá (Goiânia, GO)

Gloria Pires

"'Juventude e dinheiro não são garantia de nada', diz Gloria Pires" (Mônica Bergamo, 19/2). Sempre com uma pontinha de ironia. Espera que eu vou ter que pesquisar o que ela fez de importante. Você além de grande atriz, inspira como ser humano.
Ana Rodrigues (Vitória, ES)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ILUSTRADA (27.AGO.21, PÁG. C5) O nome do personagem da novela "Nos Tempos do Imperador" é Samuel, e não Jorge, como foi identificado incorretamente na coluna de Djamila Ribeiro.

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Passo a passo

Líderes partidários na Câmara relatam avanços em direção a um acordo para resolver o imbróglio do Telegram nos últimos dias, mas dizem que ainda há muitas pontas soltas. A forma de lidar com o aplicativo russo se tornou o ponto mais polêmico do chamado projeto das fake news. O relator, Orlando Silva (PCdoB-SP), diz que aceita que plataformas tenham apenas representante no Brasil, não sede. Como mostrou a **Folha**, um escritório no Rio já responde pelo aplicativo no país.

ESCADA Orlando também concorda que punições comecem de forma branda, com advertência e multa, e só depois levem a suspensão ou banimento —ainda assim, por decisão de órgão colegiado. Mas não abre mão de sanções. "Democracia é o sistema em que a lei vale para todos".

INSEGURANÇA Já bolsonaristas, com presença forte no Telegram, elogiam as concessões, mas rejeitam as penas mais severas. "Suspensão e bloqueio são incompatíveis com a Constituição. E um colegiado pode ser um Tribunal de Justiça de um estado qualquer", afirma Filipe Barros (União Brasil-PR).

BOA VIZINHANÇA Como se não bastasse, as mudanças da Câmara têm de ser negociadas também com o Senado, de onde o projeto é originário, para que não sejam desfeitas.

NO PÁREO A médica Nise Yamaguchi, que fez parte do "gabinete paralelo" de Bolsonaro contra a Covid-19, filia-se nesta segunda (21) ao PTB para disputar o Senado por SP.

VERMELHA Ela deve se apresentar como a única conservadora real de um pleito que terá também a deputada Janaina Paschoal. "A Janaína é de centro-esquerda, aliou-se ao petista Hélio Bicudo no impeachment da Dilma", diz o ruralista Ribas Paiva, que deve ser suplente da médica.

TRATOR Movimentos conservadores de Rondonópolis (MT) farão a inauguração de um outdoor na segunda (21) chamando Lula (PT) de bandido e traidor. A cidade é conhecido polo do agronegócio.

REAÇÃO A decisão do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina de aceitar o gênero que consta no registro civil para fins de aposentadoria motivou críticas e ironias de deputados estaduais. "Você que é homem, quer se aposentar mais cedo? Vira trans", disse Kennedy Nunes (PTB), em vídeo publicado em suas redes.

VEJA BEM Já Bruno Souza (Novo) disse que as pessoas podem se identificar com o gênero que quiserem, mas "a escolha não pode implicar em custos ao resto da população, que pagará pelo fato de você se aposentar mais cedo".

MARCO Grupos LGBTQIA+ avaliam processar os deputados. Em decisão inédita, o TCE-SC reconheceu que um homem que mudou de gênero terá aposentadoria com base na regra para mulheres.

XEQUE Tarcísio de Freitas, pré-candidato ao governo de São Paulo, reuniu-se com Marcos Pereira, presidente do Republicanos, na terça-feira (15). O partido está na base do PSDB, e seu apoio a Rodrigo Garcia era dado como certo.

CARDÁPIO O ministro acenou com a possibilidade de o Republicanos escolher o vice na chapa ou o candidato ao Senado. O partido tem preferência pela segunda opção.

DIFERENÇAS Enquanto o PT evita críticas à ditadura nicaraguense, o PSOL soltou nota semana passada em solidariedade a ativistas perseguidos pelo regime de Daniel Ortega. "Nos solidarizamos com o povo nicaraguense que luta em defesa dos princípios originais da Revolução Sandinista", disse.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

Os pré-candidatos da chamada 3ª via: João Doria (PSDB), Sergio Moro (Podemos), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB) e Rodrigo Pacheco (PSD) Zanone Fraissat/Folhapress, Pedro Ladeira/Folhapress e Pedro Gontijo/Divulgação Senado

Janela do troca-troca partidário será teste de força para a terceira via

PT de Lula deve manter seu tamanho, PL de Jair Bolsonaro cresce com migrações e demais presidenciáveis lutam para não murchar

Danielle Brant, Ranier Bragon e Renato Machado

BRASÍLIA A janela do troca-troca partidário na Câmara dos Deputados, de 3 de março a 1º de abril, representará um teste de força dos presidenciáveis da chamada terceira via, que buscam chegar perto dos dois mais bem posicionados nas pesquisas, o ex-presidente Lula (PT) e o atual presidente, Jair Bolsonaro (PL).

Um fator primordial moverá os deputados: a avaliação sobre qual partido lhes dará as melhores condições regionais para conseguir a reeleição.

Para isso, é preciso haver uma definição mais clara sobre quais siglas vão se unir em federações. A nova regra que permite a união de legendas aumenta a chance de eleição dos candidatos do bloco, mas exige atuação conjunta nos quatro anos da legislatura.

O PT deverá ficar praticamente intacto, saindo dos atuais 53 deputados para 54, com a volta de Josias Gomes (hoje secretário de desenvolvimento Rural da Bahia). A sigla é a segunda maior da Casa.

O PL de Valdemar Costa Neto, que conseguiu vencer a disputa e filiar Jair Bolsonaro, deverá ser a sigla que terá o maior crescimento, saindo dos atuais 43 para cerca de 60. Com isso, poderá ser a maior sigla da Casa a partir de abril.

No pelotão da chamada terceira via, a disputa maior é para não murchar. Nas pesquisas, Sergio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT) apresentam leve vantagem em relação a nomes como João Doria (PSDB), Simone Tebet (MDB) e Rodrigo Pacheco (PSD). Até o momento, porém, nenhum dos partidos desponta como um grande ímã de novos filiados.

Em alguns casos, ocorre, inclusive, movimento contrário.

O PSDB de João Doria, por exemplo, rachou entre o grupo que apoia o presidenciável e o que tenta minar sua candidatura. Partido que dominou a cena política nacional na gestão Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e liderou a oposição nos anos PT, o PSDB vive uma crise sem precedentes.

A bancada corre o risco de perder até 10 dos seus 31 deputados federais. Já indicaram que vão deixar o partido Rose Modesto (MS), Mara Rocha (AC) e Rodrigo de Castro (MG). Outros nomes também negociam trocar de legenda.

Parlamentares afirmam que a perspectiva de "debandada" pode ser amenizada, pois alguns deputados que pretendiam sair agora esperam eventuais federações. A bancada tucana também passou a usar como estratégia para segurar nomes a antecipação das discussões sobre partilha do fundo eleitoral entre os candidatos à reeleição em outubro.

Muitos tucanos se agarram à expectativa de uma federação considerada desafiadora com o MDB —os emedebistas também conversam com a União Brasil (fusão de DEM e PSL).

Mais factível se apresenta a federação PSDB com o Cidadania. Neste sábado (19), o partido comandado por Roberto Freire decidiu fazer federação com os tucanos.

Atualmente com 25 deputados, o PDT de Ciro Gomes deve perder cerca de cinco parlamentares, entre eles Túlio Gadêlha (PE), que já anunciou sua ida para a Rede, e Alex Santana (BA). O partido busca a adesão de outros nomes. Até o momento, conseguiu tirar David Miranda (RJ) do PSOL.

O Podemos de Sergio Moro é praticamente nanico na Câmara, com apenas 11 das 513 cadeiras. Seja qual for a movimentação partidária, ela não deve ser robusta o suficiente para tirá-lo dessa condição.

A tentativa do partido é não encolher, o que seria um desgaste que se acrescentaria à frustrada expectativa de que o lançamento da filiação de Sergio Moro levaria o partido a absorver um contingente expressivo de parlamentares.

Só foi anunciada uma migração para o partido: a de Kim Kataguiri (SP), que fez a movimentação para acompanhar o pré-candidato a governador de São Paulo Arthur do Val.

O MDB de Simone Tebet passou por encolhimento nas últimas eleições e atualmente tem uma bancada mediana, de 34 parlamentares. Não há expectativa de que isso mude. A federação com União Brasil ou com PSDB é vista como saída para aumentar o poder na Câmara e para articular palanques para a senadora.

O PSD do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), igualmente não acalenta expectativas de mudanças relevantes em sua fatia, 35 cadeiras. Uma das baixas do partido deve ser o deputado Éder Mauro (PA), alinhado ao presidente Jair Bolsonaro.

No entanto, o PSD atraiu o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (AM), e também deve receber o tucano Rodrigo de Castro (MG) e Luisa Canziani (PR), cuja desfiliação do PTB deve ser julgada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) nesta semana.

Já a União Brasil, hoje a maior bancada da Câmara, com 81 parlamentares, vai encolher após a saída em bloco de bolsonaristas do PSL rumo ao PL e outras siglas do centrão, devendo ficar com algo entre 50 e 60 parlamentares.

O partido negocia federação com o MDB e, com bem menos perspectivas, o PSDB. Também é objeto de desejo de Moro, mas há grandes resistências internas à adesão à candidatura do ex-juiz.

A situação das bancadas se mostra semelhante no Senado, com o partido do presidente Jair Bolsonaro devendo ser o grande vencedor do troca-troca de partidos.

O PL começou a atual legislatura com dois senadores, número que acabou triplicando. O grande fator de mudança foi a filiação do chefe do Executivo, que resultou na migração de seu filho, Flávio Bolsonaro (RJ), do vice-líder do governo Marcos Rogério (RO) e de Zequinha Marinho (MA).

Devem seguir o mesmo caminho o líder do governo no Congresso, Eduardo Gomes (MDB-TO), Chico Rodrigues (União Brasil- RR) e Roberto Rocha (PSDB-MA). Com isso, o PL se tornaria a terceira maior bancada do Senado.

Os senadores não precisam seguir a janela partidária, podendo trocar de legendas a qualquer momento. As demais migrações que se deram no Senado nos últimos meses serviram mais para acomodar interesses eleitorais dos próprios parlamentares.

O PT ganhou apenas um senador, Fabiano Contarato (ES), ex-Rede, que afirmou neste domingo (20) que disputará o governo do Espírito Santo. O partido tem agora sete senadores, sendo a quinta maior bancada na Casa.

O MDB de Tebet também teve só uma aquisição nos últimos meses, com Carlos Viana (MG) que deixou o PSD também com a intenção de disputar o governo de seu estado.

Assim como aconteceu na Câmara dos Deputados, a filiação do ex-juiz Sergio Moro não provocou grande impacto na bancada do Podemos, que permaneceu do mesmo tamanho, com nove senadores.

+ EXPECTATIVA DAS LEGENDAS PARA JANELA DE TROCA PARTIDÁRIA NA CÂMARA

PL Com a filiação de Jair Bolsonaro, deve ser a sigla com maior crescimento, saindo de 43 para cerca de 60 deputados

PT Deverá ficar praticamente intacto, saindo dos atuais 53 deputados para 54

MDB Com 34 deputados, não espera mudar significativamente de tamanho

PSD Não espera ter mudança significativa de tamanho em sua bancada de 35 deputados

Podemos Com 11 deputados, espera não encolher. Única adesão anunciada é a de Kim Kataguiri (SP)

PDT Deve perder cerca de 5 deputados dos atuais 25 que compõem a bancada

PSDB Rachado sobre a candidatura de João Doria, corre o risco de perder até 10 dos seus 31 deputados

União Brasil Maior bancada da Câmara com 81 parlamentares, deve encolher com a saída de bolsonaristas e ficar com algo entre 50 e 60 deputados

A sufragista Almerinda Farias Gama vota, em julho de 1933, na eleição de representantes classistas para a Assembleia Nacional Constituinte de 1934 CPDOC/FGV

Pressão de feministas levou a voto de mulheres há 90 anos

Em 1932 brasileiras passaram a ter o direito de votar e serem votadas

Renata Galf

Alzira Soriano, primeira mulher eleita no país, e a líder sufragista Bertha Lutz Fotos Funarte

SÃO PAULO "Minhas impressões? Sinto-me muito bem aqui. Que culpa tenho eu de estar sozinha?"

A frase é de Almerinda Farias Gama, em resposta a um jornalista, na ocasião em que foi a única mulher a votar e ser votada nas eleições dos deputados da classe trabalhadora para a Assembleia Constituinte de 1933.

A foto em preto e branco de Almerinda estampa até hoje diferentes textos sobre a conquista do voto feminino. Com um amplo e elegante sorriso, ela insere a cédula com seu voto enquanto é observada pelos homens ao seu redor.

Almerinda integrava a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), associação criada em 1922 e liderada por Bertha Lutz, que é tida como uma das principais pioneiras na luta pelo sufrágio das mulheres no país.

"É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo." A previsão de que as mulheres também tinham direito ao voto foi incluída pela primeira vez na legislação nacional brasileira em fevereiro de 1932.

Considerado hoje como uma das principais inovações do Código Eleitoral de 1932, que completa 90 anos e também estabeleceu o voto secreto e criou a Justiça Eleitoral, o voto feminino foi conquistado após intensa pressão e mobilização por parte dos movimentos sufragistas da época e quase nasceu com severas restrições.

A mobilização das feministas foi importante não só para pautar o voto feminino ao longo da Primeira República (1889-1930), como para pressionar para que o texto final do Código Eleitoral decretado por Getúlio Vargas não trouxesse restrições específicas às mulheres.

De acordo com o anteprojeto da lei eleitoral que veio a público em agosto de 1931, poderiam votar apenas as mulheres viúvas e solteiras com renda própria. Já as mulheres casadas, mesmo aquelas com renda própria, deveriam pedir autorização ao marido.

O texto foi alvo de críticas das feministas.

Há registros de cartas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino datadas de dezembro de 1931, destinadas a Vargas, então chefe do Governo Provisório, e aos demais membros da comissão da reforma eleitoral, defendendo que a redação ampliasse o direito ao voto sem distinção de sexo.

O país vivia um período conturbado. Em 1930, o presidente Washington Luís foi deposto e Getúlio Vargas assumiu o poder. A Constituição anterior estava suspensa, assim como as eleições, e o Congresso, fechado.

"O movimento [feminista] fez muita pressão em favor do voto sair igual ao voto masculino, como de fato saiu no final", diz Mônica Karawejczyk, que é professora da PUC-RS e autora do livro "Mulher Deve Votar? O Código Eleitoral de 1932 e a Conquista do Sufrágio Feminino".

A pesquisadora aponta também a reformulação da comissão eleitoral após o anteprojeto, com a troca de parte dos membros, como fator importante para que a regra terminasse por ser alterada.

Embora as principais restrições tenham sido retiradas em 1932, a regra ainda fazia diferença entre homens e mulheres, já que o alistamento eleitoral feminino, diferentemente do masculino, não era obrigatório.

Ao justificar a distinção, em versão comentada do código, o integrante da comissão Assis Brasil escreveu que, de partida, conceder a perfeita igualdade de política dos sexos seria "destroçar num só momento, sem uma preparação prévia, uma tradição secular e um sistema de direito privado, em que a mulher casada ainda está colocada em situação desigual à do homem".

Na Constituição de 1934, a obrigatoriedade do voto foi estendida apenas às mulheres que fossem servidoras públicas. Somente em 1946, a obrigatoriedade do voto passou a ser para ambos os sexos, sem distinção.

A introdução do voto feminino abriu caminho não só para que as mulheres votassem, mas para que fossem candidatas.

A medida foi alvo de críticas à época, como do então ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Antônio Bento de Faria.

"Ao direito de voto corresponde o de ser votado, mas seria de um ridículo incomensurável tornar acessível à mulher a chefia suprema da nação, permitindo-lhe a possibilidade de assumir a direção suprema das forças de terra e mar!!!"

Apenas uma mulher foi eleita para a Assembleia Constituinte em 1933: a paulista Carlota de Queirós. Já Bertha Lutz ficou na suplência. Entre os deputados classistas, Almerinda Farias não foi eleita.

De acordo com a Constituição anterior, o direito de ser alistado como eleitor estava entre as condições de elegibilidade para o Congresso Nacional.

Mesmo com o marco histórico da conquista do voto feminino, boa parte das mulheres e da população negra e pobre continuaria excluída do direito ao voto por muitas décadas. Apenas em 1985, tal direito foi ampliado aos analfabetos.

Apesar do papel que as sufragistas desempenharam, a professora Mônica (PUC-RS) aponta que ainda há pouca pesquisa sobre a história dessas mulheres e sobre as associações feministas.

"A gente sabe pouco sobre isso, a gente não sabe quase nada. Essas mulheres do período ainda estão encobertas", diz ela, que aponta os jornais da época como uma das principais fontes de informação sobre o tema.

Além da Federação liderada por Bertha, que acabou ficando mais conhecida, a pesquisadora destaca, por exemplo, o papel de outras associações na aprovação do voto feminino, como a Aliança Nacional de Mulheres (ANM), fundada pela gaúcha Nathercia Silveira, e a Associação Batalhão Feminino João Pessoa (ABFJP), da mineira Elvira Komel.

A questão da invisibilidade de parte das pioneiras pelo sufrágio é um dos pontos destacados pela jornalista e doutoranda da UnB (Universidade de Brasília) Patrícia Cibele da Silva Tenório, que em sua dissertação de mestrado buscou resgatar a trajetória de Almerinda Farias Gama, depois de se deparar com a foto dela votando.

"Quem é a mulher atrás da foto? Essa é a pergunta que eu me fiz o tempo todo e aí fui nessa pesquisa que foi uma jornada de encontrar o que eram vestígios", conta.

Mulher negra e datilógrafa, Almerinda era um ponto fora da curva entre as mulheres que integravam a liderança da Federação, em geral composta por mulheres brancas e de classes altas, aponta Patrícia Cibele.

Como presidente do Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos do Distrito Federal, Almerinda foi a única mulher, entre 272 representantes, a votar como delegada na eleição que escolheu os deputados classistas para a Constituinte.

"É importante pensar que a presença da Almerinda naquele espaço é fruto de uma estratégia feminista para colocar uma mulher naquela eleição", diz.

Em linhas gerais, tratava-se de uma experiência introduzida por Vargas que dava espaço no Congresso a representantes de sindicatos autorizados pelo governo.

Em sua pesquisa, Patrícia Cibele identifica que a formalização do sindicato e a escolha de Almerinda como presidente se deu a menos de um mês da eleição, próximo ao prazo limite. "Elas criam um sindicato que é quase um sindicato de fachada. Elas iam mapeando qualquer possibilidade de participação política e as feministas iam tentando entrar."

Antes de Vargas tomar o poder, diferentes projetos de lei já tinham sido apresentados na Câmara e no Senado por congressistas que apoiavam o sufrágio feminino, mas enfrentavam forte oposição.

Em 1917, por exemplo, o projeto do deputado Maurício de Lacerda que incluía o voto feminino foi arquivado pela Comissão de Constituição e Justiça por considerá-lo inconstitucional.

As propostas seguintes não chegaram a ser declaradas inconstitucionais, mas tampouco foram aprovadas.

Outra protagonista da luta pelo sufrágio foi a professora Leolinda Daltro, que em 1910 fundou o Partido Republicano Feminino, como forma de congregar apoio à causa. É dela o primeiro registro formal ao Congresso solicitando que fosse aprovado o voto feminino em 1916.

Desde a primeira Assembleia Constituinte republicana, após a proclamação da República, as mulheres acreditavam que a mudança seria incorporada. Emendas prevendo tal direito de modo explícito, contudo, foram rejeitadas.

A Constituição de 1891 previa: "são eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei." Estavam excluídos explicitamente os mendigos, os analfabetos, os praças de pré (militares de baixa patente) e religiosos de ordens.

Caso tivesse aprovado a mudança, o Brasil teria sido pioneiro em estender o direito de voto às mulheres. Em 1893, a Nova Zelândia foi o primeiro país a aprovar o voto feminino.

Ao longo da Primeira República, diferentes mulheres que tentaram se alistar como eleitoras tiveram seus pedidos negados com base na redação, apenas no masculino, do texto constitucional.

Em 1927, a legislação eleitoral do estado do Rio Grande do Norte foi a primeira a permitir o alistamento de mulheres.

"No Rio Grande do Norte poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei", estabelecia o texto. Os poucos votos femininos, contudo, foram considerados inválidos pelo Senado.

É também do Rio Grande do Norte a primeira mulher eleita prefeita no Brasil. Em 1928, Alzira Soriano venceu a eleição à Prefeitura de Lajes, município do interior do estado, pelo Partido Republicano.

Já Antonieta de Barros foi, em 1935, a primeira mulher negra a ocupar um mandato eletivo, ao ser eleita deputada estadual de Santa Catarina.

Ainda hoje, porém, a presença de homens e mulheres em espaços de poder segue desigual. Hoje o Rio Grande do Norte é o único estado que possui uma mulher, Fátima Bezerra (PT), à frente do governo estadual. Em 1994, Roseana Sarney, no Maranhão, foi a primeira mulher eleita governadora.

Dilma Rousseff, em 2010, foi eleita a primeira e única presidente mulher do país. Entre os pré-candidatos à Presidência cotados até o momento, há apenas uma mulher na disputa: a senadora Simone Tebet (MDB).

> "Minhas impressões? Sinto-me muito bem aqui. Que culpa tenho eu de estar sozinha?"
>
> **Almerinda Farias Gama**
> em resposta a um jornalista após ser a única mulher a votar e ser votada nas eleições dos deputados da classe trabalhadora para a Assembleia Constituinte de 1933

> "O movimento feminista fez muita pressão em favor do voto sair igual ao voto masculino, como de fato saiu no final"
>
> **Mônica Karawejczyk**
> Professora da PUC-RS e autora do livro "Mulher Deve Votar? O Código Eleitoral de 1932 e a Conquista do Sufrágio Feminino"

> "É importante pensar que a presença da Almerinda [Farias Gama, única mulher a votar e ser votada nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1933] naquele espaço é fruto de uma estratégia feminista para colocar uma mulher naquela eleição"
>
> **Patrícia Cibele da Silva Tenório**
> jornalista e doutoranda pela UnB

Entidades temem que TSE imponha sigilo a doações eleitorais

Aplicação da lei de proteção de dados (LGPD) expõe conflito entre direito à privacidade e interesse público

Uirá Machado

SÃO PAULO Entidades que defendem a transparência das informações públicas estão preocupadas com a possibilidade de o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) impor sigilo sobre dados de doadores eleitorais e de pessoas que prestem serviços para campanhas.

A discussão se dá num processo em que o TSE analisa a aplicação da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) no contexto eleitoral. A corte criou um grupo de trabalho e tem colhido sugestões sobre o tema. Ainda não há prazo para julgamento em plenário.

A falta de decisão sobre o assunto ligou o alerta de organizações que integram o Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas. Na última quarta-feira (16), elas tiveram uma audiência com o ministro Edson Fachin, atual relator do caso e presidente do TSE a partir do dia 22.

No encontro, relataram o receio de que uma determinada leitura da LGPD leve a corte a privilegiar a proteção dos dados pessoais em detrimento da transparência, subvertendo o princípio da Lei de Acesso à Informação (LAI) segundo o qual a publicidade deve ser a regra, e o sigilo, a exceção. Na avaliação dessas organizações, seria um retrocesso.

O advogado Marcelo Issa, da Transparência Partidária, defende que os dados sobre doadores são de interesse público. "É fundamental para um voto consciente o eleitor ter conhecimento de quem são os financiadores de uma candidatura", afirma.

Além disso, diz ele, a divulgação de dados que permitam identificar doadores e prestadores de serviços ajuda no controle social exercido pela imprensa e pela sociedade .

"É um papel auxiliar em relação aos órgãos oficiais no que se refere à pesquisa de indícios de irregularidades no financiamento eleitoral, por exemplo. Indícios esses que nem sempre viriam à tona se não fosse esse trabalho", diz Issa.

Como a LGPD não tem nenhuma regra específica sobre doações eleitorais, cabe ao TSE arbitrar o conflito entre o princípio da privacidade e o do interesse público.

Por meio da assessoria de imprensa, o tribunal afirmou que a transparência dos dados de interesse público ou coletivo é regulada pela LAI e que a LGPD trata de dados pessoais.

"Cada uma tem um âmbito de atuação. (...) O TSE entende que a LAI e a LGPD devem ser interpretadas em conjunto, de forma sistemática e à luz da Constituição."

Enquanto essa interpretação não chega, continua valendo a publicidade das últimas eleições.

Juliana Sakai, da Transparência Brasil, lembra que o STF (Supremo Tribunal Federal) já decidiu que é legal divulgar salários de servidores na internet e que isso poderia ser usado para balizar o debate sobre dados de doadores.

"Se por acaso os dados não forem mais abertos, a gente não vai mais conseguir rastrear como os doadores estão se movimentando, para onde está indo o dinheiro de quem. Não vai ser possível enxergar as autodoações. Não vai dar para saber se a pessoa está respeitando as restrições legais", diz ela.

A Lei Eleitoral fixa um limite de 10% dos rendimentos brutos do doador no ano anterior ao do pleito. A mesma lei determina que os partidos, na prestação de contas, divulguem nome e CPF dos colaboradores e os respectivos valores repassados.

O ministro do STF Edson Fachin, que assumirá a presidência do TSE na próxima terça-feira (22) Abdias Pinheiro - 28.out.2021/Divulgação TSE

Em contrapartida, a LGPD caracteriza como sensíveis os dados relativos à filiação partidária. Por esse motivo, no ano passado o TSE decidiu retirar do ar as bases de dados com essas informações.

Na época, Simone Trento, juíza auxiliar da presidência do TSE, afirmou que muitas pessoas relataram ao tribunal que tinham perdido oportunidades de emprego por serem filiadas a um partido.

Sakai e Issa consideram a medida um equívoco, por suprimir o acesso a informações relevantes para análises sobre os partidos políticos, e defendem que ela seja revista.

A advogada Ana Tereza Basilio, presidente do Ibradados (Instituto Brasileiro de Estudos em Proteção de Dados), não vê espaço para essa revisão. De acordo com ela, os dados sobre filiação partidária só podem ser disponibilizados com a autorização do detentor.

Além disso, Basilio, que foi juíza do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, afirma que a divulgação indiscriminada dos patrocinadores de campanhas acabaria por revelar dados que a LGPD classifica como sensíveis.

Até por isso, ela diz: "Creio que haverá uma mudança procedimental no tratamento dos dados, mas sem deixar de atender ao princípio da transparência".

Destacando que a publicidade dos financiamentos de campanhas é um avanço democrático, Basilio diz que o sigilo não necessariamente compromete a transparência.

"O desafio agora é encontrar um ponto de equilíbrio entre a preservação dos dados sensíveis das pessoas e a transparência nas eleições", diz.

"É certo que as estruturas necessárias para a fiscalização do processo eleitoral, como tribunais eleitorais, continuarão tendo acesso aos dados e fiscalizando o processo de financiamento", afirma Basilio.

Gregory Michener, professor da FGV-Ebape (Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas do Rio de Janeiro), diz que, nessa tensão entre o direito de saber quem está financiando candidaturas e o direito à privacidade, não é prudente buscar uma solução de transparência total ou de sigilo absoluto.

"A solução encontrada no Canadá, por exemplo, é que uma doação acima de C$ 200 [cerca de R$ 800] implica transparência pública. Abaixo dessa quantia, fica privada", diz Michener.

Outra opção, diz ele, é combinar um teto com opções de publicidade: a) transparência de nome; b) transparência de CPF; c) nenhuma transparência. Com isso, os órgãos de controle teriam uma média da transparência entre os partidos e poderiam apertar o cerco sobre aqueles que se desviassem muito do padrão.

Ele também fala em transparência voluntária como uma alternativa. "Muitos querem ser reconhecidos por sua doação. Não podemos assumir que todo mundo prefira a privacidade."

ES e PB são novos obstáculos para federação entre PT e PSB

Candidatura Contarato (PT) e ida de Azevêdo para o PSB complicam acordo

João Pedro Pitombo

Lula (PT) cumprimenta o senador Fabiano Contarato (PT-ES) Ricardo Stuckert/Divulgação

SALVADOR Os anúncios do lançamento da pré-candidatura do senador Fabiano Contarato, do PT, ao governo do Espírito Santo e da filiação do governador da Paraíba, João Azevêdo pelo PSB, realizados no último fim de semana, complicaram o cenário político para a formação de uma federação entre os dois partidos.

As negociações entre PT e PSB se arrastam há semanas e esfriaram nos últimos dias após o acirramento do imbróglio em torno da definição do candidato do grupo ao governo São Paulo, pleiteada pelo ex-governador Márcio França (PSB) e pelo ex-prefeito Fernando Haddad (PT).

A federação daria suporte à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao Planalto em um desenho que teria o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (sem partido) como candidato a vice-presidente pelo PSB.

Na noite de sábado (19), Contarato anunciou que o PT do Espírito Santo decidiu lançar oficialmente sua pré-candidatura ao governo do estado. Com isso, ele deverá enfrentar no pleito o atual governador Renato Casagrande (PSB), que disputa a reeleição.

"Fico imensamente feliz e animado com a decisão do Partido dos Trabalhadores do Espírito Santo em lançar oficialmente meu nome como pré-candidato a governador, conforme o diretório ampliado acaba de anunciar", afirmou o senador no Twitter.

O presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, afirmou que é um direito do PT lançar seu próprio candidato ao governo do Espírito Santo, mas se disse otimista quanto à possibilidade de um acordo entre Contarato e Casagrande.

Também destacou que as negociações sobre a federação seguem em curso: "O problema da federação é um possível desequilíbrio que pode haver entre partidos grandes, médios e pequenos. Após a conclusão da proposta, vamos fazer a discussão interna e ver se ela é aceitável ou não. Se não for, não haverá problema".

A candidatura também é uma resposta a Casagrande, que recebeu no início do mês o pré-candidato à Presidência Sergio Moro (Podemos).

À **Folha**, ele rebateu petistas que o criticaram pelo gesto e disse que estes agem com arrogância e como "guardiães da pureza ideológica".

"Eu tenho 34 anos de PSB. O que me assusta é o autoritarismo de algumas pessoas que reagem de forma arrogante e prepotente devido a uma conversa. É preciso ter humildade, saber que o diálogo faz parte, é base da democracia", afirmou.

Neste domingo (20), a parceria sofreu um novo golpe com o anúncio da filiação ao PSB do governador da Paraíba, João Azevêdo (Cidadania), um dia depois do seu partido aprovar a criação de uma federação com o PSDB.

Pesou na decisão o fato de o PSDB ter o governador de São Paulo, João Doria, como pré-candidato ao Planalto. Azevêdo tem indicado que vai apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em outubro.

Os tucanos são oposição na Paraíba e têm como pré-candidato ao governo o deputado federal Pedro Cunha Lima (PSDB), filho do ex-governador Cássio Cunha Lima.

"O governador já vinha sinalizando que, se fosse aprovada a federação com o PSDB, ele não teria condições de permanecer no Cidadania", afirma o presidente estadual do partido, Ronaldo Guerra.

A filiação de João Azevêdo ao PSB está agendada para a próxima quinta-feira (24), em João Pessoa, e marca sua volta à sigla após pouco mais de dois anos. Ele havia deixado a legenda em dezembro de 2019 após romper o com seu então padrinho político, o ex-governador Ricardo Coutinho, hoje filiado ao PT.

Siqueira afirma que a filiação de Azevêdo ao PSB é positiva e fortalece o palanque do ex-presidente Lula na Paraíba.

"Ele está afinadíssimo no apoio a Lula", afirma Siqueira, que destaca que as negociações em torno da federação estão abertas.

Coutinho, por outro lado, classifica a filiação de Azevêdo como um obstáculo nas negociações da federação.

"[Afiliação de Azevêdo] simboliza uma ação do PSB no sentido de rejeitar a federação porque a Paraíba não estava na mesa de negociação. Talvez seja simplesmente mais uma tentativa do PSB de criar obstáculos", afirmou.

Nesta segunda (21), em um ato em João Pessoa, Coutinho lançará sua pré-candidatura ao Senado ao lado do senador Veneziano Vital do Rego (MDB), que pretende concorrer ao Governo da Paraíba em oposição a Azevêdo.

O petista defende a aliança com o MDB no estado, diz ser esse o "caminho natural das forças progressistas" da Paraíba e destaca que Azevêdo tem aliança local com a União Brasil e conversas em curso com PP para formar sua chapa.

"A opção do governador pelo PSB me parece uma tentativa de iludir a população no que se refere ao apoio ao presidente Lula. Não é afinidade ideológica, é uma pegadinha", diz o ex-governador, que tem relação próxima com o ex-presidente petista.

A filiação de Coutinho rachou o PT na Paraíba. Uma parcela da legenda alinhou-se ao ex-governador e defende a composição com o MDB.

Outra parte é aliada do governador João Azevêdo e defende a sua reeleição. Esse segmento do partido faz parte da gestão na Paraíba e ocupa a secretaria estadual de Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido.

Neste domingo, a direção local do PT divulgou um manifesto com mais de 100 assinaturas em favor da aliança entre João Azevêdo e Lula.

Para Ronaldo Guerra, aliado do governador, o PSB da Paraíba não será um entrave na formação da federação com o PT, mas caberá aos petistas decidirem se apoiarão a reeleição de Azevêdo em outubro.

"Estimamos que cerca de 75% do PT na Paraíba apoie o governador. Mas isso é um problema interno do partido, a bola está com eles", afirma. Coutinho, pelo contrário, diz que a maioria dos petistas está na oposição ao governador.

Filiado ao Cidadania desde janeiro de 2020, Azevêdo ajudou a robustecer o partido na Paraíba. Na eleição municipal, a legenda saiu de 1 para 46 prefeitos no estado e tinha como meta eleger ao menos dois deputados federais. A tendência é que seu grupo político o acompanhe no PSB.

Bolsonaro pede bênção a papai Orbán

Viagem-manifesto do presidente foi spoiler de seus próximos movimentos

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Com dois anos de atraso, Bolsonaro finalmente conseguiu fazer a viagem-manifesto que queria. Bolsonaro planejava visitar os líderes autoritários de Hungria e Polônia em 2020, na mesma época em que começou a convocar atos golpistas, mas foi impedido pela pandemia.

Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, foi um dos poucos chefes de Estado que compareceram à posse de Jair. Logo depois da eleição, Eduardo Bolsonaro foi a Budapeste e voltou dizendo que havia aprendido como se lida com a imprensa. Na semana passada, a viagem-manifesto finalmente aconteceu.

Antes de Budapeste, Jair encontrou-se com Vladimir Putin, a matriz de todos os novos autoritários. Ninguém duvida que Putin é o ditador da Rússia. Mas quando foi o golpe de Estado? Nunca. Putin progressivamente foi perseguindo a imprensa, aparelhando as instituições, e, em algum momento, os russos acordaram sem a chance real de alternância de poder.

O prestígio de Putin na Rússia é, até certo ponto, compreensível: a transição pós-comunista na Rússia foi mais desastrosa do que qualquer coisa que nós, aqui no Brasil, tenhamos visto em tempos modernos: o PIB caiu 30%, o Estado colapsou, a expectativa de vida desabou, a bolsa quebrou em 1999. Putin não conseguiu recolocar a Rússia no caminho do desenvolvimento, mas, ao menos, deu a impressão de parar a queda.

Orbán não tem nenhuma dessas desculpas. A Hungria teve uma transição pós-comunista incomparavelmente mais tranquila, voltou a crescer em poucos anos, estabeleceu uma democracia razoavelmente sólida, entrou para a União Europeia e passou a ser considerada um caso de sucesso por todas as agências internacionais. Foi essa democracia, muito mais robusta do que a russa, que Orbán destruiu.

Como que o Jair não ia gostar disso?

Orbán governou dentro das regras por todo seu primeiro mandato, como Chávez também fez. Nisso, ambos foram muito mais moderados que Bolsonaro. Daí em diante, Orbán foi desmontando a democracia húngara pouco a pouco. A idade de aposentadoria dos juízes da Suprema Corte foi reduzida, como a bolsonarista Bia Kicis vem tentando fazer no Brasil, permitindo que Orbán enchesse o tribunal de Augustos Aras húngaros.

Sem a ameaça de controle constitucional pela suprema corte, Orbán modificou regras eleitorais para favorecer seu partido. Destruiu a mídia independente húngara com a suspensão de propaganda oficial em veículos críticos (como Bolsonaro ameaçou fazer com **Folha** *e Globo) e a aquisição, por seus aliados, das empresas de comunicação por "Jovem Pans" húngaras. Usou extensivamente a corrupção para ameaçar empresários que não o apoiassem e para favorecer seus Véios da Havan.*

Também há fortes suspeitas de que Bolsonaro não foi visitar Putin às vésperas de uma guerra, desestabilizando a relação do Brasil com Washington, para comprar bonequinhas matrioscas. Não se deve exagerar a importância dos ataques cibernéticos russos nas vitórias do Brexit ou de Trump; mas eles ajudaram a bagunçar processos eleitorais difíceis.

De novo: como que o Jair não ia gostar disso?

Enfim, a viagem-manifesto de Bolsonaro por Rússia e Hungria foi um spoiler dos próximos movimentos de Bolsonaro: melar a eleição e iniciar uma transição autoritária em seu segundo mandato.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Atrito sobre federação não afasta Alckmin do PSB

Formação de chapa com Lula está acertada e, ainda que aliança dê errado, outras siglas são opções para o ex-tucano

Carolina Linhares

SÃO PAULO O ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido), que acertou com o ex-presidente Lula (PT) a composição como candidato a vice-presidente em sua chapa, busca blindar seu acordo do imbróglio na relação entre PT e PSB, seu provável partido.

Como mostrou a **Folha**, o acerto entre os partidos desandou, e a federação se tornou uma dúvida —embora o apoio do PSB à eleição de Lula esteja garantido até agora.

Considerando que a aliança nacional está preservada em qualquer cenário, petistas e aliados de Alckmin ainda mantêm a aposta de que o ex-governador se filiará ao PSB.

Alckmin tem dito que escolherá seu partido em março, mês em que ele e Lula pretendem anunciar publicamente a chapa. O ex-governador também tem como opções o PV, o Solidariedade e o PSD.

No centro da contenda entre PT e PSB está a eleição em São Paulo, em que o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e o ex-governador Márcio França (PSB) pretendem concorrer.

De acordo com aliados de Alckmin ouvidos pela **Folha**, a chapa com Lula está mais do que acertada. O petista já deu entrevistas confirmando sua escolha, e o ex-governador o elogiou em reunião com sindicalistas na quinta-feira (17).

A única pendência é a filiação de Alckmin. Interlocutores do ex-governador afirmam que ele tende ao PSB, partido que abriga aliados dele e que tem estrutura e porte para gestar um eventual vice-presidente da República.

Petistas e pessebistas o veem desvinculado do dilema da federação. De acordo com esses políticos, a aliança do ex-governador e de Lula independe da aliança formal de quatro anos e pode se dar com Alckmin em qualquer partido.

"A gente concorda com a indicação de Alckmin [para a vice] esteja ele onde estiver. Em relação à federação, vamos tentar até o fim encontrar uma solução", afirma França à **Folha**.

Outros nomes próximos do ex-governador afirmam que, a seu tempo, a federação deve, sim, sair do papel.

O ex-governador estaria inclusive recomendando que aliados se filiem ao PSB. Críticos de seu posicionamento pró-Lula, tucanos do time de Alckmin afirmam que a grande maioria do seu grupo político não deve segui-lo e que sua imagem pública foi maculada pela mudança abrupta de lado.

Na eventualidade de um desentendimento total entre PT e PSB, algo que hoje soa improvável para os políticos envolvidos nas negociações, Alckmin traçou sua rota de fuga via PV ou Solidariedade, partidos menores, mas que já deram a certeza do apoio ao PT.

Na semana passada, em encontro com o presidente do PV, José Luiz Penna, Alckmin voltou a externar sua simpatia pela sigla. Segundo Penna, o ex-governador é um amigo do partido, mas não deu sinais de qual vai ser sua escolha.

"É um absurdo as pessoas não compreenderem a grandeza do gesto de Alckmin. É uma pessoa que tinha uma condição confortável para voltar ao Governo de São Paulo, mas abre mão porque tem a visão da necessidade de uma união nacional para corrigir o roteiro macabro de [Jair] Bolsonaro", diz o dirigente.

A hipótese de filiação ao PSD, incentivada por petistas que querem amarrar o apoio do partido logo no primeiro turno, não é descartada, mas é considerada bastante improvável. Justamente porque o presidente da sigla, Gilberto Kassab, resiste a embarcar na candidatura de Lula no próximo mês e planeja fazê-lo somente no segundo turno.

Kassab, que chegou a admitir uma aliança com Lula no primeiro turno, segue demonstrando que prefere um candidato próprio ao Planalto —busca filiar o governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB), já que o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), deve recusar a candidatura.

A estratégia de Kassab é manter-se neutro na polarização entre Lula e o presidente Jair Bolsonaro (PL) para tentar garantir a eleição de uma bancada expressiva no Congresso Nacional. Já o PT, como mostrou a coluna Mônica Bergamo, ampliou a oferta ao partido e insiste no apoio, o que poderia ter a filiação de Alckmin como peça-chave.

Contra essa configuração pesa o ruído na relação entre Alckmin e Kassab depois que o ex-governador declinou o convite da sigla para concorrer novamente ao Governo de São Paulo e preferiu se lançar na disputa nacional como vice.

Aliados de Alckmin afirmam que ele espera a tormenta entre PSB e PT se dissipar para anunciar sua filiação. O ex-governador demonstrou preocupação com a discórdia diante da escolha entre Haddad e França.

Na reunião com Penna, na segunda-feira (14), Alckmin pediu ajuda para tentar resolver a situação.

"Ele acha que a grande missão da gente, o que ele deixou explícito, é que devemos trabalhar para aproximar o Márcio [França] do [Fernando] Haddad. É como se fosse a missão dele. Pediu a nossa ajuda", disse Penna ao Painel, acrescentando que Alckmin não demonstrou preferência por um ou outro.

Alckmin esteve com Lula em um jantar na casa de Haddad no último dia 11 —França não participou. O ex-governador encontrou o líder do PSB dois dias depois, no domingo (13).

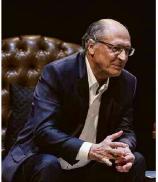
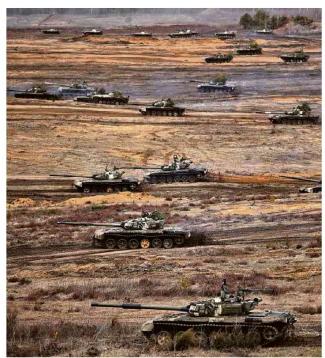
O ex-tucano já se comprometeu a ajudar Haddad na campanha em São Paulo. Se a federação não vingar, Haddad e França podem se tornar adversários nas urnas, cenário já cogitado por ambas as campanhas. Nesse caso, Lula e Alckmin apoiariam o ex-prefeito, enquanto Alckmin também apoiaria França, que foi seu vice.

De toda forma, interlocutores de Alckmin e de França afirmam que, para evitar a situação delicada de um palanque duplo, os pré-candidatos ainda mantêm a esperança de uma unidade —cada vez mais complicada diante da irritação de petistas com as condições impostas pelo presidente do PSB, Carlos Siqueira.

O que França propõe é que as pesquisas indiquem quem deve ser candidato, mas falta definir qual sondagem e em que momento. Até agora, Haddad está à frente nos levantamentos.

O ex-governador Geraldo Alckmin Eduardo Knapp - 12.nov.21/Folhapress

mundo

Tanques em exercícios conjuntos de Rússia e Belarus no sábado, na região de Brest Divulgação Ministério da Defesa da Rússia - 19.fev.22/AFP

Rússia mantém tropas na Belarus e aumenta tensões

Exercícios pressionam Kiev; Macron diz que Putin e Biden toparam reunião

Igor Gielow

MOSCOU No dia em que o temido exercício conjunto entre Rússia e Belarus nas fronteiras da Ucrânia deveria acabar, a ditadura de Minsk anunciou que os 30 mil soldados e equipamentos militares de Vladimir Putin ficarão onde estão.

O anúncio coube ao Ministério da Defesa da Belarus, que citou "inspeções" que continuariam a ser feitas nas tropas mobilizadas por dez dias devido à tensão apontada no Donbass (leste ucraniano). A região, dominada desde 2014 por separatistas apoiados pelo Kremlin, registrou um domingo de explosões misteriosas e troca de tiros na linha de frente com as forças de Kiev.

Só há duas hipóteses para a manutenção das tropas, movimento de resto negado repetidas vezes pelo Kremlin e pelo ditador Aleksandr Lukachenko, que passou a sexta (18) e o sábado com Putin.

Numa, o temor do Ocidente se confirma: as manobras não passavam de preparação para um ataque direto a Kiev, conforme sugeriu na quinta (17) o presidente dos EUA, Joe Biden. A fronteira da Belarus fica a 200 km da capital ucraniana.

Nesse cenário, a escalada militar no Donbass não passa de uma farsa mal elaborada a fim de arrumar um pretexto para a Rússia agir. Nas TVs russas, as chamadas falam em "Kremlin nega invasão, mas vai proteger cidadãos".

Há outros sinais estranhos, a começar pela troca de fogo na linha de contato entre separatistas e ucranianos, que entra no domínio das fake news insondáveis. Foram, diz Kiev, mais de cem violações de cessar-fogo no domingo. Além disso, o exame de metadados de vídeos gravados pela liderança separatista em Donetsk e Lugansk mostra que eles foram feitos antes da divulgação, inclusive uma suposta ação contra "sabotadores poloneses" num gasoduto.

Tudo isso deságua no que o britânico Boris Johnson chamou de o maior risco de guerra na Europa desde 1945 (fim do segundo conflito mundial). "Estamos falando de guerra onde não há guerra há 70 anos", afirmou a vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, que estava na Conferência de Segurança de Munique.

A segunda hipótese é aquela que analistas próximos do Kremlin apontam como mais provável. Todo o acima é verdade, mas a função não é precipitar uma guerra, mas sim forçar uma saída diplomática que agrade a Putin e faça valer sua nova postura de uso de força militar —chamada pelo secretário-geral da Otan de "o novo normal na Europa".

Putin falou nesta tarde (manhã no Brasil) por 1h45min com Emmanuel Macron, naquilo que o governo francês chamou de "a última tentativa possível" de resolver a crise sem tiros. Foi a quinta interação entre eles na crise neste ano. Ambos concordaram em buscar mais uma rodada diplomática, talvez envolvendo os dois, o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, e o premiê alemão, Olaf Scholz. É o chamado formato Normandia.

O francês ligou na sequência para Zelenski, Biden e Putin de novo. Segundo o Palácio do Eliseu, o russo e o americano aceitaram a proposta de uma nova cúpula —sem data definida e, por óbvio, caso não haja invasão até lá. Na quinta (24), os chefes das diplomacias devem se encontrar.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, detalhou a uma TV alemã as sanções que seriam impostas a Moscou —só em caso de invasão, ressaltou—, impactando o acesso ao mercado financeiro internacional e a bens "de que o país precisa com urgência para modernizar e diversificar a economia".

Do lado americano, a pressão seguiu, com o vazamento para a rede CBS de uma suposta avaliação de inteligência dizendo que as ordens para uma invasão já haviam sido dadas. Autoridades americanas continuaram tocando os tambores da guerra nas outras redes de TV. O secretário de Estado, Antony Blinken, disse à NBC que o risco de invasão é "mortalmente sério" e o de Defesa, Lloyd Austin, afirmou à ABC que Putin montou tudo para uma "invasão bem-sucedida".

As retiradas parciais de tropas russas, tônica da semana em Moscou, pararam de ser anunciadas. A mobilização começou em novembro passado, quando Putin começou a colocar o que os EUA dizem ser de 150 mil a 190 mil soldados em torno da Ucrânia. Concomitantemente, ele emitiu um ultimato seco com suas intenções: acabar com o avanço da Otan, e por silogismo da estrutura da União Europeia, no antigo espaço soviético.

Desde o fim da Guerra Fria, a Rússia perdeu áreas que a separavam de forças ocidentais. Putin começou a reação em 2008, guerreando na Geórgia, seguindo para a crise de 2014.

Naquele ano, revoltas com apoio do Ocidente derrubaram o governo pró-Kremlin em Kiev. A reação foi anexar a Crimeia e fomentar a guerra civil no Donbass. Mas o russo nunca quis absorver o leste ucraniano, pelo custo que isso teria. A intenção era manter a Ucrânia dividida e impossibilitada de entrar na aliança.

Até aqui, deu certo. Quando Biden diz que vai aplicar novas sanções aos russos, Putin faz como fez no sábado, quando deu de ombros numa entrevista com Lukachenko. Ele conta com os US$ 640 bilhões de reservas, a ajuda eventual da aliada China e, acima de tudo, com o temor europeu de ver o fornecedor de 40% de seu gás natural de fechar torneiras.

Ainda assim, o presidente russo foi em frente e estabeleceu a crise atual, visando cristalizar a situação. O risco, óbvio, é de que ele surpreenda os que acreditam na pressão contínua sem ir ao fim e, como em 2014, aja militarmente.

Uma invasão total da Ucrânia parece difícil pelos custos humanos e políticos. Já uma ação mais limitada no Donbass, talvez reconhecendo as chamadas repúblicas rebeldes e as inundando de tropas, seria menos custosa —numa de suas proverbiais incontinências verbais, Biden sugeriu dias atrás que a Europa estaria dividida acerca de como reagir a uma incursão reduzida.

Putin agora parece ter na mão os instrumentos para fazer valer os vaticínios do Ocidente, que até aqui só fez escalar a crise na retórica, ou para humilhar os oponentes se extrair as concessões que quer de Kiev e obrigar o governo de Zelenski a se acertar com os seus vassalos do Donbass.

Obviamente, tudo isso pode dar errado e descambar para uma guerra, ainda que os países que lideram a Otan já tenham errado a data de início dela ao menos três vezes —a última era este domingo.

Leia mais em Esporte, na pág. B6

Scholz tenta reverter imagem de apagado na Alemanha e fora dela

Michele Oliveira

MILÃO Quando assumiu como premiê da Alemanha em dezembro, Olaf Scholz tinha uma lista pouco desdenhável de possíveis dificuldades. Além de substituir a poderosa Angela Merkel, havia a Covid-19 em uma onda recorde de casos e a crise climática, com ambiciosas metas a serem alcançadas. Mas logo despontou a crise na Ucrânia.

O aumento na tensão não era exatamente inesperado, posto que Vladimir Putin começou a mobilizar tropas em novembro, mas a reação do governo alemão colocou Scholz em uma posição inicial vista, interna e externamente, como excessivamente retraída —reforçando, de certa forma, a imagem de tecnocrata previsível que o político tinha na campanha.

Maior democracia da Europa, maior economia da zona do euro e localizada estrategicamente entre os dois polos da crise, a Alemanha tinha, sob a carismática Merkel, um histórico de mediação com a Rússia de Putin.

Em janeiro Berlim falou em pagar o preço para retaliar Moscou em caso de invasão na Ucrânia, mas os riscos econômicos certamente são ponderados. Cerca de metade do gás consumido no país é importado dos russos e, entre os dois países, o novo gasoduto Nord Stream 2 espera as tensões passarem para entrar em operação —Joe Biden disse que isso não vai acontecer em caso de ataque, mas não foi secundado integralmente pelo alemão.

Ante a postura dúbia, no começo do mês a Alemanha foi chamada de "hipócrita" pela Letônia, Scholz, de "invisível" pela imprensa, e sua aprovação caiu 17 pontos percentuais, para 43%.

"Scholz tem um perfil mais conciso e discreto, mas já percebeu que é preciso explicar constantemente as ações do governo. Foi uma curva de aprendizagem profunda", avalia Henning Hoff, do Conselho Alemão de Relações Exteriores em Berlim.

Depois de virar hashtag com a pergunta "Onde está Scholz?", o premiê inaugurou uma conta oficial no Twitter no dia 13 (além da pessoal), como parte uma tentativa de virada em seu estilo. Após visitar Biden, foi a Kiev e Moscou em dias consecutivos.

Ao lado de Volodimir Zelenski, disse que a questão da entrada da Ucrânia na Otan "não estava posta na prática". Em Moscou, a sua chegada se seguiu um anúncio por Putin do início da retirada de parte das tropas perto da fronteira —refluindo tensões que depois voltariam a se acentuar.

Neste sábado (19), o premiê recepcionou outros líderes na anual Conferência de Segurança de Munique, na qual falaram sobre a crise o britânico Boris Johnson, a vice-presidente dos EUA Kamala Harris e Zelenski.

Se nada de mais substantivo resultou da ação do alemão, Julia Friedrich, pesquisadora do Global Public Policy Institute, vê dois pontos que sinalizaram uma mudança na postura de Scholz. Em entrevistas concedidas após o encontro com Putin, ele criticou o fechamento da ONG de direitos humanos Memorial, em dezembro, e a prisão do opositor Alexei Navalni.

Hoff destaca outro momento. Ao repetir que a entrada da Ucrânia na Otan não está na pauta, emendou: "Não sei por quanto tempo o presidente [Putin] pretende ficar no cargo. Tenho a sensação de que será por um bom tempo, mas não para sempre". Como escreveu Constanze Stelzenmüller, do Instituto Brookings, no Financial Times, não é todo dia que alguém chama Putin de ditador em sua própria cara, ainda que implicitamente.

Por outro lado, segundo Friedrich, o premiê manteve a posição ambígua em relação ao Nord Stream 2, sem ter citado o gasoduto ao falar sobre possíveis sanções. "Pode-se interpretar isso de forma positiva, que as ações serão duras quando for a hora, ou negativa, que ele tenta evitar uma declaração porque procura manter o projeto."

A questão é delicada também dentro da coalizão que sustenta Scholz —formada pelo seu partido, o SPD (social-democrata), pelos Verdes e pelos liberais do FDP. A legenda ambientalista se declarava contrária ao gasoduto mesmo antes da eleição, e no próprio SPD reside um grande constrangimento.

Dias antes de Scholz viajar, foi anunciado que o ex-premiê Gerhard Schröder (1998-2005) seria nomeado para o conselho da estatal energética russa Gazprom. O político já definiu Putin como um "democrata impecável".

Apesar das tensões, os analistas avaliam que a coalizão se mantém sem grandes abalos. No plano interno, Scholz ainda espera uma recuperação com boas notícias ligadas ao combate à Covid. Ele anunciou que restrições como o passe vacinal e o uso de máscaras devem ser revogadas até o dia 20 de março.

Mas outro dos desafios de sua lista ainda tem resultados menos positivos a vender. Com o compromisso de transformar a Alemanha em um país neutro em carbono até 2045, o ministro da área já disse que dificilmente as metas para este e o próximo ano serão alcançadas.

No plano externo, além das ações na crise da Ucrânia, é esperado que Berlim adote abordagem mais crítica em relação à China —que recentemente selou sua aliança com Moscou. E, caso Emmanuel Macron se reeleja na França em abril, Scholz veria sair fortalecido alguém que é ao mesmo tempo rival na posição de líder europeu (para ocupar o vácuo de Merkel) e aliado para a ideia de um continente soberano.

Resta saber se a situação na Ucrânia continuará atropelando os planos de Scholz.

Scholz tem um perfil mais discreto, mas já percebeu que é preciso explicar constantemente as ações. Foi uma curva de aprendizagem profunda

Henning Hoff
do Conselho Alemão de Relações Exteriores

Pode-se interpretar isso [dubiedade sobre o Nord Stream 2] de forma positiva, que as ações serão duras quando for a hora, ou negativa, que ele tenta evitar uma fala porque quer manter o projeto

Julia Friedrich
do Global Public Policy Institute

Anti-imperialismo à la carte

Crise na Ucrânia expõe contradições da Rússia sobre a Otan e a Ucrânia

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Os grandes Elio Gaspari e Janio de Freitas discutiram em suas colunas na **Folha** *as tensões militares na Ucrânia. Enquanto o primeiro situa as origens no conflito nas ambições territoriais da Otan, o segundo imputa ao governo Biden a responsabilidade pela crise.*

Ambos poderiam ter mencionado que Moscou estacionou mais de 150 mil militares na fronteira e nunca saiu da lógica dos ultimatos e das ameaças. A vontade de descrever a Rússia como um país que está apenas reagindo a uma agressão deixa a impressão de que os colunistas partem da premissa que só tem um império nessa briga.

As análises sobre as origens do conflito são mais consensuais do que a guerra de informação deixa entender. Ninguém questiona que a Otan extrapolou seus limites territoriais e geopolíticos aproveitando-se de um momento de fraqueza da Rússia em plena transição pós-soviética. Putin, que chegou ao poder explorando a humilhação civilizacional, é uma cria da destruição econômica provocada pelo consenso de Washington nos anos 1990.

Também é difícil questionar o desejo da Ucrânia de buscar outro destino histórico mais afastado de Moscou. Embora o país esteja intimamente associado à União Soviética, o nacionalismo ucraniano já era tão importante na década de 1920 que os bolcheviques foram obrigados a acomodar o Estado ucraniano dentro de um sistema federal.

Em 1994, Kiev assinou o Memorando de Budapeste e abdicou de suas armas nucleares em troca de uma promessa nunca cumprida de respeito à integridade de suas fronteiras. Nas décadas que se seguiram, foi um dos países que menos cresceu no mundo, junto com a República Democrática do Congo. Nesse contexto, a vontade crescente de sua população em aderir ao projeto europeu, que pacificou um continente assolado por guerras, não pode ser desprezada.

O conflito atual pode ser resumido à contradição impossível entre os argumentos anti-imperialistas da Rússia contra a Otan e suas ambições imperiais em relação à Ucrânia.

Moscou tem o direito de exigir que Kiev não entre na Otan em nome da segurança de suas fronteiras. Não pode, no entanto, invocar o passado soviético para impedir que os ucranianos aprofundem suas relações com a União Europeia. Esse argumento é tão perverso como o das potências europeias que recorrem à história colonial para explicar a sua preeminência em países africanos.

Aqueles que defendem, com toda a justiça, o direito de países da América Latina de se emanciparem da influência dos Estados Unidos também devem, em nome da coerência, aplicar a lógica da autodeterminação à Ucrânia.

Se o aprofundamento da união entre a Rússia e a China contra a Otan, formalizada no começo do mês, aponta um caminho para um mundo multipolar, o ensaio de Putin publicado no ano passado elencando as razões para a investida da Rússia na Ucrânia é uma falácia histórica construída para justificar a invasão de um país soberano.

O verdadeiro anti-imperialista não escolhe contra qual imperialismo quer se opor; é contra todo e qualquer imperialismo.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

A rainha Elizabeth 2ª em recepção a militares no Castelo de Windsor Steve Parsons - 16.fev.22/AFP

Aos 95, rainha Elizabeth 2ª recebe diagnóstico de Covid

Monarquia diz que britânica tem sintomas leves e deve manter agenda

LONDRES | AFP E REUTERS A rainha Elizabeth 2ª recebeu diagnóstico de Covid-19, informou neste domingo (20) o Palácio de Buckingham. Ela tem 95 anos e faz aniversário em abril.

De acordo com um comunicado oficial, Elizabeth tem sintomas leves, equivalentes aos de um resfriado, e pretende manter uma agenda tranquila na próxima semana, no Castelo de Windsor. "Ela continuará a receber cuidados médicos e a seguir as orientações apropriadas", afirma o texto.

Acredita-se que a rainha, que recentemente iniciou as comemorações do aniversário de 70 anos de seu reinado, já tenha recebido as três doses de vacina —o Palácio confirmou oficialmente apenas a data da primeira injeção.

No último dia 10, a monarquia informou que o príncipe herdeiro Charles, 73, tinha recebido o diagnóstico de Covid, pela segunda vez; na primeira infecção, em março de 2020, ele teve sintomas leves e passou sete dias isolado antes de retomar suas funções.

Na segunda passada (14), a Clarence House, residência do príncipe, informou que sua mulher, Camilla Parker-Bowles, 74, também estava doente. No começo do mês, a duquesa da Cornualha teve o apoio da rainha para que receba o título de rainha consorte quando Charles assumir o trono.

Segundo os comunicados oficiais, o príncipe de Gales esteve com a mãe no último dia 8, antes de saber de sua reinfecção. De acordo com o jornal The Guardian, "diversos casos" têm sido registrados no Castelo de Windsor.

A rainha passou meses no ano de 2020, o primeiro da pandemia, quarentenada. Em abril do ano passado, no funeral do marido, o príncipe Philip, sentou-se sozinha na cerimônia, devido às regras de distanciamento social. Mais recentemente, voltou a participar de eventos públicos.

Na última semana, cumprimentou embaixadores em reuniões virtuais e, na quarta-feira (16), apareceu sorrindo e de bengala para receber dois militares. "Como vocês podem ver, não consigo me locomover", disse em tom de brincadeira, apontando para a perna esquerda, sugerindo algum problema de mobilidade.

As orientações mais recentes das autoridades de saúde britânicas dizem que aqueles que estão com Covid devem realizar autoisolamento de cinco dias, podendo encerrá-lo caso apresentem dois testes negativos a partir do quinto dia dos sintomas. Se ao menos um dos testes tiver resultado positivo, é preciso estender a quarentena para 10 dias.

O primeiro-ministro Boris Johnson desejou neste domingo à rainha um "rápido retorno à saúde vibrante". "Tenho certeza de que falo por todos ao desejar a Sua Majestade uma rápida recuperação da Covid", escreveu no Twitter.

Outros políticos e o diretor da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom, também enviaram mensagens.

Em meio às celebrações por 70 anos de reinado, a saúde de Elizabeth tem despertado mais atenções desde outubro passado, quando precisou passar uma noite no hospital —sua primeira internação desde 2013, para passar por exames sobre os quais não foram divulgados detalhes.

Os médicos depois aconselharam a rainha a prolongar o repouso e cancelar a participação em vários atos, incluindo a COP26, conferência mundial sobre o clima que aconteceu na Escócia, e uma viagem à Irlanda do Norte.

Seu primeiro grande compromisso público em mais de três meses foi no último dia 5, véspera de seu Jubileu de Platina, quando conheceu trabalhadores de caridade na Sandringham House, cortou um bolo comemorativo e usou uma bengala para descansar.

Vazamento indica que banco ignorou alertas sobre criminosos

SÃO PAULO O vazamento de dados de mais de 18 mil contas de um dos maiores bancos privados do mundo, o Credit Suisse, expôs a riqueza oculta de clientes envolvidos em crimes em vários países. Um consórcio global de imprensa revelou o caso neste domingo (20).

As informações foram fornecidas ao jornal alemão Süddeutsche Zeitung por um denunciante anônimo. "Sob o pretexto de proteger a privacidade financeira", as instituições se tornam "colaboradoras de sonegadores de impostos", ele disse em nota. O conteúdo do vazamento, que abrange contas dos anos 1940 até os 2010, foi compartilhado com a Organized Crime and Corruption Reporting Project e 46 outras publicações. O vazamento foi batizado de "Suisse Secrets".

Segundo as reportagens, entre os clientes estavam executivos que saquearam a estatal petrolífera da Venezuela, os filhos do ex-ditador egípcio Hosni Mubarak, um traficante de pessoas nas Filipinas e políticos corruptos do Egito à Ucrânia. As contas somavam mais de US$ 100 bilhões.

Bancos suíços estão proibidos de receber dinheiro ligado a atividades criminosas, mas o vazamento sugere que o Credit Suisse não cumpriu "repetidas promessas de eliminar clientes duvidosos e fundos ilícitos", segundo o Guardian.

O Credit Suisse afirmou em nota que as reportagens trazem "informações seletivas e tiradas de contexto".

TODA MÍDIA | ***Nelson de Sá***

nelson.sa@grupofolha.com.br

人民日報

RENMIN RIBAO

19

习近平就巴西里约热内卢州暴雨灾害向巴西总统博索纳罗致慰问电

总书记牵挂的粮食安全

"农田就是农田，而且必

创新多，科技支撑更有力

CHINA & BRASIL

Em meio ao noticiário anglo-americano de que a China estaria se afastando do Brasil, o Renmin Ribao ou Diário do Povo, do PC, publicou no alto da primeira página, ao lado do logotipo, que 'Xi envia mensagem de condolências ao presidente brasileiro Bolsonaro pela chuva torrencial no Estado do Rio'

Encerrados os Jogos, Xi volta os olhos para Biden (e Bolsonaro)

A semana passada terminou junto com uma extensa reunião sobre a Ucrânia, do Politburo, que reúne os sete principais líderes chineses.

E o primeiro resultado visível, pelo que o Wall Street Journal destacou no alto da home, neste domingo, em texto de sua correspondente-chefe de China, Lingling Wei, foi uma declaração contra a invasão da Ucrânia, noticiada também pelo New York Times e pelo Global Times.

"A soberania, independência e integridade territorial de qualquer país devem ser respeitadas e salvaguardadas", afirmou o chanceler Wang Yi no sábado, à Conferência de Segurança de Munique. "A Ucrânia não é exceção."

Mais do que um aviso para a Rússia, o WSJ apontou, citando conversas com diplomatas e assessores chineses, "um desejo de resguardar os laços com os EUA". Na avaliação do jornal, o próprio Xi Jinping, no meio da semana, já havia adotado um tom mais diplomático em relação à Ucrânia, em telefonema com o francês Emmanuel Macron.

Como pano de fundo, sublinha o WSJ, Pequim prepara eventos para lembrar os 50 anos da visita de Richard Nixon à China, iniciada no dia 21 de fevereiro de 1972.

Paralelamente, também Jair Bolsonaro ganhou atenção renovada de Xi. Uma mensagem do chinês para o colega brasileiro foi destaque no Diário do Povo, no sábado.

PACIFICADOR Além de Xi, Macron telefonou para os presidentes de Rússia e Ucrânia —e, em destaque no francês Le Monde no domingo, eles "concordam em 'intensificar esforços diplomáticos' em meio a tensões mais altas".

OTAN E A HISTÓRIA A edição desta semana da revista Der Spiegel noticia, com repercussão na própria Alemanha e na França, mas não em veículos anglo-americanos, que "Nova descoberta nos arquivos de 1991 sustenta acusação russa" —de que a Otan prometeu não assimilar países do antigo bloco soviético. O "documento notável", levantado por um acadêmico dos EUA em arquivos do Reino Unido, reproduz declarações de diplomatas dos dois países e da Alemanha, durante reunião, dizendo que "deixaram claro" para os representantes russos que não iriam "oferecer a adesão à Otan para a Polônia e os outros países".

entrevista da 2ª

Divulgação

David Nemer, 37
Nascido em Vitória (ES), é antropólogo e pesquisador no Berkman Klein Center para Internet e Sociedade da Universidade Harvard, nos EUA. Também é professor associado do departamento de Estudos de Mídia e Estudos da América Latina na Universidade de Virgínia, nos EUA. Acaba de lançar o livro "Tecnologia do Oprimido — Desigualdade e o Mundano Digital nas Favelas do Brasil", pela editora Milfontes.

David Nemer

Plataformas não querem comprometer lucro para combater fake news

Pesquisador sugere que empresas se concentrem em 'hubs de desinformação', perfis que orquestram campanhas nas redes sociais

“ Hoje, dentro do WhatsApp e do Telegram bolsonarista, o que mais circulam são links de vídeos do YouTube, porque lá esses desinformadores conseguem se monetizar. O YouTube paga a eles por cada clique, a cada visita. Se o YouTube desmonetizar esses grupos, acaba a desinformação na plataforma

Você tem um app [Telegram] que se acha acima de qualquer lei do país e que vai ser um instrumento forte de desinformação [na eleição]. Mas, por outro lado, é também uma plataforma que está em 53% de todos os celulares, que é praticamente uma utilidade pública. [...] Deixar correr solto não vai ser bom para as nossas eleições, e banir também não

POLÍTICA

Andrei Ribeiro

LAURO DE FREITAS (BA) A oito meses da eleição presidencial, as plataformas digitais disseram pouco sobre como vão enfrentar os desafios da desinformação durante o período eleitoral. Nos acordos firmados com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) nesta semana, muitas das medidas apresentadas não são específicas para o pleito brasileiro e ficam aquém das políticas adotadas nos Estados Unidos.

Para o antropólogo e pesquisador David Nemer, que integra o Centro Berkman Klein para Internet e Sociedade da Universidade Harvard (EUA), a falta de comprometimento das empresas pode ser explicada por razões econômicas.

"Elas não querem de fato agir de forma a diminuir engajamento, já que fake news geram engajamento, e engajamento é a forma pela qual elas monetizam. Não querem comprometer o lucro com medidas que possam reduzir o efeito da desinformação."

Segundo ele, mesmo depois da campanha que levou à invasão ao Capitólio, nos EUA, em 6 de janeiro de 2021, as plataformas não parecem muito preocupadas com os riscos políticos de fake news no Brasil. "Elas se sentem muito seguras para tomar essas atitudes", diz ele.

Nemer propõe que as redes sociais adotem medidas para identificar os chamados "hubs de desinformação", conjunto de contas que orquestram as campanhas de mentiras nas redes. Segundo ele, esses perfis são geralmente responsáveis por levar as fake news da "periferia" para o "centro" do debate público na internet.

Ele dá como exemplo a mensagem que circulou nas redes nos últimos dias sobre Bolsonaro ter evitado a 3º Guerra Mundial ao viajar para a Rússia. "Uma conta estava liderando essa campanha. Deu para ver como uma pessoa, uma conta grande, foi suficiente. Você conseguindo identificar e retirando essa conta, você mitiga os efeitos da desinformação", defende.

Ele também descreve como o aparato de desinformação bolsonarista se transformou ao longo dos anos, passando do foco no WhatsApp em 2018 para a fuga até o Telegram e o YouTube em 2022.

*

As plataformas digitais anunciaram poucas medidas específicas para a eleição brasileira nos acordos com o TSE sobre fake news, principalmente em comparação ao cenário nos EUA. O que justifica essa atitude? As medidas que foram propostas são muito ineficientes e mostram o real comprometimento das plataformas em relação à desinformação e a fake news.

Ou seja, elas não querem de fato agir de forma a diminuir engajamento, já que fake news geram engajamento, e engajamento é a forma pela qual elas monetizam. Não querem comprometer o lucro com medidas que possam reduzir o efeito da desinformação.

As propostas são "tapa de luva" na cara da gente que está estudando, criticando, inclusive para ajudar as plataformas a entenderem como se combate a desinformação. É frustrante.

Os efeitos políticos da desinformação não são prejudiciais para as empresas? Podem ser, sim. Mas até então, no Brasil, parece que elas não estão se preocupando muito com isso. Até então, elas se sentem muito seguras para tomar essas atitudes.

Com exceção do Twitter, nenhuma das empresas respondeu como reagirá em caso de contestação de resultados e incitação à violência. Elas podem ser responsabilizadas caso essas ameaças se concretizem? Elas podem, sim, porque o Marco Civil da Internet, por exemplo, o artigo 19, permite que seja possível solicitar judicialmente que a plataforma retire conteúdo. Se a plataforma não retira, ela pode ser responsabilizada em relação ao conteúdo.

Mesmo assim, no Brasil, com o Marco Civil, ainda é entendido que as plataformas são apenas um meio. Elas não são judicialmente culpadas pelo conteúdo. Mas após um pedido judicial de retirada de conteúdo não cumprido, aí sim vem a responsabilidade. Mas a priori, elas não são responsabilizadas pelos conteúdos, e sim o usuário.

Você não acha que seria melhor, após episódios como a invasão ao Capitólio, no ano passado, termos medidas que mais prevenissem do que remediassem? Com certeza. É muito melhor ser proativo do que reativo. E no Brasil há um potencial muito forte de ocorrer o que aconteceu aqui, nos Estados Unidos.

O Barroso [Luís Roberto Barroso, presidente do TSE até esta terça, dia 22] está tentando fazer isso. Quando ele se engaja nesse debate com as redes sociais, ele quer entender o que pode ser feito no combate à desinformação. Só nos cabe ser esperançosos, mas diante dessas respostas [das plataformas] não há muito como ser otimistas.

Bolsonaro parou por agora, mas no WhatsApp e no Telegram bolsonarista volta e meia reaparece essa questão das urnas eletrônicas estarem hackeadas. Eles dizem que não vão aceitar [o resultado das eleições] se não houver o voto impresso. Uma conversa que a gente viu mais no fim do ano passado, mas é uma coisa que Bolsonaro vai retomar. Ele está um pouco mais calmo nisso porque o TSE puxou a rédea e falou firme.

Então você acredita que as plataformas têm mesmo capacidade de conter a desinformação nas redes. Têm. Não é possível conter 100%. É impossível varrer a rede, identificar e retirar tudo. Mas você consegue identificar esse "hubs", as contas da desinformação. É de lá que saem a maioria da desinformação e a orquestração. São elas que trazem a desinformação para o centro do debate público. Uma vez retirados, esses temas voltam para a periferia do debate e não têm o estrago que fariam se estivessem como parte do debate central.

É possível acabar com as consequências da desinformação. As plataformas podem usar ações com atitudes pedagógicas. E como aviso: pegar alguém como exemplo e retirar.

Como devem agir Bolsonaro e grupos bolsonaristas caso não tenham vitória na eleição? Esse é o grande mistério e o grande medo. Hoje, a aprovação do governo Bolsonaro é minúscula. Muito longe de ser uma maioria, mas suficiente para levar pessoas às ruas. Os protestos antidemocráticos demonstraram isso. Não são uma força política a ponto de ser um movimento nacional, mas suficiente para juntar pessoas para fazer um estrago. Eles têm potencial para engajar em atitudes totalmente antidemocráticas.

Nessas eleições, a ansiedade social será muito maior do que a de 2018, já que Bolsonaro entrega o país numa crise sem precedentes. A campanha dele vai ter que recriar uma realidade para convencer sua base a votar nele.

De 2018 para cá, vê alguma diferença no comportamento de grupos de apoiadores do presidente na internet? Em 2018, as pessoas estavam sendo pagas para desenvolver fake news para o WhatsApp. Hoje, com o avanço do inquérito das fake news e com a CPMI no Congresso, mudou muito essa dinâmica. O dinheiro que financiava desinformação no WhatsApp não existe mais, pois quem financiava já não quer essa exposição.

Com a saída desse financiamento, quem produz desinformação buscou outras formas de monetizar. Antes mesmo de estarem ali por ideologia política, as pessoas estão ali por causa do dinheiro.

Em 2019 e 2020, começaram a entrar no ramo de sites, como o Jornal da Cidade Online, que trazia o tráfego do WhatsApp. Esses sites monetizavam em cima de anúncios do Google AdSense. Com o avanço dos Sleeping Giants, por exemplo, e as campanhas contra esses canais, os anunciantes começaram a retirar os anúncios dessas plataformas.

Então o próximo passo foi o YouTube. Hoje, dentro do WhatsApp e do Telegram bolsonarista, o que mais circulam são links de vídeos do YouTube, porque lá esses desinformadores conseguem se monetizar. O YouTube paga a eles por cada clique, a cada visita.

Se o YouTube desmonetizar esses grupos, acaba a desinformação na plataforma. Fazer desinformação é trabalhoso, requer tempo, recursos e ninguém faz isso de graça.

O Telegram tem ignorado decisão do STF e não retorna os contatos das autoridades. O app deve ser bloqueado no Brasil? É uma situação que não é boa para ninguém. Você tem um app que se acha acima de qualquer lei do país e que vai ser um instrumento forte de desinformação [na eleição]. Mas, por outro lado, é também uma plataforma que está em 53% de todos os celulares, que é praticamente uma utilidade pública, onde pessoas se informam. É um aplicativo extremamente complexo e extremamente importante.

Então, deixar correr solto não vai ser bom para as nossas eleições, e banir também não. Acho que tem que haver conversa. Mas se um lado se recusa a conversar e se vê acima da nossa Constituição, então fica muito difícil criticar o Barroso ou qualquer autoridade. Só vai restar esse tipo de atitude [o banimento].

Você está criando um robô que denuncia discursos de ódio. Pode falar um pouco sobre ele? A forma como essas plataformas combatem fake news está muito aquém. É possível achar grupos no Facebook que celebram o nazismo, por exemplo.

Com o bot que estou testando, por exemplo, o objetivo é saber qual tipo de discurso o Twitter leva mais a sério para ser retirado. Até então, o que deu para entender é que discurso homofóbico parece ser menos tolerável, porque as contas que foram suspensas naquele experimento foram contas que engajaram com discurso homofóbico.

Banco Central apressa regulação de criptomoedas para conter fraudes

Golpistas lesaram investidores brasileiros em mais de R$ 6,5 bilhões em menos de dois anos

Julio Wiziack

BRASÍLIA O Banco Central avalia a elaboração de diretrizes para impor fiscalização às transações financeiras com criptomoedas no Brasil, como o bitcoin, e definir penalidades para conter a explosão de golpes e fraudes.

A iniciativa foi relatada pelo presidente da autoridade monetária, Roberto Campos Neto, a presidentes de bancos importantes no país, ouvidos pela **Folha** sob a condição de anonimato.

De acordo com os banqueiros, a proposta de regulação deve ser enviada ao Congresso ainda no primeiro trimestre. A ideia é que as regras entrem em vigor até o final deste ano.

Para isso, um projeto de lei tem de ser apresentado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), a pedido do BC. Procurado, o órgão não quis detalhar o plano e preferiu não comentar.

Os números desse mercado no Brasil despertam a atenção das autoridades. Segundo informações da Receita Federal repassadas ao BC, o setor movimenta cerca de R$ 130 bilhões no país ao ano.

A falta de fiscalização abre caminho para roubos e fraudes. De acordo com as Polícias Federal e Civil de São Paulo, crimes envolvendo criptomoedas já somaram cerca de R$ 6,5 bilhões em menos de dois anos.

A ideia do Banco Central, segundo relatos dos banqueiros, é enquadrar os criptoativos como "veículos de investimento". Dessa forma, as corretoras digitais precisariam seguir as regras dos demais fundos de investimento regulados pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e ter sede no Brasil. Elas também teriam que guardar registros e documentos de transações.

Hoje o setor não segue uma regulação. A Receita atualmente apenas monitora transações financeiras de corretoras com sede no Brasil, e a instrução normativa do Fisco se aplica para fins tributários.

Embora o BC cogite lançar uma moeda digital (o real digital), não está na mesa no momento permitir que criptomoedas sejam usadas como meio de pagamento. Essa medida vigora em poucos países, como El Salvador.

Além de dar plenos poderes ao BC para conceder autorização de funcionamento para empresas do ramo, a ideia do projeto de lei também é atualizar o Código Penal criando o "estelionato com moedas virtuais". A pena de prisão deve variar entre quatro e oito anos.

O BC também quer atualizar a Lei de Lavagem de Dinheiro, incluindo as fraudes com criptoativos na lista de crimes com agravante de pena — entre um terço e dois terços a mais da pena de reclusão de três a dez anos.

Todas as transações realizadas ainda terão de ser registradas e os documentos mantidos em arquivos caso sejam solicitados por autoridades policiais ou judiciais.

Para o advogado Fabio Braga, sócio do Demarest, uma legislação com diretrizes para esse mercado, com definição de competências de órgãos como BC e CVM, aumentaria a segurança do investidor.

"Isso porque passa a ser possível identificar e segregar provedores de produtos e serviços de boa e má qualidade técnica e operacional, com maior transparência e accountability", afirmou Braga.

Casos recentes ilustram a necessidade da medida proposta pelo BC. O Santander, por exemplo, foi à Justiça contra a Binance, maior corretora de criptomoedas do mundo e líder no Brasil.

O banco acusou a empresa de dificultar de maneira maliciosa a investigação de um desvio de cerca de R$ 30 milhões de uma conta bancária da Gerdau.

De acordo com o processo, ao qual a **Folha** teve acesso, a Binance argumentou "incapacidade técnica" para apresentar um relatório contendo a identificação dos responsáveis por carteiras digitais mantidas pela corretora que serviram de destino para parte do dinheiro supostamente roubado, em abril de 2020.

O Santander recorreu e, sete meses depois, a Binance perdeu. Embora a corretora tenha afirmado não estar apta tecnicamente para fornecer os dados, apresentou as informações menos de duas horas após a decisão judicial.

Com sede em Malta, a Binance é considerada irregular em diversos países exatamente por não ter um endereço físico real e atuar sem aval de órgãos reguladores.

No Brasil, seu fundador, o chinês Changpeng Zhao, registrou na Receita a B.Fintech, braço da Binance no país, com telefone e email falsos, segundo um documento do Fisco a que a **Folha** teve acesso. A Binance já recebeu ordem da CVM para que não opere valores mobiliários no país.

Em nota, a Binance afirmou que tem colaborado com as autoridades ao atender pedidos de informações e esclarecimentos, além de reafirmar compromisso com a Justiça brasileira. "Segurança é a prioridade número um na Binance", disse a empresa.

A companhia afirmou ainda que a ação movida pelo Santander está em curso.

"O processo traz alegações que ainda não foram comprovadas e, até o momento, não houve trânsito em julgado."

Gerdau e Santander não quiseram comentar.

A invisibilidade jurídica das corretoras de criptomoedas dá abertura para que companhias do gênero desviem de cobranças judiciais e regulatórias.

É o caso da Atlas Quantum, detentora de cerca de 15 mil bitcoins de mais de 200 mil clientes no mundo.

A corretora negociou R$ 4 bilhões em contratos de investimento coletivo sem autorização, segundo a CVM. No Brasil, os clientes tentam, sem sucesso, sacar o dinheiro desde 2019.

Em julho de 2021, a BWA Brasil, acusada de aplicar golpes com bitcoins, causou um prejuízo de quase R$ 300 milhões após fechar as portas sem ressarcir os investidores.

Ao pedir recuperação judicial, a empresa elaborou uma relação de 1.897 credores que perderam dinheiro após o investimento.

Quase um mês depois, a Polícia Federal deflagrou uma operação contra a G.A.S. Consultoria. Na ocasião, Glaidson Acácio dos Santos, conhecido como o "faraó do bitcoin", foi preso.

Ele é acusado de usar criptomoedas para atrair investidores que sustentaram um bilionário esquema de pirâmide financeira em Cabo Frio (RJ). Os desvios chegaram a R$ 1,5 bilhão, segundo a PF.

Procuradas, Atlas Quantum, BWA e G.A.S. não responderam.

Pesquisa recente feita pela CVM mostra que os estelionatos com criptomoedas já respondem por 43% do total dos golpes financeiros no país. Quase um terço (30%) dos casos foi de operações com moedas digitais estrangeiras e um quarto dos investidores aplicou entre R$ 10 mil e R$ 50 mil.

A massificação desses investimentos vem ocorrendo basicamente na propaganda "boca a boca" ou por indicações via redes sociais, ainda segundo a pesquisa, o que deixou os diretores do BC preocupados.

Essa situação levou Campos Neto a pedir que técnicos da autarquia preparassem o projeto de lei com as diretrizes para a regulamentação do mercado de criptoativos — moedas e outros tipos de investimento por meio digital.

Nas conversas com os executivos de bancos ouvidos pela **Folha**, Campos Neto disse que, no ano passado, os investimentos em criptoativos — os bitcoins são a modalidade mais procurada — foram os que mais atraíram investidores no país com promessas de rentabilidade muito acima da média do mercado de capitais.

Outra justificativa para que o projeto de lei seja apressado é o uso cada vez mais frequente desse tipo de investimento para lavagem de dinheiro.

No Reino Unido, duas operações policiais foram deflagradas em menos de dois anos com apreensão de moedas digitais usadas para lavagem de dinheiro de organizações criminosas.

Em julho de 2021, a polícia de Londres apreendeu 180 milhões de libras, o equivalente a R$ 1,2 bilhão na cotação de sexta-feira (18).

Com o envio do projeto de lei, Campos Neto quer acelerar o debate da regulação no Congresso. Desde 2015, por exemplo, já tramita uma proposta similar, aprovada na Câmara, e hoje parada no Senado.

Projetos prioritários do governo costumam ganhar velocidade. Além disso, o tema agora ganha a pressão da autoridade monetária.

O presidente do BC, Roberto Campos Neto Pedro Ladeira/Folhapress

+ fraudes recordes

Mai.2020
Polícia de SP investiga golpe com bitcoins sobre investidores que usaram a FX Trading Corporation
Prejuízo: R$ 1 bilhão

Mar.2021
Detentora de cerca de 15 mil bitcoins de mais de 200 mil clientes no mundo, a Atlas Quantum negociava contratos de investimento coletivo sem autorização, segundo a CVM. Os clientes tentam sacar o dinheiro desde 2019
Prejuízo: R$ 4 bilhões

Jul.2021
Grupo de bitcoins criou 'blockchain paralela' para simular aplicações em bitcoins com recursos de clientes e se serviram de 'desconhecimento técnico' do Judiciário para apresentar em garantia uma carteira digital falsa e fraudar processo de recuperação judicial
Prejuízo: R$ 1,5 bilhão

Ago.2021
PF deflagrou operação contra consultoria do chamado "faraó dos bitcoins". A empresa é suspeita de operacionalizar um sistema de pirâmides financeiras com base na oferta pública de contrato de investimento, sem prévio registro em órgãos regulatórios.
Prejuízo: ao menos R$ 20 milhões

US$ 3 bilhões
Foi o valor total desviado por hackers em 32 casos de roubo envolvendo moedas digitais

O que o BC planeja fazer?
Enviar um projeto de lei criando uma regulação para criptoativos como veículos de investimento. Passariam a ser enquadrados como qualquer tipo de aplicação. As consultorias ou empresas passariam a ser obrigadas a ter escritório no país e prestar contas

Existe algum plano de que o bitcoin se torne meio de pagamento?
Não no momento. O BC pretende primeiro regular as criptomoedas como investimento. Embora o regulador avalie a criação do real digital, o uso das demais criptomoedas como meios de pagamento não está nos planos de curto prazo

Fonte: BC, Congresso Nacional, CVM, Crypto Head.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Tijolo com tijolo

O aumento no custo dos insumos volta a preocupar o setor da construção civil. Relatório da CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) afirma que a variação dos preços, principalmente de ferro e aço, se mantém alta neste início de ano, lembrando os tempos de hiperinflação no país. Segundo José Carlos Martins, presidente da CBIC, a redução da atividade ficou mais nítida nos números setoriais do último trimestre. "Se nada for feito, desacelera", diz.

ARGAMASSA Nos últimos dois anos, o custo com material de construção aumentou 50%, segundo a CBIC, puxado pelo inesperado aumento na demanda, pelo desabastecimento no mercado nacional e pelas taxas de importação.

PRETINHO BÁSICO Um batom lançado pela Clinique em 1971 atinge novo pico de vendas meio século depois. Chamado de Black Honey, o produto retomou a popularidade em países como EUA e Brasil após viralizar no Tik Tok.

CLIQUE O batom, em tom de vinho quase preto, já tinha virado febre em 1989, quando a marca mudou a embalagem para o formato de bastão e ganhou tração na onda grunge. Agora, esgotou os estoques com uma hashtag que já tem mais de 33 milhões de visualizações desde o ano passado.

ESPELHO O site da Clinique o apresenta como seu "fenômeno labial número 1". Sob encomenda, sai por US$ 20 (cerca de R$ 103) e não tem desconto. No Brasil, pode custar até R$ 400 em sites de beleza.

VITRINE Um novo caso de oficina de costura envolvida em exploração de imigrantes peruanos e bolivianos levou a condenação em São Paulo. A proprietária das marcas Anchor e Tova e o dono de uma oficina terceirizada vinculada às confecções Anchor e MNJ foram condenados na sexta (18) pela 1ª Vara Criminal Federal de São Paulo.

MANEQUIM Segundo denúncia do Ministério Público Federal, 13 trabalhadores foram mantidos em instalações precárias e sem carteira assinada por cerca de um ano.

CABIDE A proprietária das marcas foi sentenciada a três anos de prisão, substituída por prestação de serviços comunitários e pagamento de 20 salários mínimos. Já o dono da oficina foi condenado a sete anos em regime semiaberto.

ACESSÓRIOS A presença de adolescentes no local elevou as penas dos réus, que podem recorrer em liberdade. Procurados pelo Painel S.A., Anchor e Tova e o dono da oficina terceirizada não responderam.

LAR... Levantamento do Itaú sinaliza aumento na procura por imóveis em municípios fora das capitais em 2021, com destaque para propriedades de até 50 m². A valorização do metro quadrado e a necessidade de ambientes multifuncionais para o trabalho remoto fortaleceram a tendência da procura por residências menores, segundo Thales Ferreira Silva, diretor no Itaú Unibanco.

...DOCE LAR Exemplo disso, segundo o estudo, é a alta de 162% no volume de financiamentos do banco para imóveis com áreas entre 50 m² e 100 m². Os de padrão mais alto também avançaram no ano passado, com alta de 140% no número de financiamentos para casas e apartamentos com valores acima de R$ 1 milhão.

CHAVES As regiões de debandadas mais expressivas das capitais foram Centro-Oeste, Nordeste e Norte, com crescimento acima de 300%.

TELA Depois da profunda crise provocada pela pandemia, o Museu Britânico de Londres elevou sua aposta no mercado de certificado de autenticidade para produtos digitais NFT, ou tokens não fungíveis, a nova fronteira no mercado das artes associada à tecnologia blockchain. Até 4 de março, a instituição coloca à venda 20 NFTs representando aquarelas do pintor britânico William Turner.

PINCEL A estreia no novo mercado digital foi no fim do ano passado, quando o Museu Britânico vendeu 200 NFTs do japonês Katsushika Hokusai, entre eles o da obra "A Grande Onda de Kanagawa". As vendas são feitas em parceria com a startup francesa LaCollection. O museu receberá royalties e manterá uma edição de cada versão.

ALARME O mercado de rastreamento e localização contra roubo e furto de veículos prevê novo aumento de demanda neste ano. Segundo o Grupo Tracker, a carteira de clientes ativos deve crescer cerca de 14% em relação ao ano passado. A empresa, que vai abrir uma nova regional em Fortaleza, espera alta de 24% nas vendas.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,26

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência janeiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria venceu em 15.fev

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Carteiras físicas usadas para armazenamento de criptomoedas Joshua Bright/The New York Times

Casais nos EUA brigam por criptomoedas em processos de divórcio

Moedas digitais são vistas como nova forma de esconder dinheiro em disputas; perito judicial encontrou US$ 700 mil em laptop

David Yaffe-Bellany

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES O processo de divórcio se arrastou por oito anos, quase tanto tempo quanto o casamento durou.

O casal de São Francisco (EUA) brigou pela guarda dos filhos, pela divisão dos lucros com a venda da companhia de software do marido, e pelo controle de sua casa de US$ 3,6 milhões.

Mas a batalha judicial mais importante entre Erica e Francis deSouza envolvia uma disputa amarga sobre milhões de dólares em bitcoins que tinham desaparecido.

Francis DeSouza, um executivo de tecnologia, tinha comprado pouco mais de mil bitcoins pouco antes de se separar da mulher, em 2013, e perdeu quase metade desses fundos quando uma proeminente bolsa de criptomoedas faliu.

Depois de três anos de disputa judicial, um tribunal decidiu em 2020 que ele não havia revelado devidamente alguns elementos de seus investimentos em criptomoedas, cujo valor havia disparado. O tribunal ordenou que ele entregasse a Erica DeSouza mais de US$ 6 milhões de seu saldo em bitcoins.

Nos círculos jurídicos, o caso dos DeSouza se tornou conhecido como talvez o primeiro grande divórcio do bitcoin.

Disputas conjugais como essa estão se tornando cada vez mais comuns.

Um divórcio hostil tende a gerar disputas sobre virtualmente tudo. Mas a dificuldade de rastrear e avaliar criptomoedas, um ativo digital negociado apenas em redes descentralizadas, está criando novas dores de cabeça.

Em muitos casos, dizem advogados de divórcio, cônjuges reportam valores em criptomoedas inferiores aos que realmente detêm, ou tentam ocultar fundos em carteiras online às quais o acesso pode ser difícil.

"Originalmente o dinheiro era escondido embaixo do colchão, depois veio a conta bancária nas Ilhas Cayman", disse Jacqueline Newman, advogada de divórcio em Nova York que trabalha com clientes de alto patrimônio. "Agora são as criptomoedas."

Ativos digitais, porém, não são impossíveis de localizar. As transações são registradas em livros-caixa públicos conhecidos como blockchains, o que permite que analistas rastreiem o dinheiro.

Os DeSouza se casaram em setembro de 2001. Naquele mesmo ano, Francis DeSouza fundou uma empresa de mensagens instantâneas, a IMlogic, que ele mais tarde vendeu em uma transação que lhe rendeu mais de US$ 10 milhões, de acordo com registros judiciais.

Os investimentos de Francis DeSouza em criptomoedas datam de abril de 2013, quando ele se encontrou em Los Angeles com Wences Casares, um dos primeiros empreendedores do ramo das criptomoedas, que o convenceu a investir em ativos digitais. Naquele mês, adquiriu US$ 150 mil em bitcoins.

O casal DeSouza se separou mais tarde no mesmo ano, e Francis DeSouza revelou logo em seguida que ele detinha os bitcoins. Quando o casal estava pronto para dividir seus ativos, em 2017, o valor desse investimento havia subido para mais de US$ 21 milhões.

Mas havia um problema. No mês de dezembro daquele ano, Francis DeSouza revelou que ele tinha deixado pouco mais de metade do valor depositado em uma bolsa de criptomoedas, Mt. Gox, que faliu em 2014, e que por conta disso o dinheiro não estava mais ao seu alcance.

Em documentos encaminhados à Justiça, os advogados de Erica DeSouza disseram que era "ultrajante" que seu marido não tivesse mencionado antes que uma porção tão grande dos bitcoins tinha desaparecido, e argumentaram que o sigilo dele na gestão desse investimento havia custado milhões de dólares ao casal. Os advogados também especularam que ele talvez estivesse retendo fundo adicionais.

Nenhum dinheiro escondido foi localizado. Um representante de Francis DeSouza disse que ele havia revelado plenamente as suas posições em criptomoedas, no começo do divórcio. Erica DeSouza, por intermédio de seu advogado, se recusou a comentar.

Mas o tribunal de recursos decidiu que DeSouza, 51, hoje presidente-executivo da Illumina, uma empresa de biotecnologia, havia violado as regras processuais ao não manter a mulher completamente informada sobre seus investimentos em bitcoin.

O tribunal ordenou que ele transfira a Erica DeSouza cerca de metade dos bitcoins que detinha antes da falência da Mt. Gox, o que reduziria sua posição a 57 bitcoins, o equivalente a US$ 2,5 milhões, ao preço atual. Os bitcoins transferidos a Erica DeSouza têm valor superior a US$ 2 milhões.

Nem todos os divórcios que envolvem criptomoedas incluem valores tão elevados. Alguns anos atrás, Nick Himonidis, perito forense em Nova York, trabalhou em um caso de divórcio no qual uma mulher acusou o marido de reportar um valor abaixo do real quanto aos seus investimentos em criptomoedas.

Com autorização do tribunal, Himonidis foi à casa do marido e fez uma busca em seu laptop. Nele, encontrou uma carteira digital que continha cerca de US$ 700 mil na criptomoeda Monero.

"Ele disse algo como 'oh, aquela carteira? Eu nem lembrava que a tinha'."

Em outro caso, contou Himonidis, ele descobriu que um marido havia transferido US$ 2 milhões em criptomoeda de sua conta na plataforma Coinbase. Uma semana depois que sua mulher pediu o divórcio, ele transferiu o dinheiro a carteiras digitais e deixou os Estados Unidos.

Um tribunal pode ordenar que uma bolsa de criptomoedas transfira fundos, mas as carteiras online não estão sujeitas a qualquer controle centralizado; o acesso requer uma senha única criada pelo dono da carteira. Sem essa chave digital, os fundos do ex-marido na prática estariam fora do alcance de sua ex-mulher.

Muitas vezes, disse Kelly Burris, advogada de divórcio em Austin, que usualmente representa maridos, homens chegam ao seu escritório e revelam planos detalhados para esconder criptomoedas.

"O estranho é que muitos deles não são nem um pouco criativos", disse Burris. "Dizem coisas como 'vou transferir tudo para o meu irmão por US$ 1', ou coisa assim, e eu tenho de explicar que não podem fazer isso."

Tradução de Paulo Migliacci

+ SITES DA AMERICANAS E SUBMARINO FICAM FORA DO AR

Os sites da Americanas e do Submarino ficaram fora do ar neste domingo (20). No sábado, as duas plataformas já haviam registrado problemas no acesso de usuários, em meio a rumores de um ataque hacker. Em comunicado, a Americanas S.A, que controla os dois sites, confirmou a suspensão de parte dos servidores e citou um "acesso não autorizado". A Americanas disse ainda que "atua com recursos técnicos e especialistas para avaliar a extensão do evento e normalizar com segurança o ambiente de ecommerce o mais rápido possível".

Com setor aquecido em 2022, veja como investir no mercado de games

Grandes negócios envolvendo jogos eletrônicos indicam interesse na área apesar de volatilidade, dizem analistas

Lucas Bombana

SÃO PAULO Experiências imersivas em realidade virtual e o potencial financeiro a ser explorado com o desenvolvimento do metaverso têm gerado um forte aumento no interesse por parte de grandes empresas e investidores no setor de jogos eletrônicos.

Embora as ações de tecnologia venham sob intensa volatilidade, com a perspectiva de alta dos juros nos Estados Unidos, especialistas argumentam que o setor começou o ano com anúncios importantes, que evidenciam o tamanho do interesse pelas empresas de jogos eletrônicos.

A operação mais emblemática foi a aquisição da Activision Blizzard, desenvolvedora de jogos como "Call of Duty" e "Candy Crush", pela Microsoft, um negócio de US$ 75 bilhões (R$ 390 bilhões).

O anúncio ocorreu dias depois de a Take-Two, responsável pelo GTA (Grand Theft Auto), ter celebrado um acordo de US$ 12,7 bilhões (R$ 66 bilhões) para levar a Zynga, criadora do FarmVille. Depois, foi a vez da Sony adquirir a Bungie, desenvolvedora da franquia Halo, por US$ 3,6 bilhões (R$ 18,7 bilhões).

Uma das principais alternativas para o investidor de varejo interessado em jogos eletrônicos hoje se dá por meio dos BDRs (Brazilian Depositary Receipts), diz Rodrigo Knudsen, gestor da Vitreo.

Os BDRs são ativos negociados na B3 que correspondem a ações de empresas estrangeiras cotadas originalmente em Bolsas internacionais.

Activision Blizzard, Electronic Arts, Take-Two, Roblox e Zynga são algumas das principais desenvolvedoras de jogos com BDRs disponíveis para negociação na Bolsa local.

Knudsen acrescenta que também é possível encontrar na B3 os BDRs da Microsoft e da Sony, fabricantes dos consoles Xbox e PlayStation.

O investimento mínimo, porém, é alto. Os BDRs da Sony eram negociados a R$ 537,36 na sexta-feira (18), enquanto os da Activision Blizzard custavam R$ 417,32 a unidade.

Entre os BDRs de games com preço mais acessível, os da Zynga eram cotados a R$ 45,45 e os da Roblox saíam por R$ 25,38.

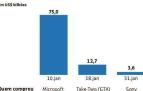
"Ao investir nos BDRs, o investidor estará sujeito tanto às oscilações dos papéis da empresa escolhida, como também do dólar frente ao real", ressalta Knudsen.

Outra opção é delegar a um gestor profissional a seleção das melhores oportunidades dentro do universo dos jogos eletrônicos.

Na esteira da demanda crescente, plataformas e bancos, como Warren, BB DTVM, Itaú, XP e Vitreo lançaram recentemente fundos dedicados ao tema dos games e do metaverso.

O fundo Warren Games FIA, que busca os BDRs mais promissores na Bolsa, acumulou uma rentabilidade positiva de 15,64% em 2021.

Em janeiro, no entanto, o fundo teve uma queda de 9,5%, frente às perspectivas de aumento de juros nos Estados Unidos, que derrubaram as ações de tecnologia.

Gestor da Warren, Igor Cavaca afirma que, apesar da volatilidade, o setor de jogos tem um alto potencial ainda a ser explorado, em especial com o desenvolvimento de novas frentes, como o metaverso.

"O resultado do fundo no ano passado veio muito da aposta que temos feito há algum tempo no metaverso, que acreditamos ser a próxima grande tendência."

Ele conta que carrega na carteira do fundo papéis de empresas como Meta (antigo Facebook) e Roblox, plataforma de games online, além de nomes mais relacionados à área de hardware, de fabricantes de placas de vídeo e chips, como Nvidia e Qualcomm.

O fundo não fica exposto à variação do câmbio, com seu resultado dependente apenas do desempenho das ações. O investimento mínimo para aplicação é de R$ 1, sem taxa de administração.

Uma terceira maneira que o investidor encontra para alocar o capital no setor de jogos eletrônicos é através dos ETFs (espécie de fundo cujas cotas são negociadas na B3 e que se propõe a replicar grandes índices globais de ações).

Em dezembro do ano passado, a Investo lançou na Bolsa um ETF chamado JOGO11, cuja proposta é acompanhar de perto o desempenho do índice global ESPO (VanEck Video Gaming and eSports ETF).

O índice é composto por nomes não disponíveis via BDRs, como Tencent, Nintendo, Capcom e Konami, e de outros que já podem ser acessados pela B3, como Take-Two.

Na sexta (18), o ETF, que fica exposto à variação do câmbio e cobra taxa de administração de 1,03% ao ano, era negociado por R$ 77,75.

"Muitas pessoas já se relacionam com essas empresas por meio dos jogos, participam dessa comunidade de games, e agora podem participar da criação de valor que essas companhias estão trazendo", diz Cauê Mançanares, CEO da Investo.

No ano passado, o índice global que reúne as principais ações de games do mercado recuou 2,1%, em dólar. Em três anos, até dezembro de 2021, o índice sobe 36,7%.

Mauricio Schuck, chefe de gestão de fundos de ações ativos da BB DTVM, afirma que o crescimento do mercado de jogos eletrônicos representa uma tendência estrutural que não deve ser freada pela alta de juros nos EUA e o intervencionismo da China no setor.

A aplicação mínima começa a partir de R$ 0,01, com taxa de administração de 1% ao ano.

"Acabamos pegando uma janela um pouco menos favorável para a indústria de games por enquanto, mas as perspectivas para o setor continuam sendo muito positivas, com um mercado endereçável cada vez maior", diz Schuck.

Ele aponta Activision Blizzard, Electronic Arts e Nvidia entre as principais apostas na carteira do fundo.

"No passado, as empresas ganhavam dinheiro somente com a venda dos consoles e dos cartuchos de jogos. Com a evolução da indústria, hoje a receita vem principalmente das vendas que ocorrem dentro dos próprios jogos. É uma mudança muito importante, de uma receita pontual para um modelo de receita bem mais recorrente", afirma.

Maiores negócios no setor de games em janeiro

Em US$ bilhões

	10.jan	18.jan	31.jan
Quem comprou	Microsoft	Take-Two (GTA)	Sony
Quem vendeu	Activision Blizzard (Call of Duty, Candy Crush)	Zynga (FarmVille)	Bungie (Halo)

Fonte: empresas

O game Call of Duty, da Activision Blizzard Ethan Miller/AFP

> Com a evolução da indústria, hoje a receita vem principalmente das vendas que ocorrem dentro dos próprios jogos. É uma mudança importante, de uma receita pontual para um modelo bem mais recorrente

Mauricio Schuck
chefe de gestão de fundos de ações ativos da BB DTVM

Investir com propósito

Investidor renuncia a uma rentabilidade melhor em razão de uma causa social

Marcia Dessen

Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

Você sabe para onde vai o dinheiro que investe? O JM, leitor da Folha, *não apenas sabe como faz questão de escolher o investimento em razão do impacto que causa na sociedade.*

Ele aplica, na prática, um dos critérios ASG, quando decide, conscientemente, permanecer na poupança apesar da rentabilidade pouco competitiva no atual cenário de juros, assunto que abordei em "A poupança e a nova Selic".

Os critérios ASG (ambiental, social e governança, ou ESG, em inglês) incorporam um olhar que vai além da rentabilidade na hora de definir pelo investimento em determinada empresa, projeto ou instrumento financeiro, contribuindo para o crescimento econômico sustentável.

Um investimento ASG incorpora alguma questão, seja ambiental, social ou de governança, em sua análise de investimento e leva em consideração a sustentabilidade a longo prazo.

Esses investimentos também recebem outras denominações, como investimento responsável, investimento sustentável, investimento de impacto social, investimento ético, títulos verdes (conhecidos lá fora como green bonds), investimentos na área de infraestrutura, entre outros.

Uma das estratégias mais utilizadas pelos investidores no mundo todo é a do filtro negativo, definindo critérios para excluir determinados ativos de sua carteira de investimento. Os setores que figuram entre os mais evitados pelos investidores, devido ao alto risco social e ambiental, são: armas, tabaco, energia nuclear, pornografia, apostas e bebidas alcoólicas.

O filtro positivo, por sua vez, ao invés de excluir ativos, trabalha com a inclusão dos que atendem aos critérios e às normas estabelecidas. Pode ser um investimento específico, normalmente relacionado à sustentabilidade, como a redução da emissão de carbono, ou políticas de inclusão e diversidade no trabalho, que podem atrair mais clientes (e mais vendas) do que outras empresas do mesmo setor.

Voltando ao exemplo do JM, para ele, o grande atrativo da poupança é sua função social: o financiamento da casa própria para muita gente menos favorecida.

O que acontece com o dinheiro depositado na poupança? Quanto dos depósitos em poupança é destinado ao crédito imobiliário?

Os recursos captados em depósitos de poupança pelas entidades integrantes do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) representam fonte relevante de recursos para as operações de crédito imobiliário.

De acordo com a legislação vigente, no mínimo 65% dos recursos depositados na poupança devem ser aplicados em operações de financiamento imobiliário. Outros 20% devem ser recolhidos no Banco Central para cumprimento do depósito compulsório de poupança. O restante dos recursos (15%) pode ser utilizado livremente pelas instituições financeiras.

Assim, R$ 65,00 de cada R$ 100,00 depositados na poupança serão obrigatoriamente destinados a financiamento imobiliário, contribuindo para reduzir o déficit habitacional e a realização do sonho da aquisição da casa própria de muitos brasileiros.

Encerro com a frase do leitor que inspirou a coluna de hoje: "Assim, além do pífio rendimento pessoal, me sinto algo mais útil (ou menos inútil) neste Brasil desigual, onde a falta de teto para tanta gente é um problema para toda a sociedade".

Ele investe com propósito, renunciando a uma rentabilidade melhor em razão de uma causa.

marcia.dessen@gmail.com

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

MEIs têm até hoje para pagar contribuição com novo valor

SÃO PAULO Os MEIs (Microempreendedores Individuais) têm até esta segunda (21) para pagar o DAS (Documento de Arrecadação Simplificada). Dentre os valores que são pagos estão a contribuição à Previdência referente à atividade realizada pela empresa em janeiro, que deve ser recolhida com valor maior, de R$ 60,60.

O reajuste da contribuição ao INSS ocorre após o aumento do salário mínimo, que subiu de R$ 1.100 em 2021 para R$ 1.212 neste ano. Além dos R$ 60,60 para a Previdência Social, o microempreendedor paga impostos de acordo com sua atividade.

Para os setores de comércio, indústria e transporte entre estados e municípios há R$ 1 de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). No caso de quem trabalha em atividades ligadas ao setor de serviços em geral, há cobrança do ISS (Imposto sobre Serviços), de R$ 5.

Se o MEI tiver um empregado contratado, ele deve reter e recolher a contribuição previdenciária relativa ao trabalhador a seu serviço.

O microempresário também deve pagar a CPP (Contribuição Patronal Previdenciária) para a Seguridade Social, de 3% sobre o salário de contribuição, e precisa fazer os depósitos do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). Neste caso, o vencimento será até o dia 7 do mês seguinte.

Mariza Machado, especialista da IOB, lembra que o pagamento da contribuição mensal do MEI por meio do DAS tem como data-limite o dia 20 de cada mês. No entanto, quando não há expediente bancário por ser sábado, domingo ou feriado, a quitação do imposto pode ser feita até o dia útil seguinte.

Dados da Receita Federal mostram que, em fevereiro, o número de MEIs no país é de 13,5 milhões. Quem atrasa o pagamento da DAS acumula dívida com o fisco, com multa de 0,33% por dia de atraso, limitada a 20%.

Além disso, há juros com base na taxa Selic mensal, acumulada a partir do mês seguinte ao da consolidação da dívida, até o mês anterior ao pagamento. Há ainda cobrança de 1% relativo ao mês do pagamento. É possível parcelar os valores na Receita Federal, desde que a parcela mínima seja de R$ 50.

mercado

Adesão a Pix Saque e Pix troco é tímida; entenda como usar

Em cerca de dois meses de operação, foram 70 mil transações nas modalidades, concentradas no interior

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO Enquanto as transações por Pix ultrapassaram os 30 milhões só no primeiro mês de operação da ferramenta, as modalidades de saque e troco têm tido uma adesão mais lenta pelos brasileiros.

De acordo com dados do Banco Central, o Pix Saque e o Pix Troco, lançados em 29 de novembro, somam 71,1 mil transações até janeiro, feitas por 43 mil pessoas.

Na primeira modalidade, o cliente faz um Pix através de QR Code ou aplicativo, e recebe de volta a quantia em espécie. Na segunda, o cliente faz um pagamento em um valor maior pelo produto ou serviço que esteja adquirindo, e recebe de volta a diferença em espécie.

O Pix Saque é o que ganhou maior adesão, respondendo por 97,7% das transações registradas. A maior parte aconteceu em municípios interioranos (73%), com destaque para a região Sul.

Luis Augusto Ildefonso, diretor de relações institucionais da Alshop (Associação Brasileira de Lojistas de shopping), afirma que a novidade ainda não se popularizou entre os empresários representados pela entidade, mas é vista com bons olhos.

"A expectativa é que tenha uma boa adesão com o tempo, especialmente entre os comerciantes menores, que são maioria. É um alívio para eles, porque reduz as idas aos bancos. Quanto mais esvaziar o caixa, menor o risco de assalto, por exemplo. Alivia também para o cliente, que não precisa ir até o banco", diz Ildefonso.

O diretor executivo de inovação, produtos e serviços bancários da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), Leandro Vilain, ressalta que o lançamento das soluções de saque e troco ocorreu já no final do ano pode ter desacelerado a adesão inicial pelo varejo, uma vez que o período é voltado para as vendas das festas, quando empresários evitam implementar inovações tecnológicas.

Ainda assim, a novidade foi vista como positiva tanto para o varejo quanto para o setor bancário, que não teme a redução de público em agências e caixas eletrônicos.

"Diminuir a necessidade de abastecimento de ATMs [caixas eletrônicos] é notícia ótima para os bancos, porque exigem investimentos altos em carro-forte, logística, segurança e trabalho de tesouraria, como contagem de cédulas", diz Vilain.

É cedo também para determinar por que o Pix Saque e Troco foram adotados com mais força no interior e no Sul, diz Vilain, mas fatores como o acesso a tecnologia impactam a adesão.

"Não há um fator único que explique, mas a convergência de vários. O percentual de digitalização da população da cidade, o acesso a redes 4G e o poder aquisitivo para comprar smartphones, por exemplo."

Segundo o BC, os serviços estão disponíveis em mais de 36 mil pontos de atendimentos, como comércio, caixas eletrônicos e unidades de correspondentes bancários.

De acordo com a autoridade monetária, espera-se que a oferta dos serviços amplie a circulação de clientes nos pontos de oferecimento, o que poderia aumentar as vendas, e estimule a concorrência, uma vez que clientes de fintechs que não possuem caixas eletrônicos também poderão sacar valores através do serviço.

Os estabelecimentos têm a liberdade para definir horários e dias para o funcionamento do Pix Saque e Troco e as quantias máximas a serem sacadas, respeitando-se os limites de R$ 500 durante o dia e R$ 100 entre 20h e 6h.

Os estabelecimentos que oferecem a solução recebem uma tarifa por operação, que pode variar de R$ 0,25 a R$ 1. O valor depende da negociação com a instituição contratada para facilitar o serviço e os repasses são feitos até o 15º dia útil do mês seguinte.

Transações do Pix Saque e do Pix Troco

Cidades com mais transações até 31 de janeiro

Em % do total

TO, BA, MT, DF, GO, MG, MS, ES, SP, RJ, PR, SC, RS

1,7% Brasília
1,4% Rio de Janeiro
3,6% São Paulo
2,7% Florianópolis
Caxias do Sul 2,6%
1,1% São Leopoldo
Canoas 2,2%
1,4% Gravataí
Porto Alegre 9,1%
1,6% Viamão

Transações

Em milhares

Pix Saque 70,1
Pix Troco 1,6

71,7 mil no total

Municípios de realização das transações

Em %

Capitais 27
73 Interior

3.339 cidades no total

Fonte: Banco Central

Mídias digitais estão em momento de mudança

Quem estava confortável com YouTube e Instagram está tendo de reaprender muito

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

É sempre bom lembrar a utilidade da famosa frase de Marshall McLuhan de que "o meio é a mensagem". Com ela, o principal teórico das mídias de todos os tempos ressalta o fato de que qualquer mudança nos meios de comunicação leva a alterações profundas na forma como a sociedade se organiza e até mesmo nos modos de comportamento individual.

Pois bem, estamos de novo em temporada de transformação. Há uma nova geração de plataformas que vinha emergindo progressivamente e agora atinge força crítica como meio de comunicação de massa. Dentre elas, vale citar o TikTok, o Discord, o Twitch e o Telegram.

A ascensão dessas plataformas está mudando o jogo com relação à forma como a comunicação digital acontece. A geração anterior de plataformas (YouTube, Facebook e Instagram etc.) foi responsável por reconfigurar o papel da mídia tradicional (TV, jornais, revistas etc.). Por elas surgiu um novo tipo de celebridade, que se aproveitava dos novos meios para se projetar de forma independente dos canais editoriais existentes. Nesse movimento surgiram muitos personagens novos, que vão da blogueira de moda ao político de internet.

Estamos agora presenciando o momento em que a chegada de plataformas novas está suplantando as "velhas". Quem já estava confortável com o jeito de se comunicar no YouTube, no Facebook, no Instagram, plataformas com mais de dez anos de existência, está tendo de reaprender muita coisa.

O TikTok, por exemplo, cresceu a partir de ao menos dois elementos novos. O fato de utilizar uma inteligência artificial como elemento central da plataforma, capaz de identificar preferência conscientes e inconscientes dos usuários. E a criação de uma nova linguagem, consistente nos chamados "vídeos curtos", que exigem um jeito novo de trocar informação que é desconfortável para muita gente com mais de 30 anos (e para quem se acostumou demais com o ecossistema de mídias atual).

Já o Discord e o Twitch cresceram a partir da centralidade dos games para a cultura contemporânea global. O Discord é uma plataforma que permite comunicação por texto e voz que foi inicialmente adotada por jogadores que buscavam se comunicar enquanto jogavam coletivamente. No entanto, progressivamente foi saindo desse nicho e hoje é o epicentro de vários movimentos de inovação e comunicação mais amplos. Poucas plataformas têm a capacidade de organizar comunidades de interesse como o Discord.

Já o Twitch, hoje pertencente à Amazon, apostou originalmente na transmissão ao vivo de partidas de videogame. Conseguiu também extrapolar esse nicho e virar fenômeno popular. No Brasil, o influenciador Casimiro ("Casimito") rompeu todas as barreiras ao se tornar uma celebridade nacional projetando para todo o país a sempre interessante cultura da zona norte do Rio de Janeiro.

O Telegram, por sua vez, tem obtido sucesso crescente ao fundir a capacidade de comunicação do WhatsApp com a capacidade de formação de comunidades de interesse do Discord. Uma pena que, com tanto sucesso, a plataforma insista em ignorar a lei dos países em que opera.

De todo modo, essas transformações nas mídias já começam a produzir efeitos com repercussão em todos os campos sociais: na educação, na ciência, na cultura e, de forma imprevisível, também na política.

READER

Já era *Achar que uma determinada mídia social vai durar para sempre*

Já é *Movimento de ascensão e queda de várias plataformas*

Já vem *A busca por qual será a primeira plataforma bem-sucedida da Web 3.0*

Governo negocia regras contra inadimplência

Mudanças em programas emergenciais podem criar possibilidade de alterar juros de empréstimos em caso de renegociação

Fábio Pupo

BRASÍLIA Enquanto prepara o relançamento de programas de crédito criados durante a pandemia, o governo discute com os bancos mudanças para elevar a recuperação de recursos de devedores e adicionar a possibilidade de alterar os juros dos empréstimos em caso de renegociações.

As medidas são debatidas em meio à expectativa de aumento da inadimplência no país, e podem ser estendidas também a um conjunto de até R$ 137 bilhões em empréstimos firmados por meio de programas emergenciais.

As principais instituições financeiras do país, como Bradesco, Itaú e Banco do Brasil, projetam neste ano um aumento gradual da carteira de crédito com atrasos de mais de 90 dias nos pagamentos.

"É intuitivo a gente imaginar que a inadimplência possa aumentar um pouco", afirmou neste mês o diretor-presidente do Bradesco, Octavio de Lazari Junior.

"Já percebemos sinais de uma inadimplência subindo. Conseguimos ver isso principalmente no indicador de pessoa física", disse o diretor-presidente do Itaú Unibanco, Milton Maluhy Filho.

No caso dos programas emergenciais, as instituições veem limitações para as cobranças. O motivo é a legislação que rege, que não traz uma autorização clara para medidas tradicionais de recuperação dos valores.

Entre as medidas discutidas, está a autorização para substituir o devedor em caso de movimentação societária da empresa que tomou o crédito —em casos de cisão ou falência, por exemplo— e a flexibilidade para aplicar novas taxas após a renegociação dos débitos.

A legislação dos programas, que já foram encerrados para novas operações, prevê juros limitados ou um patamar pré-definido.

No Peac (Programa Emergencial de Acesso a Crédito), por exemplo, a taxa média praticada pela instituição financeira não pode superar 1% ao mês e o regulamento do programa diz que "será vedado o aditamento do contrato com o tomador de crédito que aumente a taxa de juros do contrato".

O tema é discutido entre representantes de Ministério da Economia, Febraban (Federação Brasileira de Bancos), ABBC (Associação Brasileira de Bancos) e BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Leonardo Vilain, diretor-executivo de Inovação, Produtos e Serviços Bancários da Febraban, afirmou que os bancos se preocupam com um aumento da inadimplência em 2022 ocasionado sobretudo pela situação da atividade econômica e estão sem autonomia para renegociar os contratos.

"Por mais que o cliente queira e por mais que eu, banco, entenda que é uma coisa boa para aquele estabelecimento, a lei não prevê a renegociação", disse à **Folha**. "Esse processo de cobrança a gente vem conversando com o governo", afirmou.

Vilain disse que as mudanças ajudariam na recuperação financeira dos clientes ao destravar a renegociação das dívidas e seriam benéficas também para os cofres públicos, já que os programas emergenciais usam recursos do Tesouro.

Apesar de os bancos pedirem ao governo flexibilidade para determinar novos juros após as renegociações, Vilain afirmou que as taxas não seriam elevadas.

"Você está renegociando para receber alguma coisa. Se não facilitar a vida do cara, vai ficar sem receber nada."

Paulo Solmucci, presidente da Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes), afirmou que mudanças nos programas são bem-vindas porque boa parte do setor está endividado, mas teme que as alterações acabem elevando os encargos cobrados.

"Taxas maiores seriam um golpe duríssimo em quem vive essa situação após pagar uma conta injusta e desproporcional para o bem coletivo."

Segundo ele, já há relatos de empresários tendo de renegociar valores com taxas mais altas do que o contrato original no Pronampe (Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte) —com elevação de 1,25% para 6%— além de ter de encarar a escalada da Selic, que disparou de 2% no fim de 2020 para 10,75% neste ano.

A lei do Pronampe estabelece juros máximos iguais aos da Selic, mais uma taxa de 1,25% —mas abre brecha para este último percentual chegar a 6% em operações firmadas a partir de 1º de janeiro de 2021.

O pacote de crédito deste ano deve ser criado por meio de MP (medida provisória). A intenção é relançar as duas principais linhas de 2020 —o Pronampe e o Peac.

Também está prevista uma linha de microcrédito da Caixa para trabalhadores informais e microempreendedores individuais.

No Peac e no Pronampe, seriam concedidos até R$ 100 bilhões em crédito para empresas que faturam até R$ 300 milhões por ano, sendo que o Pronampe seria mantido para empresas menores, de até R$ 4,8 milhões.

Não haverá necessidade de novos aportes do Tesouro Nacional, já que seriam usados recursos das rodadas anteriores sendo devolvidos aos fundos garantidores.

Por meio da assessoria de imprensa, o Ministério da Economia afirmou que ainda está estudando os programas.

Mais de 60% dos pequenos negócios buscaram empréstimos desde o início da crise da Covid e quase um terço do total (28%) está inadimplentes, de acordo com pesquisa do Sebrae e da FGV (Fundação Getulio Vargas) feita entre novembro e dezembro (a mais recente disponível).

Governo reavalia programas de crédito

Empréstimos foram concedidos ao longo de 2020, com exceção para o Pronampe, que também operou em 2021; atualmente não há novas concessões

Empresas-alvo

1. De faturamento anual superior a **R$ 360 mil**
2. Micro e pequenas (faturamento anual de **R$ 360 mil a R$ 4,8 milhões**)
3. De faturamento anual entre **R$ 360 mil e R$ 50 milhões** (crédito exclusivo para pagar folha de salários)
4. De faturamento anual inferior a **R$ 90 milhões**
5. Micro e pequenas(faturamento anual de **R$ 360 mil a R$ 4,8 milhões**)
6. Microempreendedores individuais, além de micro e pequenas empresas (faturamento anual até **R$ 4,8 milhões**)

Valor total contratado por banco, em %

Fonte: Painel do Emprestômetro (Ministério da Economia)

Faculdade privada teme aumento de ação judicial

Sem a coordenação do governo federal, instituições de ensino têm divergido sobre o retorno presencial das aulas

Isabela Palhares

SÃO PAULO Autorizadas pelos estados a retornar com as aulas presenciais, mas ainda liberadas pelo governo federal a continuar com o ensino remoto, faculdades particulares do país têm divergido sobre como iniciar o ano letivo de 2022 e temem um aumento de ações judiciais.

Até o fim do ano passado, a maioria das instituições planejava iniciar o ano com atividades presenciais.

Com o aumento de casos de Covid, provocado pela variante ômicron, muitas delas decidiram adiar o retorno e continuar com o ensino remoto.

A mudança de planejamento já provocou insatisfação em parte dos alunos e até mesmo motivou protestos.

Foi o caso do Mackenzie, faculdade da capital paulista, que depois de ter anunciado o retorno presencial, voltou atrás e iniciou o ano letivo de forma remota.

Os alunos só foram comunicados em 24 de janeiro que as aulas, que teriam início no dia 1º de fevereiro, não seriam mais presenciais. A reitoria disse que a mudança ocorreu para evitar a "propagação da variante ômicron".

Estudante de direito no Mackenzie, Gabriel Tavares, 21, tinha acabado de chegar a São Paulo quando soube que as aulas continuariam de forma remota. Ele é de Cuiabá, capital de Mato Grosso, e voltou a morar com a família durante a pandemia.

"Eu me planejei para estar em São Paulo, para ter aulas presenciais, e, quando cheguei, soube que as aulas continuariam a ser remotas", conta. "Tive um grande prejuízo financeiro pela desorganização da faculdade", diz ele.

A faculdade informou que prevê o retorno presencial somente em 12 de março.

O estudante Tavares defende que os alunos entrem com uma ação coletiva caso a volta seja adiada mais uma vez.

"Se continuarem adiando, acho que temos que adotar uma estratégia jurídica, pois estamos pagando pelo ensino presencial e recebendo aulas a distância há dois anos."

João Paulo Echeverria, que é sócio da Covac Sociedade de Advogados, especializada em direito do consumidor na área educacional, explica que o cenário atual é complexo, porque as instituições de ensino estão amparadas por meio de uma portaria do Ministério da Educação a continuar com o ensino remoto, mas autorizadas pelos estados a voltar presencialmente.

"A situação é mais difícil do que no início da pandemia, quando a única opção era fazer o ensino online. Agora, elas podem optar por uma das duas modalidades e correr o risco de desagradar uma parte dos alunos, ora os que querem o presencial, ora os que preferem o remoto", diz.

Segundo ele, a portaria do ministério é muito ampla ao permitir o ensino online enquanto perdurar a emergência sanitária no país.

Estudantes da Universidade Mackenzie, em São Paulo, que iniciou o ano letivo de forma remota 21.set.2018 Bruno Santos/Folhapress

"O governo federal poderia dar uma diretriz mais clara para que todos seguissem em uma mesma decisão e não ficassem tão desamparados na hora de tomar a decisão."

Outras faculdades particulares de São Paulo, como Cásper Líbero, FGV e FMU, também iniciaram o ano letivo com aulas online e só preveem o retorno presencial em março.

O mesmo aconteceu em instituições de ensino do Distrito Federal e do Rio de Janeiro.

Algumas instituições de ensino também tinham planejado exigir o comprovante de vacinação dos alunos para o retorno às aulas, mas ficaram com receio de adotar a medida depois de um despacho do MEC vetar a prática nas universidades federais.

A dirigente de uma faculdade localizada em Brasília, que pediu para não ter a instituição identificada, disse que recebeu emails de alunos ameaçando entrar com processo judicial caso tivessem que apresentar o comprovante.

Uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), ocorrida na última sexta-feira (18), suspendendo o despacho do ministério, dá amparo jurídico para essa exigência.

"A maioria das instituições quer retornar com aulas presenciais e da forma mais segura possível, seria muito mais fácil se o Ministério da Educação ajudasse a efetivar esse retorno", disse Echeverria.

Procurado pela reportagem, o MEC não quis comentar.

BIKES CONTRA A VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO DE SP
Ciclistas percorreram neste domingo (20) trechos da cidade, como a ponte estaiada Octavio Frias de Oliveira, na zona sul da capital, em protesto contra mortes de outros colegas; durante todo o trajeto, a manifestação foi pacífica Eduardo Knapp/Folhapress

Manter universidades sem aulas presenciais é hipócrita e cruel

OPINIÃO

Laura Mattos
Jornalista e mestre pela USP, é autora de 'Herói Mutilado – Roque Santeiro e os Bastidores da Censura à TV na Ditadura'

Quer saber o que está acontecendo em universidades brasileiras, que, mesmo com a permissão para retomar aulas presenciais, insistem em se manter no ensino remoto?

Aqui está uma pequena amostra dos absurdos: para reduzir custos com professores, formam-se "pools" de turmas. Uma sala virtual pode reunir centenas de alunos, agrupando, de forma aleatória, iniciantes com quem está prestes a se formar. As grades de disciplinas viram uma salada e atropelam a sequência lógica, obrigando estudantes a cursar, por exemplo, Matemática 2 antes da 1 ou Direito 4 antes do 3.

As provas não são produzidas pelos professores das turmas, mas por programas digitais que utilizam bancos de questões pré-preparadas, e as correções são automatizadas. Mestres e doutores são demitidos e se tornam "prestadores de serviço", para produzir pacotes de aulas gravadas, recebendo por isso cerca de 30% do que ganhavam nos cursos presenciais.

No lugar deles, "tutores", alguns sem título de pós-graduação e mesmo recém-formados, tornam-se responsáveis pelas turmas.

Passou da hora de se olhar para a situação dos universitários, que foram negligenciados nos debates da pandemia, tratados como vilões da transmissão do vírus.

Eles estão perdidos, esgotados, desmotivados, com ansiedade e depressão. A evasão no ensino superior bate recordes no país.

No ano passado, só nas universidades privadas, 3,42 milhões de estudantes abandonaram as faculdades, o que representa 37,2% do total, a maior evasão de toda a série histórica registrada pelo Semesp, o Sindicato das Estabelecimentos Mantenedores do Ensino Superior Privado.

Há nesta conta, logicamente, o abandono por dificuldades financeiras. Mas não se pode mais negar que o fechamento das universidades tenha trazido prejuízos emocionais e de aprendizado aos alunos e os levado a desistir.

O curso dos sonhos torna-se um enfado, e jovens pulam de uma faculdade para outra, sem saber se estão com dificuldade para escolher a carreira ou desorientados em razão do ensino remoto.

Enquanto isso, universidades insistem em adiar o retorno presencial com a justificativa de preservar a saúde. Obviamente que essa hipocrisia não cola mais, com tudo funcionando no país, alguns setores desde 2020. Ou vamos fazer de conta que todos da universidade, alunos, professores e funcionários, estão em casa, confinados, e que as aulas seriam a única e grande ameaça de se contaminar com a Covid-19?

Cansados disso, alunos se mobilizam, e calouros deste ano dão força, afinal, muitos tiveram de aguentar o 2º e o 3º ano do ensino médio fora da escola. Eles não querem, e não merecem, suportar o 1º ano da faculdade no mesmo esquema.

Os protestos surgem em universidades privadas, que têm aproveitado o fechamento para reduzir custos e compensar a perda de alunos, e nas públicas, nas quais há forte pressão de professores contra a reabertura.

Em São Paulo, já houve atos de alunos do Mackenzie e da Fundação Getúlio Vargas.

Os cartazes traziam dizeres como "Todos vacinados", "Alunos na universidade já", "Escola volta e universidade não?" e "O EAD [ensino a distância] mais caro do Brasil".

Na USP, o centro acadêmico da Escola de Comunicações e Artes fez um abaixo-assinado defendendo a retomada presencial e apontando os "malefícios nítidos" do sistema remoto, como "queda no rendimento, cansaço, desestímulo, dificuldade de interação, de foco e adoecimento mental".

O texto denuncia que debates na universidade, com o apoio de parte do corpo docente, caminham para manter permanentemente parte das aulas a distância. "Não aceitaremos a imposição de aulas virtuais após a pandemia", dizem os alunos.

Nas particulares, também já se percebe a intenção de prosseguir remotamente com o maior número de aulas possível, mesmo sem pandemia. Há planos de se chegar ao limite legal de 40% de atividades remotas, avançar nessa porcentagem e até transformar cursos antes presenciais em EAD. Há reaberturas de fachada, com aulas nas faculdades uma, duas vezes por semana, e por apenas, duas, três horas.

A qualidade despenca. No Brasil, falta fiscalização e regulação no EAD, o que abre caminho para "fábricas de diplomas", faculdades preocupadas só com lucro.

A professora de direito da USP Maria Paula Dallari Bucci, ex-secretária de educação superior do Ministério da Educação (2008-2010), e o professor da UFRJ Carlos Eduardo Bielschowsky, ex-secretário de educação a distância do MEC (2007-2010), alertaram para esse risco, em artigo do portal Jota, dando como exemplo cursos de pedagogia.

Em 2019, relatam, na pré-pandemia portanto, 55,5% dos alunos dessa carreira faziam EAD em faculdades dos dez maiores grupos de educação do país. Desses, 65% estavam em cursos com conceito insuficiente no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), contra 22,2% nas presenciais.

São esses os futuros professores do país. E, com o fechamento prolongado do ensino superior, uma geração de profissionais das mais diversas áreas terá sido formada com as fragilidades do ensino remoto.

É bom lembrar que as universidades do estado de São Paulo foram liberadas já no final de 2020 a retomar parcialmente as atividades presenciais e que, desde outubro de 2021, podem receber 100% dos alunos.

Membro da comissão de legislação e normas do Conselho Estadual de Educação de SP, Décio Lencioni Machado diz que instituições que insistirem em permanecer fechadas devem sofrer ações judiciais. Especializado em direito educacional, ele explica que a autonomia universitária, garantida pela Constituição, não pode ser confundida com soberania.

"Há normas a serem cumpridas, e, no cenário atual, o fechamento das universidades não se justifica."

[...]

Os protestos surgem em universidades privadas, que têm aproveitado o fechamento para reduzir custos e compensar a perda de alunos, e nas públicas, nas quais há forte pressão de professores contra a reabertura

Voluntários buscam por Gabriel Villa Real, 17, que desapareceu após o ônibus em que ele estava ser carregado pela correnteza Eduardo Anizelli/Folhapress

Voluntários entram em um rio para tentar encontrar jovem em Petrópolis

Família diz que estudante quis ajudar passageiros enquanto ônibus afundava em meio à chuva

Matheus Rocha

PETRÓPOLIS (RJ) Sem ajuda dos bombeiros, voluntários montaram uma operação de busca para localizar o estudante Gabriel Villa Real, 17, que desapareceu em um dos ônibus que foram levados por uma correnteza durante as chuvas que castigaram Petrópolis, na última terça-feira (15).

Ao menos seis homens entraram neste domingo (20) no rio Quitandinha, no centro de Petrópolis, para tentar achar o estudante. Na terça-feira, ele tinha ido ao centro da cidade para buscar uma bolsa em uma loja. Na volta, foi surpreendido ao lado de outros passageiros pelo temporal que arrasou a cidade.

Segundo relatos, o motorista decidiu amarrar o ônibus em um poste para que ele não fosse levado pelas águas. Porém, durante a chuva, a corda se rompeu e o veículo foi arrastado para dentro do rio.

Testemunhas gravaram um vídeo dos passageiros lutando pela vida em cima dos veículos. Foi por meio desse registro que parentes conseguiram identificar o jovem. Segundo eles, Gabriel ainda tentava ajudar outros passageiros com uma escada enquanto os ônibus afundavam.

"Ele é um herói. Ele tentou de tudo. Ele poderia ter se enfiado na escada para tentar sair logo. Mas ele não fez isso. Ele só saiu quando não tinha mais jeito", diz Vanessa de Melo Rocha, tia do jovem.

Ela diz que o estudante sonhava em ser lutador de jiu-jítsu e que ele já colecionava medalhas em casa. "O Gabriel sempre foi um menino muito calmo. Nunca tivemos problemas nenhum com ele. Nunca se envolveu com nada de errado, frequenta a igreja e ajuda muito em casa."

Apesar das tentativas, o ônibus virou e os passageiros foram carregados pela correnteza, incluindo Gabriel. O jovem é uma das pessoas que sumiram durante o temporal em Petrópolis na última terça (15). Segundo dados da Polícia Civil, há mais de cem pessoas desaparecidas.

"Está todo mundo arrasado. O telhado de vidro não é só do vizinho. As desgraças podem acontecer com qualquer um. Não importa quem seja. Então, está todo mundo muito impactado com isso. Não só a gente. Olha a multidão de pessoas que está ajudando, pessoas que eu nem conhecia", diz ela, que aponta em direção aos homens que tentam localizar Gabriel dentro do rio.

Um deles é Rogério Barros, 40, que decidiu se juntar às buscas no último sábado (19). "Eu tenho dois filhos. Se fosse filho meu, eu ia querer que todos os homens do mundo estivessem aqui me ajudando. Eu não posso ter outro sentimento que não seja vir para cá e tentar ajudar a família a encontrar", disse ele, após sair do rio durante as buscas.

"A possibilidade de um corpo ficar agarrado às árvores é algo muito plausível. Enquanto ninguém enfrentar essa situação, a família não vai ter a certeza de que o corpo está aqui", afirma ele, acrescentando que não viu os bombeiros entrando dentro do rio para buscar por desaparecidos.

"O rio todo tem que ser vasculhado, porque a possibilidade de ele estar preso em uma galhada dessa é gigantesca."

A **Folha** entrou em contato com o Corpo de Bombeiros, mas não obteve resposta até a conclusão desta reportagem.

O temporal que devastou Petrópolis atingiu a marca de ao menos 169 mortos neste domingo (20), superando os desastres registrados em 1988 e 2011. Com isso, ele se tornou o mais letal já vivido pela cidade. A Defesa Civil Municipal realiza o monitoramento de chuvas e tragédias desse tipo na região desde 1932.

O número de mortos tende a crescer, já que foram computados pela Polícia Civil 126 desaparecidos após o temporal. A prefeitura diz que 812 pessoas estão desabrigadas e ocupam 21 unidades escolares da cidade.

Entre os 155 corpos que já chegaram ao IML (Instituto Médico-Legal) até este domingo (20), 96 são de mulheres e 59 são de homens, sendo 29 de menores de idade. Entre eles, 139 já haviam sido identificados. Até domingo, 114 mortos haviam sido enterrados.

Vendedores tentam amenizar clima de golpe no Mercadão

Roberto de Oliveira

SÃO PAULO No mezanino gastronômico do Mercadão, uma família de Curitiba aproveita a vista proposta pelos 16 metros de pé-direito, com colunas, abóbadas e vitrais coloridos ao fundo, para caprichar na selfie. Entre um clique e outro, a recepcionista Iraci Simone de Jesus, 50, dispara: "Por ser turista, acham que você é pato".

Pela primeira vez, ela e as sobrinhas Emanuelle, 35, e Ellen, 16, visitaram o Mercado Municipal de São Paulo, no sábado (19). Comeram pastel de bacalhau, sanduíche de mortadela e se esquivaram das barracas de frutas. "Nem experimento porque não quero me comprometer. Odeio quando ficam te empurrando as coisas", disse Emanuelle.

Na última semana, o Mercadão tem sido alvo de críticas devido a denúncias de golpes contra consumidores: o da mortadela, no qual sanduíches seriam oferecidos por uma marca, mas recheados de embutido de uma outra, mais em conta; e o da fruta.

Nele, frequentadores estariam sendo coagidos a experimentar fruta de graça e depois serem obrigados a comprar por preço abusivo. Teve internauta que disse ter pagado R$ 800 por uma bandejinha.

Havia mais gente driblando as barracas de pitaias, tâmaras e mangostins, e as denúncias de fraude já provocaram impacto no bolso dos lojistas.

O comerciante Antonio Pedro Júnior, 24, da Barraca do Juca, calcula que as vendas caíram 50% na semana passada.

Com 300 tipos de fruta, a barraca ganhou fama quando foi cenário da novela "A Próxima Vítima" (1995). Juca, na ocasião, era Tony Ramos.

Pedro Pereira da Cruz, 74, o Juca na vida real, trabalha no Mercadão desde 1970. Ele mostra as etiquetas das frutas que ali registram o preço por quilo e explica que todas elas dispõem de um código. Elas são pesadas, diz, reiteradamente na frente da clientela.

Júnior, o filho, afirma: "Me senti muito constrangido com toda essa história. Recebi ligações do Brasil inteiro. Clientes, que compram com a gente há mais de 20 anos, perguntando o que estava acontecendo".

O rapaz ressalta que a barraca, onde trabalha ele, o pai e mais dois irmãos, não compactua com atos ilícitos. "Estamos desenvolvendo uma ação para explicar ao consumidor, que anda muito ressabiado, como é o nosso processo diário de trabalho. Temos que reconquistá-lo", explica.

Na última quarta-feira, o Procon autuou 11 barracas de frutas por irregularidades. Entre elas, manter balança escondida na parte da trás da barraca, o que impede o comprador de verificar o preço.

Presidente do conselho da Mercado SP SPE S.A., concessionária que atua no Mercadão desde setembro de 2021, o advogado Aldo Bonametti, 54, explica que, caso as irregularidades persistam, os infratores poderão ser despejados. Cinco comerciantes já foram multados.

Na avaliação do advogado, a prática de abuso ou irregularidade é algo antigo por ali e restrita a uma minoria de lojistas.

Inaugurado em 1933, o Mercadão recebe hoje cerca de 70 mil pessoas por semana, estima a concessionária. Só aos fins de semana, são 30 mil visitantes —a maioria é turista.

Encantada com o projeto arquitetônico eclético, de 12.600 metros quadrados, assinado pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), a professora Geanne Alves, 43, sentiu que os vendedores de frutas estavam um pouco mais contidos.

"Todo o mundo tinha me falado do assédio dos lojistas, mas achei a abordagem deles sutil", disse ela, moradora de Natal (RN), em sua estreia no Mercadão. "Ninguém te obriga a nada. Compra quem quer."

Fernando Barreto, 57, empresário de Salvador, diz que o assédio dos vendedores é algo deselegante, que sempre o incomodou, mas que esse tipo de comportamento não é exclusivo do local.

"É uma característica antiga desses estabelecimentos, vem de períodos seculares do ato de negociar", conta. "Agora, cai no golpe quem quer", diz ele, enquanto degusta um vinho do Porto com queijos, na Barraca do Ramon.

O comerciante Antonio Kambilis, 48 anos, trabalha ali há 30. Reconhece que o problema de aproveitadores existe e não é de hoje. "Isso tudo atrapalha a imagem do Mercadão. Aqui, somos muitos. Por isso, não podemos generalizar."

Nascido na catarinense Maravilha, crescido em Manaus, o chef Felipe Schaedler, 35, é daqueles experts em mercados, tanto os variados e coloridos da região amazônica quanto os exóticos da Ásia. "Pegadinhas" e "golpes" em turistas, conta, são comuns não só no mercado de São Paulo como também no Ver-o-Peso, em Belém, ou no Borough Market, do Reino Unido.

Chef do restaurante Banzeiro, Schaedler fala que é preciso pesquisar e comparar preços. "Pessoas desonestas orbitam esse universo enquanto tantas outras tentam fazer um trabalho digno."

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Superou timidez com uma carreira na comunicação

CARLOS ALBERTO VITTORIO DE SANTANA (1955-2022)

Franco Adailton

SALVADOR Carlos Alberto Santana tinha como marca pessoal a introspecção, mas, por ironia da vida, foi no mundo da comunicação que ele construiu uma longa carreira profissional, em Salvador, como locutor, radialista, jornalista e escritor.

Com voz apropriada para os microfones, passou da gravação de peças institucionais nos Estúdios WR à locução no rádio, em emissoras como Cruzeiro, Cultura, Itaparica e A Tarde FM —onde implantou e coordenou o núcleo de jornalismo.

Enveredou-se também pelo segmento institucional como coordenador de rádio da Secretaria de Comunicação na gestão do ex-prefeito Antônio Imbassahy (1997-2004), além de ter atuado em diversas campanhas e mandatos políticos.

Escreveu o livro "20 Contos e Meio – Pequenas Tragédias e Algum Romance", uma coletânea de histórias sobre personagens reais que conhecia dos habitats onde se sentia mais à vontade: bares de Salvador, Arembepe e colônias de pescadores.

O gosto pela escrita começou no Grupo Escolar Julieta Vilas Boas, onde estudou com a escritora Celiana Santos. "[Santana] foi quem me iniciou no mágico mundo dos gibis de Walt Disney. Fiquei tão 'viciada' que lá em casa parecia um sebo", recorda ela.

Santana também espalhou o gosto por música. Nos anos 1970, era o "fornecedor" de LPs da servidora pública Sílvia Assis, que batia ponto semanalmente na rádio Cultura em busca de novidades.

"Com os discos emprestados, eu gravava fitas cassetes e vendia aos colegas de escola", lembra Sílvia.

Santana tinha como traço o humor ácido, exposto no blog que mantinha desde 2005. Na última postagem, em novembro de 2021, fez troça da própria condição: "um tumor na região da orofaringe que, por tabelinha e pura diversão, me atingiu a base da língua".

"Não dá mais pra invocar o VAR, numa tentativa de driblar um destino construído com muito esforço à base de noites mal dormidas, conhaques, cervejas, vinhos, vodkas, cigarros e, de vez em quando, uma comidinha pra quebrar a rotina", escreveu.

Nos últimos tempos, por causa da quimioterapia na garganta, se comunicava apenas pela escrita. "Uma ironia do destino", lamenta Vanessa Santana, primogênita dos quatro filhos do comunicólogo.

Caçula dos quatro filhos de Helenita com Rufino, Santana nasceu em 3 de maio de 1955, em Terra Nova, no Recôncavo Baiano. Morreu no último dia 8, em Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador. Além dos quatro filhos, deixou sete netos e a viúva, Edna.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

A boiada continua passando

Mineração artesanal é um embelezamento semântico do garimpo

Marcia Castro
Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

No último dia 9 foi aprovada a agenda prioritária do governo para 2022 que inclui 45 itens. Destes, dez trazem impacto na área ambiental, tais como mineração em terras indígenas, regularização fundiária, mudanças no licenciamento ambiental, flexibilização de concessões florestais, e marco temporal em terras indígenas.

Dois dias depois, foi aprovado o decreto 10.966 que cria o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala (Pró-Mape). O programa estimula a 'mineração artesanal' e define como área de atuação prioritária a Amazônia Legal (Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Mato Grosso, e 181 Municípios do estado do Maranhão).

Mineração artesanal é um embelezamento semântico do garimpo.

Em nota oficial do Planalto, os objetivos do Pró-Mape foram descritos como "integração e fortalecimento das políticas setoriais, sociais, econômicas e ambientais para o desenvolvimento sustentável da mineração artesanal e em pequena escala, estimulando as melhores práticas, a formalização da atividade e a promoção da saúde, da assistência e da dignidade das comunidades envolvidas."

As palavras sustentável, saúde e dignidade se encaixam nos objetivos do Pró-Mape? Não.

Um relatório da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Ministério Público Federal mostra que 28% do ouro comercializado em 2019 e 2020 tinha procedência irregular (ilegais ou potencialmente ilegais). Destes, 75% eram provenientes de estados da Amazônia Legal, quase a metade do estado do Pará.

O Mapbiomas mostra que a Amazônia concentra 93,7% do garimpo do Brasil. De 2010 a 2020, a área de garimpo em territórios indígenas e unidades de conservação expandiu 495% e 301%, respectivamente. Em 2020, metade de toda a área de garimpo estava em territórios indígenas e unidades de conservação, com as maiores áreas concentradas no Pará (povos Kayapó e Munduruku, e unidade Apa do Tapajós).

E é exatamente no Pará onde está em construção a North Star Refinaria, que será a maior refinaria de ouro do Brasil. A refinaria, entretanto, está associada a família Goetz, com histórico de atuar no mercado clandestino de ouro.

A calculadora de impactos do garimpo ilegal, criada pela organização Conservação Estratégica (CSF) e pelo Ministério Público Federal, estima que mais de 3 quartos do custo associado ao garimpo ilegal em 2019 e 2020 seria decorrente de problemas de saúde em decorrência da contaminação por mercúrio.

O garimpo na Amazônia, nada tem de artesanal, nem de sustentável, nem de mecanismo de geração de melhorias de condições locais. É apenas uma das atividades que compõem um modelo de desenvolvimento predatório que não gera benefícios locais, que não respeita os povos da Amazônia, e que deixa cicatrizes profundas de desigualdade social e destruição ambiental.

Vivemos o embelezamento da desgraça. Covid-19 é uma gripezinha. Ômicron é bem-vinda. Agrotóxico passa a se chamar pesticida. E o garimpo virou mineração artesanal.

Mudar o nome para mineração artesanal, embelezando uma atividade ilegal, não muda suas consequências: desrespeito a demarcação de territórios indígenas, danos à saúde das comunidades indígenas e da população local, e destruição ambiental.

A boiada continua passando. Mas o que acontece na Amazônia não afeta só a Amazônia. Afeta também o regime de chuvas e a poluição do ar (resultado das queimadas) do país.

Que os eleitores se lembrem disso em outubro.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Prefeitura de São Paulo não planta árvores há seis meses

Número de espécimes plantados em 2021 foi o menor desde 2016; o déficit é de cerca de 180 mil árvores

Brás, na zona leste, área com menor cobertura arbórea da capital Bruno Santos - 16.fev.2022/Folhapress

Número de árvores plantadas em São Paulo entre 2016 e 2022

Metas dos Planos de Metas e do PMAU não foram atingidas nenhuma vez no período

Árvores que deveriam ter sido plantadas para atingir metas e aumentar contingente

*Não há meta para o PMAU antes de 2020 e para o plano de metas antes de 2017
Fonte: Divisão de Arborização Urbana, Plano de Metas 2017-20, Plano de Metas 2021-24, Plano Municipal de Arborização Urbana

Plantios por substituição a árvores retiradas em São Paulo entre 2012 - 2019

A maior parte das árvores retiradas na capital não é substituída como exige a lei

Árvores que deveriam ter sido plantadas por substituição a árvores retiradas

Fonte: Plano Municipal de Arborização Urbana

Isabela Lobato

BELO HORIZONTE São Paulo tem, pelo menos, 180 mil árvores em falta, que deveriam ter sido plantadas nos últimos dez anos, mas não foram. A situação se agravou nos últimos seis meses, período em que a Prefeitura não realizou nenhum plantio na cidade.

O serviço, que é feito por uma empresa contratada por meio de licitação, está suspenso desde o fim do contrato anterior, em julho de 2021.

Com a interrupção, o número de árvores plantadas na capital paulista em 2021 foi o menor desde 2016. Além das que deixaram de ser plantadas, muitas árvores foram retiradas e não receberam a substituição prevista em lei. Os dados são da Divisão de Arborização Urbana (DAU), dos Planos de Metas das duas últimas gestões e do Plano Municipal de Arborização Urbana (PMAU).

Mesmo no período em que o contrato estava ativo, as metas definidas pelo PMAU para o número de árvores plantadas anualmente nunca foram totalmente atingidas. O instrumento foi elaborado entre 2019 e 2020 como parte do esforço da cidade para atingir as metas da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Os números estão mais distantes ainda do estabelecido no Plano de Metas 2021-2024, da gestão de Ricardo Nunes (MDB), que prevê o plantio de 45 mil árvores por ano.

O objetivo é alcançar 50% de cobertura vegetal na cidade. O índice atualmente é de 48,2%.

Além da cobertura em si, outro problema é a distribuição desigual da vegetação. A subprefeitura de Parelheiros, por exemplo, é a segunda maior da cidade e tem mais de 60% de sua área é coberta por mata atlântica. Essa taxa cai a 3,2% em bairros como o Brás, na zona leste, zona com menor cobertura arbórea da capital.

O professor da USP Marcos Buckeridge, especialista em arborização urbana, explica como essa desigualdade de distribuição da vegetação é um dos fatores que compõem a grande desigualdade social na capital paulista.

Áreas mais arborizadas têm melhor qualidade do ar, temperaturas mais equilibradas, maior umidade e menos enchentes, além de serem mais agradáveis visualmente.

"Nos locais de maior IDH e maior arborização, os habitantes chegam a viver 20 anos a mais em comparação com aqueles que vivem em regiões de baixo IDH e baixa arborização. Ainda que não seja uma relação direta, a árvore é um dos fatores que se correlaciona com as desigualdades que temos na cidade", afirma Buckeridge.

O professor ressalta que todos os lugares enfrentam desafios, especialmente as grandes cidades. O custo é alto para cuidar de um plantel enorme como o de São Paulo, que tem cerca de 650 mil árvores. Apesar dos custos, Buckeridge diz que esse investimento deve ser feito.

Tanto o professor como a prefeitura, por meio da SVMA(Secretaria do Verde e do Meio Ambiente), afirmam que a gestão atual tem dado importância para o tema, com a criação de um comitê de cientistas para definir planos de arborização para a capital.

Até o ano passado, a empresa responsável pelo manejo e plantio das árvores da capital recebia mais de R$ 7 milhões anualmente por esse serviço.

A SVMA afirma que o novo contrato está em fase final de licitação. A secretaria não informou uma previsão de quando os serviços devem retornar à normalidade.

saúde

Quarta dose de vacina contra Covid ainda não tem sua aplicação definida

Vulneráveis podem precisar de mais uma injeção; reforço mantém a proteção contra ômicron

Ana Bottallo

SÃO PAULO O vírus Sars-CoV-2 mudou com a variante ômicron, mais transmissível e capaz de escapar parcialmente dos anticorpos produzidos pela vacinação. Com isso, muitas pessoas passaram a se infectar mesmo vacinadas.

Os chamados escapes vacinais já eram conhecidos para outras cepas do vírus de maneira menos frequente, mas agora aparecem em maior número com a nova onda.

As vacinas mantêm sua proteção contra casos graves, internações e mortes. A maioria dos sintomas em pessoas vacinadas com reforço é leve, sem necessidade de internação.

Porém, em alguns casos, mesmo indivíduos que receberam as três doses se hospitalizam, e por isso as autoridades de saúde e governos avaliam a aplicação de uma quarta dose dos imunizantes.

O primeiro país a adotar uma quarta dose foi Israel. Nos EUA, ela é recomendada para pessoas imunossuprimidas acima de 5 anos de idade.

O Ministério da Saúde brasileiro aprovou a quarta aplicação para imunossuprimidos acima de 12 anos, como as transplantadas, vivendo com HIV, em tratamento para câncer, que fazem hemodiálise ou que usam medicamentos imunossupressores.

Em 9 de fevereiro, o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), fez um anúncio dizendo que toda a população iria receber uma quarta dose no estado, mas logo voltou atrás e disse que São Paulo estava, na realidade, avaliando a possibilidade.

No mesmo dia, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que ainda não há uma previsão para a quarta dose e que a prioridade do governo é o reforço na população.

Mulher recebe quarta dose da vacina, em Israel, pioneiro nessa ação Gil Cohen Magen - 31.dez.21/Xinhua

Veja o que se sabe até agora sobre a aplicação de uma quarta dose de vacina contra a Covid

O que dizem os estudos sobre a necessidade e eficácia de uma quarta dose? Até agora, não há evidências suficientes que comprovem a necessidade de uma quarta dose de maneira irrestrita.
Em Israel, um estudo com reforço da Pfizer mostrou que há um aumento da quantidade de anticorpos no sangue após a quarta dose semelhante ao observado no pico com a terceira dose, mas o mesmo não preveniu infecções. A pesquisa avaliou 274 profissionais da saúde que receberam três doses de imunizantes de mRNA (Pfizer ou Moderna) mais uma dose de Pfizer.
De acordo com um outro estudo realizado em Israel, a quarta dose não impediu infecção por ômicron, mas o período curto de reforço (um mês) pode não ter sido o suficiente para impedir a entrada do vírus.
Por outro lado, a ciência já demonstrou que as vacinas induzem um tipo de resposta protetora celular, que é de memória, respondendo rapidamente quando há contato com o vírus verdadeiro.
"Essa proteção celular, embora não seja medida, ela está lá, então mesmo quando há o decaimento de anticorpos neutralizantes, sabemos que o indivíduo vacinado com três doses está protegido", afirma a imunologista e professora da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Cristina Bonorino.
Para ela, a terceira dose é necessária, mas falar sobre uma quarta injeção ainda é muito cedo.

Quais países já adotaram uma quarta dose e para quais pessoas ela é indicada? Até o momento, poucos países incluíram a quarta dose para a sua população. São eles: Israel, para todos os profissionais de saúde e pessoas acima de 60 anos; Canadá, para a população acima de 18 anos três meses após tomar a última injeção; Dinamarca, para os indivíduos com maior risco e acima de 60 anos; o Chile, que começou a vacinar sua população com 55 anos ou mais em fevereiro; e, mais recentemente, a Suécia, para idosos acima de 80 anos, e a Coreia do Sul, para trabalhadores de saúde e pessoas vulneráveis.
Outros países, como o Reino Unido, os Estados Unidos e o próprio Brasil recomendam a quarta dose apenas para pessoas imunossuprimidas: neese caso, com mais de 18 anos, no Reino Unido, acima de 5 anos, nos Estados Unidos, e com 12 anos ou mais, no Brasil.

O que sabemos em relação ao perfil de segurança de uma quarta dose? De maneira geral, os efeitos adversos que ocorrem com as doses de reforço da vacina são leves, e espera-se que o mesmo seja observado com a aplicação da quarta dose.
No estudo de Israel com 274 voluntários, os principais eventos adversos foram locais (80%), desaparecendo em até dois dias. Estudos mostram ainda que a frequência de eventos adversos pós-vacinação diminui com os reforços. Não significa, porém, que devam ser negligenciados, diz o diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações, Renato Kfouri.
"É importante destacar que com mais de 11 bilhões de doses das vacinas contra Covid aplicadas em todo o mundo, os efeitos colaterais graves são raríssimos. Mas nem por isso devemos deixar de pensar que uma quarta dose deve ser aplicada sem os dados [de segurança], que ainda não conhecemos. Por isso é preciso investigar", afirma.

A eficácia das vacinas diminui com o passar do tempo? O que muda com a variante ômicron? Os estudos feitos até agora mostram que duas doses das vacinas ou a dose única da Janssen, frente à ômicron, têm eficácia reduzida.
Segundo levantamento do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA, a eficácia da dose de reforço cai após quatro meses. Mesmo com a queda, a proteção continua alta, em torno de 78%, diz o órgão.
Pesquisa feita no Reino Unido apontou que, no contexto da ômicron, a dose de reforço proporciona uma proteção 20 vezes maior para hospitalização e óbito comparado a indivíduos com apenas duas doses. O recorte etário foi acima de 50 anos.
"Isso é um dado que mostra que para as pessoas com mais de 50 anos, imediatamente após um reforço, a proteção das vacinas é recuperada de 59% para 95%, ou seja, é fundamental a terceira dose", explica Julio Croda, pesquisador da Fiocruz.
Porém, ele avalia que os idosos no Brasil, que receberam o reforço em sua maioria em setembro ou outubro de 2021, precisam de uma quarta dose justamente por essa diminuição da proteção.
Recentemente, um estudo indicou que um reforço da Pfizer seis meses depois em pessoas com duas doses de Coronavac recupera a eficácia de 72,5% para 97,3% contra casos graves. A pesquisa não incluiu o período de circulação da ômicron.
Ainda há idosos, sobretudo no estado de São Paulo, que foram vacinados com duas doses de Coronavac mais o reforço do mesma vacina, para os quais não há dados de proteção após quatro meses.
"Para esse grupo, é urgente uma quarta dose, porque eles já têm maior risco e não receberam a proteção de reforço com a Pfizer", afirma a infectologista Rosana Richtmann, do comitê de assessoramento do governo federal para vacinas.
Para ela, a prioridade é resgatar as pessoas que já estão aptas para um reforço.
Croda concorda com a recomendação, mas diz que as campanhas não devem ser excludentes. "Não devemos cair no erro do passado de achar que é preciso primeiro completar a terceira dose antes de iniciar a quarta, porque os idosos com mais de 80 anos estão em muito alto risco para hospitalizações e óbitos", avalia.

Teremos uma vacinação anual da Covid como é com a gripe ou iremos receber reforços a cada quatro meses? Ainda não sabemos por quanto tempo a pandemia da Covid irá durar, mas especialistas acreditam que o coronavírus Sars-CoV-2 vai se tornar um vírus endêmico, como o vírus influenza. Cientistas já trabalham, no entanto, para uma vacina combinada da gripe com o coronavírus.
"Precisamos de vacinas melhores e neste ano devemos ter novidades, inclusive vacinas que possuem um tempo de duração maior da proteção ou com maior eficácia para neutralização do vírus no nariz, como as vacinas de spray nasal", diz a infectologista e professora da Unicamp Raquel Stucchi.
Até lá, é preciso acelerar a vacinação das pessoas com esquema incompleto, diz Stucchi. "Precisamos melhorar a comunicação reafirmando a importância das vacinas e, principalmente, da dose de reforço."

Pesquisa diz que peste negra não matou metade da Europa

Carl Zimmer

THE NEW YORK TIMES Em meados do século 14, uma bactéria transmitida por pulgas e ratos se alastrou rapidamente pela Ásia e Europa, provocando casos mortíferos de peste bubônica. A chamada peste negra foi uma das pandemias mais notórias da história.

Especialistas estimam que ela matou cerca de 50 milhões de europeus, a maior parte da população do continente.

"Os dados amplamente distribuídos e numerosos indicam que a peste negra provavelmente exterminou por volta de 60% da população europeia", escreveu em 2005 o historiador norueguês Ole Benedictow, um dos maiores especialistas na peste negra. No ano passado, ele elevou essa estimativa para 65%.

Mas essas cifras, baseadas em documentos históricos da época, superestimam em muito o número real de vítimas da peste, segundo estudo publicado no último dia 10. Por meio da análise de depósitos antigos de pólen como marcadores de atividade agrícola, pesquisadores alemães constataram que a peste negra provocou uma colcha de retalhos de destruição.

Algumas regiões sofreram mortandade devastadora, mas outras regiões se mantiveram estáveis e ainda outras chegaram a prosperar.

"Não podemos continuar a dizer que a peste matou metade da Europa", disse Adam Izdebski, historiador do Instituto Max Planck para a Ciência da História Humana, na Alemanha, autor do novo estudo.

No século 14, a maioria dos europeus trabalhava na agricultura, que envolvia trabalho braçal. Se metade de todos os europeus tivesse morrido entre 1347 e 1352, a atividade agrícola teria sido drasticamente reduzida. "Metade da força de trabalho teria desaparecido de uma hora para outra", disse Izdebski. "Não seria possível manter o mesmo nível de utilização da terra."

A perda de metade da população teria convertido muitas fazendas em campos incultos. Sem pastores suficientes para cuidar do gado, os pastos teriam sido invadidos por mato. Arbustos e árvores teriam tomado conta dessas áreas e, com o tempo, teriam dado lugar a florestas maduras.

Izdebski e seus colegas calcularam que, se a peste negra tivesse de fato provocado uma transformação dessa natureza, eles deveriam poder detectá-las nas espécies de pólen que sobreviveram da Idade Média. Todos os anos, plantas liberam quantidades imensas de pólen no ar. Parte desse pólen acaba no fundo de lagos e pântanos. Soterrados no lodo, os grãos podem sobreviver por séculos.

> “Metade da força de trabalho teria desaparecido de uma hora para outra. Não seria possível manter o mesmo nível de utilização da terra”
>
> **Adam Izdebski**
> historiador ambiental do Instituto Max Planck para a Ciência da História Humana, em Jena, na Alemanha, autor do novo estudo

Izdebski selecionou 261 sítios em toda a Europa –desde Irlanda e Espanha, no oeste, até Grécia e Lituânia, no leste— que continham grãos preservados datando de aproximadamente entre 1250 e 1450.

Em algumas regiões, como a Grécia e a Itália, o pólen contou uma história de devastação. O pólen de espécies como o trigo diminuíra muito. Dentes-de-leão e outras flores de áreas de pastagem haviam sumido. Apareceram árvores de crescimento rápido, como faias, seguidas por outras que crescem lentamente, como carvalhos. Mas a mesma coisa não se deu em toda a Europa: apenas 7 das 21 regiões estudadas pelos pesquisadores passaram por mudanças catastróficas. Em outros lugares, o pólen registrou pouca ou nenhuma mudança.

Na realidade, a paisagem mudou no sentido contrário em regiões como Irlanda, Espanha central e Lituânia. O pólen de florestas maduras rareou, enquanto o pólen vindo de áreas agrícolas e de pastagem ficou ainda mais comum. Em alguns casos, duas regiões contíguas seguiram rumos diferentes, com o pólen sugerindo que uma se convertera em floresta enquanto a outra passara a ser cultivada.

Embora essas descobertas sugiram que a peste negra não foi tão catastrófica quanto argumentam muitos historiadores, os autores do novo estudo não propuseram nova cifra de baixas reais da pandemia.

Professor, escritor, historiador, John Aberth disse que o estudo não muda sua opinião de que cerca de metade da população da Europa morreu. Disse duvidar que a peste possa ter poupado regiões inteiras ao mesmo tempo em que devastava outras.

Tradução de Clara Allain

Isurus oxyrhynchus, o tubarão mako Mark Conlin/SWFSC Large Pelagics Program/Wikimedia Commons

Governo autoriza exportações de tubarão ameaçado

ICMBio recomendou inclusão do mako na lista de animais sob risco do Brasil; ministério diz que trâmite é legal

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO O governo federal publicou uma portaria que autoriza a exportação do tubarão *Isurus oxyrhynchus*, popularmente conhecido como mako. A espécie faz parte de listas internacionais de animais ameaçados e deve entrar na próxima relação brasileira de espécies ameaçadas de extinção. A liberação preocupa especialistas.

A portaria, assinada por Jorge Seif Júnior, secretário da Pesca (parte do Ministério da Agricultura), e por integrantes dos ministérios do Meio Ambiente e da Economia, estabelece cotas de 20,79 toneladas para exportação de produtos, subprodutos e partes do mako e de 415,86 toneladas para tubarões inteiros.

As barbatanas de tubarões são, normalmente, o principal item de interesse e movimentam o mercado na Ásia. No caso do mako, porém, até a carne costuma ser apreciada. Em 2015, a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) estimava que os produtos relacionados a tubarões movimentavam cerca de US$ 1 bilhão por ano, cerca de R$ 5,14 bilhões. O Brasil é o maior consumidor de tubarões, normalmente vendidos sob a nomenclatura genérica de cação.

Também conhecido como tubarão-anequim, o animal é classificado como ameaçado na lista vermelha da IUCN (International Union for Conservation of Nature), na qual é apontada uma diminuição geral das populações da espécie.

Por sua situação mundial, o mako foi recentemente colocado no apêndice 2 da Cites (Convenção sobre Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção), da qual o Brasil é signatário.

Uma análise do projeto Política por Inteiro, que monitora atos normativos do governo na área ambiental e é parceiro da **Folha** no Monitor da Política Ambiental, ainda chama a atenção para o fato de o Brasil ter apoiado a listagem do mako no apêndice do Cites. O projeto classificou a medida como de flexibilização.

> Aqui no Brasil parece que é confortável a gente ficar sem estatística pesqueira
>
> **Rodrigo Barreto**
> secretário da Sbeel (Sociedade Brasileira para o Estudo de Elasmobrânquios) e pesquisador que estuda o mako há mais de uma década; o país não tem atualização oficial de estatísticas pesqueiras há mais de uma década

Os animais do apêndice 2 não necessariamente estão ameaçados de extinção, mas isso pode acontecer se o comércio não for atentamente acompanhado. Segundo a Convenção, o comércio internacional das espécies presentes neste anexo exige regulamentação e autorizações que só devem ser dadas caso as autoridades tenham a certeza que a comercialização não será prejudicial para a sobrevivência da espécie.

Um dos problemas da portaria, segundo especialistas ouvidos pela **Folha**, é se tratar de uma espécie ameaçada. Avaliações de risco feitas pelo ICMBio já apontam a vulnerabilidade da espécie, com manejo inadequado, pesca sem restrições e alto valor da carne, pontos que, segundo o órgão, levam à exigência de medidas de precaução. A autarquia já recomendou a inclusão do mako na próxima lista de animais ameaçados do Brasil.

Mas, segundo especialistas, a proibição de comércio de um animal não necessariamente é o caminho para a preservação. Eles dizem, porém, que no Brasil faltam dados e fiscalização, o que torna temerária a liberação de exportação de espécies ameaçadas.

"Não quer dizer que não pode mais pescar. A questão toda é saber quanto eu posso pescar, onde eu posso pescar", diz Ana Paula Prates, engenheira de pesca e representante do projeto Política por Inteiro.

O quanto e o onde são problemas no Brasil. O país não tem atualização oficial de estatísticas pesqueiras há mais de uma década, o que dificulta o monitoramento de espécies e projeções de possíveis impactos comerciais.

"Aqui no Brasil parece que é confortável a gente ficar sem estatística pesqueira", Rodrigo Barreto, secretário da Sbeel (Sociedade Brasileira para o Estudo de Elasmobrânquios) e pesquisador que estuda o mako há mais de uma década.

Junto à falta de dados de pesca, as características do mako adicionam mais problemas para autorizações para a pesca. A espécie tem maturidade sexual tardia, com fêmeas se tornando férteis somente por volta do final da primeira década de vida ou início da segunda, o que leva o mako a uma grande vulnerabilidade à pesca.

Estudo feito no Brasil e publicado na Plos One, em 2016, aponta que a maior parte dos animais capturados por barcos na costa brasileira são juvenis, ou seja, ainda não atingiram a maturidade sexual e, consequentemente, não conseguiram se reproduzir.

Especialistas afirmam ainda que outro problema da portaria interministerial foi o seu processo de produção, que não teria seguido os procedimentos padrões para autorização de exportação.

Para serem exportadas, espécies da Convenção precisam receber pareceres atestando que exportação não prejudicará a sobrevivência da espécie e verificação das autoridades científicas e administrativas da Cites, que no Brasil são o Ibama e o ICMBio, aponta a análise do Política por Inteiro.

Tal processo de análise, porém, não foi concluído.

A **Folha** questionou a Secretaria de Pesca (parte do Ministério da Agricultura) e o Ministério do Meio Ambiente sobre os critérios técnicos para a norma.

O Ministério do Meio Ambiente afirmou, em nota, que a publicação da portaria é baseada no que é expresso no artigo 28 do decreto 3.607/2000.

O artigo em questão afirma que "a exportação de espécies incluídas nos Anexos II e III da CITES poderá ser objeto de contingenciamento" estabelecido pela Secretaria de Comércio Exterior e pelo Ministério do Meio Ambiente.

"Esse dispositivo superpõe o procedimento habitual", diz a pasta ambiental.

O Ministério do Meio Ambiente diz ainda que o "Isurus oxyrinchus não consta da Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção". A relação, porém, não é atualizada há alguns anos.

O Ministério da Agricultura não enviou respostas.

Ministro diz a Bolsonaro que crise climática piorou e pede nova lei

Bernardo Caram

BRASÍLIA | REUTERS Em ofício endereçado ao presidente Jair Bolsonaro, o ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, afirmou que a crise climática global se acentuou em 2021 e pede uma atualização urgente das políticas desenvolvidas nessa área pelo governo —alvo recorrente de críticas por problemas na gestão ambiental.

As afirmações do ministro fazem parte de minuta obtida pela Reuters com a exposição de motivos de um projeto de lei a ser assinado por Bolsonaro e enviado ao Congresso para reestruturar a PNMC (Política Nacional sobre Mudança do Clima).

"Em 2021, a crise climática global se acentuou, principalmente com a retomada econômica pós-pandemia de Covid-19", diz o ministro no documento do último dia 2.

"A Política Nacional sobre Mudança do Clima supramencionada, instituída no final de 2009, apresenta-se obsoleta para os dias presentes e necessita de atualização urgente, em especial para abarcar as novas metas assumidas pelo país recentemente na COP26 [Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em 2021] e para atender aos anseios de toda a sociedade civil neste tema de crescente importância", disse.

Em trecho do documento, o ministro diz ao presidente que a nova legislação promoverá um balanço entre as políticas de mitigação de mudanças climáticas e as ações de adaptação às alterações que já ocorreram no clima, dando mais peso para a área de adaptação.

A minuta do projeto anexada ao ofício diz que a adaptação diz respeito a iniciativas para "aumentar a resiliência climática e a capacidade de um sistema natural ou humano de se ajustar, aproveitar oportunidades ou lidar e responder às consequências da mudança do clima".

Procurado, o Ministério do Meio Ambiente disse que o documento está em fase de construção e passará por trâmite na pasta antes do aval final do ministro.

Nos meses de outubro e novembro do ano passado, o Senado aprovou e enviou à Câmara projetos que alteram a PNMC. Entre eles, há um texto que antecipa a meta de redução das emissões de gases de efeito estufa e do desmatamento.

Simultaneamente, o governo aprovou a abertura de uma consulta pública para avaliar um projeto de lei próprio sobre o tema.

O texto do Executivo passou por 60 dias de consulta e a versão final agora está pronta para ser avaliada por ministros e apresentada a Bolsonaro. A medida define que a política nacional deverá estabelecer diretrizes para atingir a neutralidade climática até 2050 e o desmatamento ilegal zero até 2028.

Segundo o ofício de Leite, o projeto busca modernizar normas, conceitos e diretrizes relacionados a mudanças climáticas. Segundo ele, as metas estão alinhadas às anunciadas pelo país na COP26, no fim de 2021.

Antes do aval de Bolsonaro, o projeto passará por análise do Comitê Interministerial sobre a Mudança do Clima e o Crescimento Verde. A primeira reunião ordinária do colegiado está marcada para esta quarta-feira (23). A aprovação da minuta da proposta está na pauta do encontro.

Caso seja confirmado o envio do texto ao Congresso, o período para tramitação deve ser apertado. Isso porque em anos eleitorais o Legislativo costuma concentrar votações de projetos no primeiro semestre, além de limitar a análise de propostas consideradas polêmicas. Na segunda metade do ano, os parlamentares usualmente partem para as campanhas eleitorais nos estados, o que trava a pauta dos plenários.

Em campanha para entrar na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o governo brasileiro vem anunciando medidas ligadas a sustentabilidade. Em carta enviada ao organismo em janeiro, Bolsonaro defendeu sua gestão na área ambiental, afirmando que o Brasil está comprometido em implementar políticas públicas alinhadas às metas de combate a mudanças climáticas.

Desde o início da gestão Bolsonaro, o governo é cobrado a fortalecer a agenda de preservação ambiental. As críticas se misturam a pressões políticas e impactam relações diplomáticas, como quando países europeus condicionaram a efetivação do acordo entre Mercosul e União Europeia a uma redução concreta do desmatamento na Amazônia.

Em janeiro, a Amazônia teve o maior desmatamento já registrado para o mês. Foram 430 km², mostra o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

ESPORTE AO VIVO

8h WTA 1000 de Doha
Tênis, STAR+

15h Cagliari x Napoli
Italiano, ESPN 4

17h Celta x Levante
Espanhol, ESPN 2

Risco de guerra preocupa atletas brasileiros na Ucrânia

Jogadores relatam clima de normalidade, mas temem agravamento de crise

Alex Sabino

SÃO PAULO Renan Oliveira, 24, já colocou na cabeça. Ao sinal de qualquer problema mais sério, vai largar tudo e deixar a Ucrânia. O atacante é um dos 30 brasileiros que estão espalhados pelas 16 equipes da primeira divisão do país.

Sob risco de invasão da Rússia, os ucranianos vivem uma crise diplomática com a nação vizinha desde a anexação da Crimeia, em 2014.

"A gente tenta ficar controlado o máximo possível. Falei para os meus pais que, por enquanto, está tudo bem. As pessoas no clube estão tranquilas. Mas, na primeira coisa que estourar, vou embora", disse o jogador que atua pelo Kolos Kovalivka.

O discurso dos dirigentes é o mesmo para outros brasileiros ouvidos pela **Folha**. Não há motivo para pânico, a vida deve ser levada normalmente. E eles constatam que isso tem acontecido. A população tem tentado ignorar a possibilidade de conflito armado.

"Tudo o mundo me pergunta como está aqui. Alguns até brincam e querem saber se vou para a guerra. Eu vim para a Ucrânia por ser futebol europeu. Já sabia que havia problema, mas em nenhum momento passou pela minha cabeça a possibilidade de algo mais sério", diz o meia-atacante Talles, 23, do Rukh Lviv.

O atacante Talles, do Ruhk Lviv, é um dos 30 jogadores brasileiros na Ucrânia @ruhklviv no Facebook

Na memória dele está uma entrevista do atacante Bernard, hoje no Sharjah, dos Emirados Árabes Unidos, a dizer que não podia sair de casa (na época da anexação da Crimeia) porque era possível escutar sons de tiros. Ele jogava no Shakhtar Donetsk, que teve de se mudar para Kiev por causa do conflito.

Dos 30 atletas brasileiros na elite ucraniana, 12 estão no time de Donetsk.

A Ucrânia é uma espécie de eldorado para os jogadores nacionais nos últimos 15 anos. Os clubes são reconhecidos por pagar salários excelentes, muito maiores do que a média no Brasil, e em dia. Também podem servir como porta de entrada para ligas mais relevantes no continente europeu.

"Para dizer a verdade, só agora que deu para pensar nesse assunto porque eu já cheguei treinando e jogando. Nem tive tempo para muita adaptação à vida da Ucrânia", completa Talles, que se transferiu para o Rukh Lviv em janeiro do ano passado. No início de 2022, para fugir do auge do inverno, estava com seus companheiros em pré-temporada na Turquia.

Isso é comum para as equipes do país. A neve e as temperaturas baixas fazem o campeonato ser interrompido ao final de cada ano. Será retomado na próxima sexta-feira (25).

O Shakhtar Donetsk disse a seus atletas que tem monitorado a situação política e que os brasileiros serão avisados de qualquer agravamento. Em 2014, o clube tinha um esquema de emergência para retirar os atletas de Donetsk.

"Quando cheguei ao país, em 2019, já se falava em invasão. O comentário de todo o mundo era sobre o conflito na fronteira. Na real, quando fiquei sabendo que viria para cá, conhecia pouquíssimo da história. Sabia apenas que muitos brasileiros jogavam aqui. Fiz uma pesquisa para saber o que poderia acontecer", afirma Renan Oliveira.

O discurso dos dirigentes é que poderia haver um acordo intermediado pela Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), de maneira que os países europeus teriam acesso facilitado para entrar na Ucrânia e defender a região da invasão.

Depois de um aparente recuo de tropas russas na fronteira, a situação ficou mais tensa na última quinta-feira (17). O governo de Vladimir Putin expulsou o vice-embaixador dos Estados Unidos e ameaça reagir à interferência ocidental. O presidente americano, Joe Biden, mencionou a possibilidade de guerra.

"O que mais assustou as pessoas que vivem na Ucrânia foram as embaixadas pedindo que seus cidadãos deixassem o país. Isso preocupou. Mas tanto o presidente do nosso clube quanto os governantes dizem que é uma situação controlada e não vai afetar o futebol", finaliza Renan Oliveira.

Mas, se ficar pior, ele já sabe o que vai fazer.

Pequim encerra Jogos de Inverno marcados por tensão política

SÃO PAULO Depois de quase três semanas de competições atravessadas por tensões políticas, os Jogos de Inverno de Pequim-2022 foram encerrados no domingo (20).

A China de Xi Jinping, que usou o evento como símbolo de sua consolidação como potência global, vive momento tenso em sua relação com os Estados Unidos e outros países do Ocidente.

Enquanto Joe Biden e outros líderes ocidentais boicotaram a cerimônia de abertura, Vladimir Putin apareceu ao lado de Xi Jinping. Foi algo visto como uma demonstração de solidariedade do presidente russo e de fortalecimento dos vínculos entre russos e chineses, em um momento de temor de que Putin possa ordenar uma invasão à Ucrânia.

A tensão foi levada para dentro dos Jogos. Vladyslav Heraskevych, atleta ucraniano de skeleton, mostrou um cartaz com a frase "sem guerra na Ucrânia" depois de uma prova.

Fogos explodem na festa de encerramento, no estádio Ninho do Pássaro Evgenia Novozhenina/Reuters

Outra atleta russa, Kamila Valieva, esteve no centro da maior controvérsia de Pequim-2022. Grande promessa da patinação artística, Valieva, 15, estreou nos Jogos com uma apresentação memorável, que levou o Comitê Olímpico Russo ao ouro na disputa por equipes.

Em seguida, no entanto, a Wada (Agência Mundial Antidoping) informou sobre um teste antidoping positivo da atleta em dezembro. Em razão disso, a cerimônia de entrega de medalhas da prova por equipes foi suspensa.

Valieva foi liberada para competir na disputa individual enquanto o caso era investigado, mas o COI (Comitê Olímpico Internacional) anunciou que, se Valieva ganhasse medalha, não haveria pódio. Ela ficou em quarto.

Os Jogos na China também foram marcados por problemas ligados à Covid-19. Nos dias que antecederam o início das competições, pipocaram reclamações sobre as condições que atletas obrigados a ficar em quarentena enfrentaram — houve protestos a respeito da higiene dos quartos.

De acordo com o jornal The New York Times, pelo menos 508 pessoas com credenciais olímpicas, incluindo 183 atletas e membros de delegações, tiveram diagnóstico de infecção pelo coronavírus.

A esquiadora Jaqueline Mourão, 46, conseguiu evitar a contaminação e se tornou a recordista brasileira em participações olímpicas, agora com oito, entre disputas de verão e inverno.

Na China, o Brasil obteve dois resultados relevantes. Nicole Silveira ficou em 13º lugar no skeleton, melhor resultado da história do país em esportes de gelo. No bobsled masculino, o quarteto formado por Edson Bindilatti, Edson Martins, Erick Vianna e Rafael Souza terminou em 20º, melhor posto de uma equipe brasileira na modalidade.

A Supercopa ficou gigante

Confrontando rivais, como ocorreu em Cuiabá, torneio se torna enorme

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Para quem queria uma final da Supercopa do Brasil como a de 2021, a tarde de domingo foi deliciosa.

Atlético Mineiro e Flamengo repetiram, com juros, o 2 a 2 entre Flamengo e Palmeiras.

Com juros porque elevaram ao máximo a emoção da decisão na marca do pênalti, com variações de matar do coração os torcedores dos dois times.

Coube ao Galo, campeão brasileiro e campeão da Copa do Brasil, ficar também com a Supercopa, num grande jogo em que saiu na frente, tomou a virada graças ao uruguaio Dom Arrascaeta, arrasador no segundo tempo, e empatou com Hulk.

Sempre haverá quem privilegie os erros que permitiram os quatro gols, como o do goleiro rubro-negro Hugo, corajosamente escalado por Paulo Sousa no lugar de Diego Alves, no 1 a 0 mineiro, em rebote aproveitado por Nacho Fernández.

Ou criticará o também uruguaio e experiente zagueiro Godín, no gol da virada feito por Bruno Henrique.

Mas como esquecer o petardo de Guilherme Arana que levou Hugo ao erro?

Ou o passe do menino Lázaro em sua primeira participação no jogo para Bruno Henrique fazer o 2 a 1?

Quem viu, no sábado, Manchester City 2, Tottenham 3, talvez tenha pensado que jamais veríamos, no Brasil, um jogo como aquele, com domínio quase absoluto do City e vitória do time londrino, em exibição de gala de Harry Kane e eficiência absoluta, ao marcar os dois gols que apareceram em sua frente.

A intensidade do jogo em Manchester foi tamanha que o torcedor brasileiro teve mesmo razão para achar que aqui seria impossível, nos nossos gramados e, ainda mais, em começo de temporada.

Pois Galo e Mengo mostraram que estavam de brincadeira em seus ridículos campeonatos estaduais e disputaram a decisão como se fosse um Mundial.

Encheram os olhos de quem gosta de futebol com atuações exuberantes também do garoto João Gomes e do experiente Nacho Fernández.

A exemplo do que aconteceu no ano passado, o fato de confrontar rivalidades nacionais dá à Supercopa do Brasil um caráter que nem era para a taça ter.

Teve entre rubro-negros e palmeirenses e teve agora, noves fora a ridicularia dos cartolas que os jogadores deixaram de lado para disputar lealmente a decisão.

Mesma coisa aconteceu quando, em 2013, Corinthians e São Paulo disputaram a Recopa Sul-Americana, troféu para o qual não se dava importância alguma por aqui e que acabou ganhando contornos épicos.

Dupla de ferro

O Trio de Ferro anda enfraquecido porque o São Paulo vive às voltas com problemas que parecem insolúveis.

Sobraram Palmeiras e Corinthians, embora com diferenças consideráveis.

São os favoritos ao título do Paulistinha com o alvinegro no papel de concorrente pelo número de talentos que reuniu, até mais que o do rival.

Se aguentará a incomparável melhor organização do alviverde, é coisa a se ver.

O Palmeiras tem levado o Paulistinha com os pés nas costas enquanto o Corinthians leva com altos e baixos.

Triste é ouvir o presidente corintiano dizer que é contra a SAF porque um clube popular como o Corinthians não pode ter donos.

Seria argumento ponderável caso a história de Parque São Jorge fosse outra, não a dos "donos" Wadih Helu, Vicente Matheus, Alberto Dualib e, disfarçado pelo rodízio, Andrés Sanchez, que dominam a cena desde o final da década de 1950.

Aliás, do que vive o sr. Duílio Monteiro Alves?

Jogadores do Atlético-MG levantam a Supercopa do Brasil após triunfo muito suado na Arena Pantanal Adriano Machado/Reuters

Atlético-MG bate Flamengo em longa disputa de pênaltis

Equipe alvinegra vence Supercopa do Brasil em jogo de bom nível técnico

ATLÉTICO-MG 2 (8)
FLAMENGO 2 (7)

SÃO PAULO Em um jogo de bom nível técnico, o Atlético-MG derrotou o Flamengo nos pênaltis e conquistou a Supercopa do Brasil. Após empate por 2 a 2 na Arena Pantanal, em Cuiabá, a equipe alvinegra foi mais eficiente nos tiros de desempate e venceu por 8 a 7.

Foi uma longa disputa, na qual a formação carioca desperdiçou quatro chances de encerrá-la com gol. A decisão só foi finalizada após a 12ª rodada de batidas. Hulk bateu seu segundo penal e manteve o aproveitamento total. Vitinho parou em Everson.

A disputa em jogo único foi cheia de alternativas e mudanças de rumo. O time do argentino Antonio Mohamed saiu na frente no primeiro tempo, com Nacho Fernández, levou a virada na etapa final em tentos de Gabigol e Bruno Henrique, e buscou o empate com Hulk. Nos pênaltis, foi melhor.

A alta temperatura em Cuiabá não impediu a realização de uma boa partida. O Flamengo teve predomínio no campo de ataque na maior parte do tempo, mas sofreu com momentos de pressão do Atlético-MG, que contava com boas opções ofensivas.

Na primeira etapa, os comandados do português Paulo Sousa tiveram clara superioridade, embora não tenham conseguido balançar a rede. Gabigol teve três boas oportunidades e falhou. Como falhou também o goleiro Hugo, permitindo que a agremiação alvinegra abrisse o placar, aos 42 minutos, em rebote aproveitado por Nacho Fernández.

O Flamengo deu sequência à sua pressão na volta do intervalo e buscou o empate aos 11 minutos, quando Everson impediu brevemente o gol em cabeceio de Bruno Henrique. Gabigol teve o rebote com a meta desprotegida.

Aí, o jogo tomou um ritmo acelerado, com os times se alternando em ataques fortes. Aos 19, Lázaro, que tinha acabado de entrar, achou Bruno Henrique na área. Godín errou a passada e permitiu que o atacante encobrisse Everson para a virada.

Atrás no marcador, o Atlético-MG passou a buscar mais agressivamente o ataque. Aos 30, Hulk dominou a bola na área e empatou o duelo com chute forte de pé direito.

Houve chances para os dois lados, mas nenhuma das redes voltou a ser balançada até o apito final. Na disputa por pênaltis, após erros de Guga, Everson, Mariano e Godín, também falharam Willian Arão, Matheuzinho, Fabrício Bruno e Hugo.

Foi necessário que os jogadores começassem a bater de novo, pois os 11 que terminaram os 90 minutos em campo já haviam feito suas cobranças. Hulk se posicionou e finalizou bem. Vitinho, não.

A Supercopa do Brasil geralmente reúne o vencedor do Campeonato Brasileiro e o campeão da Copa do Brasil. Como levou os dois torneios, o Atlético-MG enfrentou o vice-campeão brasileiro para levantar mais uma taça, a primeira com Mohamed;

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Supercopa é super pelo segundo ano consecutivo

Não foi por acaso o lançamento de Fabrício Bruno para Bruno Henrique logo depois do pontapé inicial de Atlético x Flamengo, pela Supercopa. É ensaiado.

A inauguração da temporada nacional, disputada pelo Galo, dirigido pelo argentino Antonio Mohamed, e pelo Flamengo, do português Paulo Sousa, deixa de lado um antigo clichê dos técnicos brasileiros: "No último terço, os jogadores resolvem".

Não resolvem mais, sem treinos, sem ensaios.

Esse tipo de discurso fez o presidente do Corinthians, Duilio Monteiro Alves, dizer que mudou de ideia. Que conversar com treinadores de outros países o fez julgar que há mais conhecimento lá fora.

O Corinthians parecia muito perto de contratar o português Luís Castro nesta semana. Mas o treinador português aumentou suas exigências, e Duilio Monteiro Alves recomendou que assine contrato com o Botafogo.

É o que deve acontecer.

Um dos riscos corintianos era perder a concorrência. O outro era trazer o português e não esperar o amadurecimento do trabalho. Cada vez mais os espaços escassos exigem mais tempo, trabalho, ensaio, repetição, estratégias de ataque e de defesa.

No sábado, o Manchester City atacava o Tottenham com dez homens em 18 metros, entre a intermediária e a grande área. O rival se defendia com cinco zagueiros em linha e quatro no meio de campo. Eram 20 jogadores naquele pequeno pedaço de terreno, com o City tentando abrir o cadeado. Um minuto depois, gol do Tottenham, que venceu por 3 a 2.

Não vai adiantar trazer Klopp, Guardiola e Thomas Tuchel para cá, se a burrice imperar e cobrar qualidade no sétimo jogo. As partidas dos estaduais, aquelas que repetimos não valerem nada, voltaram na última semana de janeiro. Em um mês, seis treinadores de clubes da Série A já foram demitidos.

Se o Brasileirão começasse hoje, teria o recorde de seis técnicos estrangeiros —o sétimo será Luís Castro, no Corinthians ou no Botafogo. Com sorte e trabalho, um deles poderá ser campeão brasileiro. Seis não serão. Pela nossa lógica, seis derrotados poderão ser substituídos por brasileiros da nova geração ou medalhões.

Paulo Sousa já foi chamado de burro, mas isso foi ao perder o Fla-Flu e preparar seu time para a inauguração da temporada nacional. Contra o Atlético, mandou no primeiro tempo, controlou a bola, pressionou o adversário, com circulação de bola e finalizações.

O técnico rubro-negro carrega em sua mente uma carga de cultura incrível. Contra o Galo, não se mostrou estrategista. Ao recuar o time em linha de quatro homens, esqueceu de definir o marcador de Arana, responsável pelo chute de longe que resultou no primeiro gol.

O Flamengo continua brilhante individualmente, acerta-se coletivamente, virou o jogo e levou o empate.

Pelo segundo ano seguido, a Supercopa apresentou um jogo espetacular. No ano passado, o técnico do Flamengo era Rogério Ceni. Então, não é só pelos estrangeiros. É porque a Supercopa do Brasil tem sido jogada por times montados, por mais de um ano. Time bom é time que treina.

Flamengo com saída de três

Atlético mais convencional, 4-2-3-1

SÃO PAULO SEM BOLA

Rogério Ceni quer um time que construa o jogo e terá isso, quando o processo de montagem da equipe avançar. Em Santos, pela primeira vez no ano, teve menos posse de bola do que o adversário e, pela segunda vez, fez três gols. Foi o melhor São Paulo de 2022.

UM TIME POR JOGO

O Palmeiras enfrentou o Santo André no modelo da vitória contra o Al Ahly, diferente do da partida contra o Chelsea: atacando. Saída de bola com três, construção com Danilo e Atuesta, chegada à frente com cinco homens. Criou muito, só marcou de pênalti. Faz falta o centroavante.

O centroavante Eder comemora o primeiro gol da tranquila vitória do São Paulo sobre o Santos Raul Baretta/Ag. Enquadrar/Ag. O Globo

São Paulo amplia crise do Santos com vitória por placar elástico dentro da Vila Belmiro

SÃO PAULO Santos e São Paulo chegaram ao clássico realizado na noite de domingo (20) em momentos de instabilidade. A equipe alvinegra viu se aprofundar sua crise. A tricolor saiu da Vila Belmiro com uma vitória por 3 a 0 que dá moral para a sequência da temporada.

Eder, Eduardo Bauermann (contra) e Rodrigo Nestor marcaram os gols que definiram o placar em Santos. Até houve equilíbrio durante parte considerável do jogo, mas os visitantes souberam se aproveitar dos problemas defensivos do rival e construíram o resultado expressivo.

Com o resultado, os comandados de Rogério Ceni chegaram a 11 pontos, na segunda colocação do Grupo B do Campeonato Paulista —o São Bernardo, que tem um jogo a mais, lidera a chave, com 14. O Santos está em segundo no Grupo D, mas com apenas nove pontos em oito jogos, 37,5% de aproveitamento.

Foi o mau início de ano que fez o clube demitir o técnico Fábio Carille após a derrota por 3 a 2 para o Mirassol na última quinta-feira (17). Mas o comandante interino Marcelo Fernandes não conseguiu resolver os problemas da equipe em poucos dias.

A defesa voltou a sofrer três gols, o primeiro deles em bola alçada à área por Nikão, aos 22 minutos do primeiro tempo. O atacante, que fez sua melhor partida desde a chegada ao São Paulo, no começo da temporada, achou Eder para um bom cabeceio.

O Santos tentava reagir na etapa final, porém voltou a oferecer espaços ao adversário. Aos 20 minutos, Alisson recebeu de Calleri e buscou Gabriel Sara na área. O meio dividiu a bola com Bauermann, que a viu entrar e ganhou o crédito pelo gol contra.

O desânimo ficou claro nos jogadores alvinegros, vazados novamente na sequência. Aos 26, Rodrigo Nestor recebeu mais um bom passe de Nikão, avançou com liberdade até a meia-lua e acertou um chute preciso, no canto esquerdo de João Paulo.

O resultado causou revolta nos torcedores presentes na Vila Belmiro, que entoaram cantos de protesto ao apito final. Houve gritos como "time sem vergonha", "queremos jogador" e "não é mole, não, tem que honrar a camisa do Peixão".

VOCÊ VIU?

Um mineiro boliviano cobriu sua casa com esculturas de demônios de chifres longos e outras criaturas assustadoras, com a intenção de ser uma homenagem ao passado colonial do país, mas chocou alguns vizinhos que temem uma ligação com rituais ocultos. A casa de tijolos na cidade de El Alto pertence a David Choque, que contratou um artista para criar os demônios esqueléticos de cimento e madeira e os instalou em seu telhado, portas e paredes. Há uma caveira preta na porta da frente da casa e dentes gigantes em torno de uma moldura na janela, abaixo da qual fica um dragão esculpido. Choque disse à Reuters que esperava que a casa assustadora pudesse estimular o turismo local. "Pessoas de mente fechada vão pensar que é algo sobrenatural, mas as pessoas precisam abrir a cabeça e ver isso como uma atração turística, algo que pode melhorar a região", disse Choque, que vem de uma família de mineradores. "Trará coisas boas, não más." Choque acrescentou que as esculturas são uma alusão à vida nas minas bolivianas séculos atrás, durante o domínio colonial espanhol, quando os indígenas locais eram assustados e forçados a cavar em busca de prata. Os senhores coloniais mostravam aos mineiros imagens de demônios e os avisavam que seriam abduzidos pelos espíritos se recusassem a trabalhar. Uma moradora, Maria Laurel, disse ter ouvido falar de rituais de nudez na casa. "Os vizinhos aqui estão com medo", afirmou. "A verdade é que isso me assusta." Choque negou tais rituais e observou que representações semelhantes de demônios aparecem em altares nas entradas das minas, onde os trabalhadores geralmente deixam oferendas, acreditando que isso os protegerá.

Boliviano cobriu sua casa com esculturas de demônios de chifres Claudia Morales -16.fev.22/Reuters

VOCÊ VIU?

Um casal australiano terá para sempre uma grande história para contar. Após se conhecerem pelo aplicativo de paquera Tinder e terem tido apenas três encontros, o rapaz apoiou a moça no momento mais feliz da vida dela: o parto. O caso foi registrado por Alyssa Hodges, 20, em vídeo viralizado do TikTok, por suas redes sociais e também pela imprensa internacional como a revista People. Segundo a publicação, Alyssa havia iniciado papos pelo app com Max Silvy, 25, oito semanas antes de dar à luz. Na biografia do aplicativo ela colocou que queria se relacionar com alguém, mas que estava grávida. Foi então que Silvy se interessou. Porém, ele não sabia que o quarto encontro entre ambos seria num hospital. A ideia inicial da moça no dia do parto era ter um encontro casual.

TRABALHADORES RECOLHEM LIXO E REBOCAM CAMINHÕES NO CANADÁ APÓS FIM DE BLOQUEIO DE CAMINHONEIROS ANTIVACINA
Uma megaoperação policial encerrou um protesto que durou três semanas em Otawa; ao menos 191 pessoas foram presas Andrej Ivanov/AFP

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira* folha.com/mensageirosideral

Estudo salva teoria e explica como pode haver galáxias sem matéria escura

Uma simulação de computador conseguiu pela primeira vez explicar como é possível que galáxias praticamente livres de matéria escura surjam no Universo, sem precisar mudar o modelo cosmológico padrão, nossa melhor teoria para abarcar a evolução do cosmos.

O trabalho tem como primeiro autor Jorge Moreno, do Caltech (EUA), e foi publicado na Nature Astronomy. Sem dúvida, trata-se de fonte de grande alívio entre os entusiastas da versão mais redonda já formulada de como o Universo se tornou o que é, ao longo dos últimos 13,8 bilhões de anos.

O chamado modelo padrão postula, para além da matéria convencional que forma tudo que vemos, a existência de certa quantidade de matéria escura "fria" —partículas que não sabemos o que são, mas temos excelentes razões para acreditar que existem, já que emanam gravidade— e de energia escura, na forma da constante cosmológica de Einstein —algo como uma energia presente no próprio vácuo que, nas maiores escalas, age na contramão da gravidade, acelerando a expansão do Universo.

Partindo dessas premissas, pesquisadores realizam simulações cosmológicas em computador, contrastando o que a teoria prevê para a aparência geral do Universo do Big Bang até hoje com o que podemos observar ao telescópio. No geral, as coisas se encaixam muito bem. Mas um achado recente estava deixando os cosmólogos de cabelo em pé. Na verdade de dois. Duas galáxias, encontradas em 2018 e 2019 pela equipe do astrônomo Pieter Van Dokkun, da Universidade de Yale, catalogadas como DF2 e DF4, pareciam ter quase nada de matéria escura.

Isso contrastava fortemente com o modelo padrão, em que galáxias são nascidas de grandes berços de matéria escura, e com todas as simulações feitas até agora, que pareciam indicar tal ocorrência como uma impossibilidade. E aí começou a rolar um barata-voa na comunidade: será que o modelo estaria furado?

Então Moreno e seus colegas rodaram sua simulação de evolução de galáxias, usando uma resolução incomumente alta para experimentos do tipo, e descobriram que, sim, o modelo padrão podia produzir galáxias livres de matéria escura. Isso aparentemente acontece quando galáxias menores fazem encontros próximos com uma irmã maior. Aí a matéria escura, por circular com mais facilidade, acaba separado da massa de gás e estrelas. Esse por sinal deve ser o caso de DF2 e DF4, que são satélites da galáxia NGC 1052.

Além de salvar nossa melhor compreensão do Universo de um embaraçoso fracasso, a nova simulação faz uma predição: a de que 30% das galáxias centrais de grande porte, com 100 bilhões de sóis ou mais, tenham ao menos uma galáxia satélite com 100 milhões a 1 bilhão de sóis que seja deficiente em matéria escura. Ou seja, a bola agora volta à quadra dos astrônomos observacionais, que precisam achar mais galáxias como DF2 e DF4 para confirmar uma nova afirmação emanada do modelo.

ACERVO FOLHA | **Há 100 anos 21.fev.1922**

Carnaval no Brás terá integrantes de banda de clarins vestidos à la Luís 15

Há uma grande expectativa para o Carnaval no Brás, em São Paulo. O bairro costuma ter o seu nome associado à folia na cidade devido ao entusiasmo do povo daquela região e dos esforços da comissão organizadora dos festejos.

No próximo domingo (26, dia de Carnaval), percorrerá pela avenida Rangel Pestana uma banda de clarins, com todos os músicos vestidos à la Luís 15, antigo rei francês.

Conforme as nossas informações, préstitos sairão pelas ruas do bairro nos dias da folia, devendo todos passar pela avenida Rangel Pestana.

No bairro do Bom Retiro, o Lyrial Club realizará bailes no domingo e na segunda-feira.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

AS "LETRAS" MUNICIPAES

PELA SOCIEDADE

ilustrada

Realidade distorcida

'Euphoria' faz sucesso com jovens alucinados, mas dados mostram que adolescentes se drogam cada vez menos

Marina Lourenço

SÃO PAULO Rue Bennett nasceu três dias depois dos estragos do 11 de Setembro. Como qualquer jovem da geração Z —os nascidos entre 1995 e 2010—, cresceu no mundo dos "likes", seguidores, namoros a distância, nudes, redefinições de gênero e crises de ansiedade.

Ainda assim, nem ela, nem seus amigos —personagens da série "Euphoria", da HBO Max, agora em sua segunda temporada—, refletem tão fielmente a realidade dessa geração fora das telas. Isso porque os jovens do mundo real vêm se drogando cada vez menos, conforme apontam dezenas de estudos.

O ano de 2021 teve a maior queda no uso de substâncias ilícitas por adolescentes dos Estados Unidos já registrada desde 1975, segundo o Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan. Embora esteja diretamente atrelado ao isolamento social provocado pela pandemia, segundo os pesquisadores, isso é também efeito de algo que vem acontecendo bem antes da Covid e em diferentes países.

Dados do Instituto Nacional de Abuso de Drogas americano mostram que, em 1980, a taxa de jovens americanos de 18 anos que tinham bebido álcool pelo menos uma vez nos 30 dias anteriores à data da realização da pesquisa tinha sido de 72%. Em 2019, a porcentagem foi de 29%.

O mesmo órgão mostra que, em 2001, 25% dos alunos dos anos equivalentes aos oitavo, primeiro e terceiro anos no Brasil já haviam usado ecstasy pelo menos uma vez na vida. Em 2019, o dado foi de 8%.

O Serviço Britânico Consultivo de Gravidez indica que a porcentagem de jovens britânicos entre 16 e 24 anos que costumam beber frequentemente diminuiu de 29%, em 2005, para 20%, em 2017.

Autora de "Generation Z", Chloe Combi afirma que os zoomers —nome dado aos membros da geração Z— tendem a ter um estilo de vida mais sóbrio. "Há uma consciência maior dos benefícios de uma vida saudável. Eles têm muito mais informações do que as gerações anteriores, e na ponta dos dedos."

Além da facilidade do acesso à informação, Combi destaca que o medo de aparecer inconsciente em vídeos virais gravados por celulares também é um fator que influencia a escolha de evitar o excesso de drogas. Há ainda um crescimento de debates sobre estupro de vulneráveis, o que causa medo nos adolescentes.

No Brasil, os dados variam muito de acordo com a droga utilizada, como mostram estudos da PeNSE, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, realizada pelo IBGE. Em 2009, 8,7% dos estudantes entre 13 e 17 anos já haviam experimentado algum tipo de droga ilícita. Dez anos depois, a taxa subiu para 13%. Quanto ao álcool, em 2009, o número era 71,4% —em 2019, caiu para 63,3%.

Já em "Euphoria", praticamente todos os personagens são amantes das drogas ou dependentes químicos. A começar pela própria Rue, papel da estrela em ascensão Zendaya. Às voltas com substâncias, ela se vê diante de altos e baixos.

"Sei que não se deve dizer isso, mas drogas são bem legais", diz ela, numa cena embalada por cores neon e graves eletrônicos. Com glitter escorrendo pelo rosto, ela sorri e se derrete de prazer após "dropar" um entorpecente. Na cena seguinte, vemos um flashback da overdose que quase tirou a vida da personagem.

Recentemente, a Resistência Educacional de Abuso de Drogas dos Estados Unidos acusou a série de glamorizar o uso de entorpecentes, o que gerou debates nas redes sociais e uma resposta de Zendaya. "Quero reiterar que 'Euphoria' é feita para o público adulto", afirmou a atriz em seu perfil no Instagram.

Continua na pág. C2

+ DROGAS, JOVENS E OS NÚMEROS

Em 1980, 72% dos americanos de 18 anos haviam bebido álcool ao menos uma vez nos 30 dias antecessores à pesquisa do Instituto Nacional de Abuso de Drogas. Em 2019, essa taxa caiu para 29%

O Serviço Britânico Consultivo de Gravidez mostra que a parcela de britânicos de 16 a 24 anos que bebe álcool frequentemente diminuiu de 29%, no ano de 2005, para 20%, em 2017

Em 2001, 25% dos alunos americanos do equivalente aos 8º, 1º e 3º anos do Brasil já tinham usado ecstasy —pelo menos uma vez na vida. Em 2019, essa taxa foi de 8%, mostram os dados do Instituto Nacional de Abuso de Drogas dos EUA

O ano de 2021 registrou a maior queda nos EUA no uso de entorpecentes ilícitos por adolescentes desde o ano de 1975, segundo o Instituto de Pesquisa da Universidade de Michigan

No Brasil, em 2009, 71,4% dos estudantes de 13 a 17 anos já haviam experimentado álcool. Essa taxa caiu para 63,3%, no ano de 2019, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

Rue Bennett, protagonista de 'Euphoria', vivida por Zendaya
Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

João Viegas/Divulgação

A cantora Giulia Be lança na próxima sexta (25) o single "2 Palabras", gravado em espanhol. A faixa, que fala sobre amor e desejo, ganhará um videoclipe em que Giulia contracena com o ator Rômulo Arantes Neto. Segundo a artista, a composição foi inspirada na série "Gossip Girl", enquanto o clipe contém referências do filme "Closer" (2004). A produção audiovisual será exibida pela primeira vez numa festa para convidados em Miami, na quinta-feira (22)

NAS ALTURAS

O subsecretário de Fomento e Incentivo à Cultura, André Porciúncula, gastou cerca de R$ 20 mil em uma viagem de cinco dias a Los Angeles no mês passado. O ex-PM, que hoje controla a Lei Rouanet, é o braço direito de Mario Frias, secretário da Cultura de Jair Bolsonaro (PL).

NO AR Os dados foram obtidos pela coluna via Lei de Acesso à Informação. Só em passagens aéreas foram gastos US$ 1932 (R$ 9.928). Cada trajeto do voo custou US$ 966 (R$ 4.964), embora a pasta afirme que ele tenha ido de executiva e voltado na classe econômica.

NA TERRA Porciúncula ficou hospedado em um local com diária de US$ 460 (R$ 2.364). Foram U$S 1.840 (R$ 9.453) com quatro diárias de hotel.

TEM MAIS O valor total da viagem a Los Angeles pode ser triplicado considerando que ele embarcou na missão com o coordenador do Ministério do Turismo, Gustavo Souza Torres, e o secretário do Audiovisual, Felipe Pedri. Procurada, a secretaria não respondeu.

VAZIO A missão tinha como objetivo tratar de assuntos do audiovisual, mas, inicialmente, não havia ninguém do setor na comitiva. Nas redes sociais, eles compartilharam registros de uma reunião no consulado do Brasil e na Câmara de Comércio Brasil-California. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), que estava de férias nos EUA com a família, participou de um dos encontros.

VAZIO 2 Frias iria participar da missão, mas recebeu diagnóstico de Covid-19. Ele passa por um processo de fritura no Planalto após gastar R$ 78 mil de recursos públicos em uma viagem para Nova York para falar de cultura com o lutador de jiu-jítsu Renzo Gracie.

CAMINHOS Como mostrou a Folha, a saída de Frias e de Porciúncula é dada como certa nos bastidores do governo. Eles devem concorrer a deputado nas eleições deste ano.

BEM-VINDO O perfil Greengo Dictionary, que traduz expressões brasileiras para o inglês ao pé da letra, fará parte do catálogo de influenciadores da Play9, estúdio de conteúdo que tem como sócios Felipe Neto e João Pedro Paes Leme.

PONTE AÉREA Idealizado em 2018 e comandado pelo designer gráfico Matheus Diniz, o perfil tem mais de 1,6 milhão de seguidores no Instagram. Suas postagens já foram parar no telão da Times Square, em Nova York, e na página do ex-jogador Tom Brady, que é casado com Gisele Bündchen.

OBSERVANDO A Fundação Casa gastou R$ 800 mil com a montagem de uma central de monitoramento para acompanhar os 4.440 adolescentes internados na instituição. O espaço, instalado na sede da fundação, na capital paulista, conta com um grande painel —chamado de "videowall"— dividido em oito monitores, além de mesas e computadores.

MOTIVO Os custos com a sala se somam a outros R$ 3,7 milhões investidos na aquisição de 1.728 câmeras de circuito fechado. Segundo a Secretaria da Justiça e Cidadania, "a medida traz mais segurança e controle" para os jovens.

DE LONGE "Todo o sistema é mais um recurso tecnológico que colabora diretamente na execução da medida socioeducativa, pois permite o acompanhamento à distância das rotinas e até prevenir situações inadequadas ao cumprimento das atividades", afirma o secretário da Justiça, Fernando José da Costa.

PIPOCA O MIS (Museu da Imagem e do Som) irá realizar no mês de março uma mostra de cinema em homenagem à atriz e produtora Frances McDormand. O filme "Nomaland" está entre as 15 produções que serão exibidas na instituição.

PRATELEIRA A editora Sextante vai lançar "Alegria no Trabalho", novo livro de Marie Kondo escrito em parceria com o psicólogo Scott Sonenshei. A obra mostra como aplicar o método de organização da japonesa no ambiente profissional.

FENÔMENO Com duas séries na Netflix, ela já vendeu, no Brasil, 400 mil exemplares do seu primeiro livro sobre arrumação.

com Bianka Vieira e Manoella Smith

Realidade distorcida

Continuação da pág. C1

A discussão sobre o potencial da TV e do cinema em glamorizar temas sensíveis como as drogas não é nova. Na era de ouro de Hollydood, a indústria tabagista e grandes produtores de filmes fizeram acordos que resultaram em cenas em que o cigarro era apresentado como um ideal de vanguarda, sucesso e rebeldia. É o caso da pose de galã fumante de James Dean em "Juventude Transviada", de 1955.

"Os adolescentes que têm alta exposição a esse tipo de imagem, quando comparados àqueles com baixa exposição, têm cerca de três vezes mais chances tanto de experimentarem cigarros quanto de se tornarem fumantes regulares", afirma Rosa Rulff Vargas, psicossocióloga especialista no assunto.

Segundo Zila Sanchez, pesquisadora de prevenção ao uso de drogas, um dos grandes riscos de usar entorpecentes na adolescência é que, nessa fase da vida, o sistema nervoso central está em processo de formação. A presença de algumas dessas substâncias altera seu desenvolvimento, o que pode comprometer várias habilidades cognitivas.

É por isso que tanto a sobriedade quanto a redução de danos no uso de drogas influenciam uma vida saudável, algo visto com bons olhos por boa parte da geração Z, ainda que pouco atraia os jovens de séries como "Euphoria", "Elite", "Boca a Boca" e "Skins".

Professor de história da Universidade de São Paulo e autor de "Drogas - A História do Proibicionismo", Henrique Carneiro afirma que a temática das drogas é um tema recorrente porque, em muitas culturas, é na juventude que esse tipo de experiência acontece.

"A sexualidade e as drogas são os maiores prazeres universais de que a humanidade dispõe. Sua regulação cultural não coincide, necessariamente, com as fases de iniciação. Ninguém espera os 18 anos para transar ou fumar um cigarro pela primeira vez", diz ele.

Essas e outras produções, aliás, mostram jovens fazendo sexo o tempo todo, o que, novamente, vai contra as estatísticas do mundo real, já que eles transam cada vez menos.

Ainda que haja significativa queda no uso juvenil de algumas drogas, houve aumento do número de adolescentes consumindo antidepressivos, analgésicos, depressores, ácidos e alucinógenos, segundo dados coletados por Combi, a autora de "Generation Z".

"Sempre haverá experimentação e vício", diz a escritora. "Usar drogas de maneira recreativa é uma maneira de escapismo e de abafar a dor psicológica. E, agora, a geração Z está enfrentando muitos desafios globais."

Para fazer alusão aos prazeres desse escapismo, "Euphoria" tem cenas lúdicas e usa uma estética sedutora, cheia de brilho, cores neon, efeitos borrados e granulado, de gravações em câmeras VHS.

Deixar de retratar o prazer proporcionado pelas drogas seria, segundo Carneiro, o professor da USP, um cinismo moral e um cerceamento à liberdade artística.

Para além das cenas coloridas, a série não deixa de mostrar os horrores vividos por quem sofre da dependência química. Ao contrário da era de ouro, analisada por Rulff, a pesquisadora, nenhum produtor de drogas patrocinou a série e são muitas as cenas que chocam o espectador, em especial as da protagonista com crises de abstinência, overdoses, recaídas e bad trips.

Ainda que distorça a realidade, "Euphoria" já teve a terceira temporada confirmada. O seriado é um dos assuntos mais comentados nas redes sociais, sobretudo no TikTok —rede que, curiosamente, é a queridinha dos zoomers.

Jules Vaughn, personagem de Hunter Schafer em 'Euphoria'
Divulgação

Trilha de 'Euphoria' dá banho de referências, de Selena a Baby Keem

Com cerca de 20 faixas por episodio, série costura músicas do underground e sucessos das décadas de 1950 a 2020

Joe Coscarelli

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Em uma festa de aniversário de um aluno de segundo grau, a mãe embriagada do aniversariante não parece disposta a impor qualquer restrição aos adolescentes convidados, desde que eles sejam discretos.

A trilha sonora é "This Is How We Do It", de Montell Jordan, uma relíquia indelével da década de 1990. "Amo essa música!", a mãe diz com um gritinho e acrescenta em seguida um palavrão.

Ao mesmo tempo, três adolescentes circulam em um carro já desgastado, à procura de algum lugar onde possam roubar bebidas. "Trademark USA", do rapper Baby Keem, um astro em ascensão, explode dos alto-falantes do veículo.

Não muito mais tarde, um pai problemático estuda o cardápio da jukebox de um bar gay à procura de "Kick", do INXS, mas em lugar disso encontra "The Pinkprint", de Nicki Minaj. Ele termina por escolher a devastadora balada "Drink Before the War" (1987), de Sinead O'Connor, para dançar sozinho.

Na festa de aniversário, uma menina bêbada usando um maiô passa por uma crise e canta a mesma música, lançada muito antes de ela nascer.

Para alguns programas de televisão, isso seria um episódio inteiro de grandes momentos musicais. Mas para "Euphoria", uma alucinação maximalista sobre a vida de um grupo atual de alunos de segundo grau, cuja segunda temporada está em cartaz na HBO Max, todas essas referências musicais, cuidadosamente calibradas, cobrem apenas um bloco de um episódio —e, como a série mesmo, buscam mais ressonância emocional do que precisão cronológica superficial.

Muitas vezes atulhando cada episódio de 60 minutos com mais de 20 faixas musicais —do underground a sucessos instantaneamente reconhecíveis, da década de 1950 aos anos 2020—, a série não enfatiza tanto as transições. Em lugar disso, prefere compor uma seleção de estímulos visuais e aurais ao estilo do TikTok, que saltam entre gêneros, eras e climas.

Além de O'Connor e Keem, um dos últimos episódios trouxe uma metamontagem de alusões à cultura pop ao som de "I'll Be Here in the Morning", de Townes Van Zandt, e a estreia de uma nova canção de Lana Del Rey, além de uma apresentação ao vivo de Labrinth, o cantor e produtor responsável pela música original da série, interpretando um neogospel.

Uma trilha sucinta e elegante nunca foi o objetivo da série. "Não queríamos seguir essas regras", disse Julio Perez 4º, o principal editor de "Euphoria", que recorda discutir a criação de "uma galáxia sonora própria" com o criador, roteirista e diretor do programa, Sam Levinson. "Estávamos interessados em muita música —até demais, para alguns. A série, em certo sentido, seria um musical."

Uma colagem de flashbacks, sonhos diurnos, pesadelos e sequências sonoras ritmadas que poderiam ser parte de um vídeo pop, "Euphoria" usa a interação entre sua trilha eclética e as composições de Labrinth para criar "uma fantasia selvagem que combina um naturalismo bruto e hiper-realismo", contou Perez.

Jen Malone, a supervisora musical da série, também comandou a música das produções "Atlanta" e "Yellowjackets", nas quais um senso rigoroso de lugar e de época orientava as escolhas sonoras. Já em "Euphoria", essas limitações não existem.

"Se funciona, funciona", ela falou em entrevista, descrevendo o espírito criativo do seriado e apontando que Levinson ouve música enquanto escreve e frequentemente inclui suas escolhas musicais nos roteiros. "A biblioteca de música que ele tem no cérebro é praticamente infinita."

Ela e sua equipe são encarregados, mais tarde, de fazer da visão de Levinson uma realidade, oferecendo sugestões, buscando a liberação dos direitos de uso e cobrindo com outras faixas qualquer lacuna que surja ou que o criador possa ter deixado.

Na segunda temporada de "Euphoria", prólogos para cada episódio que contam as histórias pregressas dos personagens funcionam como curtas-metragens autônomos, com tons e enquadramentos cronológicos distintos.

Um deles salta de um cover de Elvis Presley para Bo Diddley, Harry Nilsson, Curtis Mayfield e Isaac Hayes. Outro empilha faixas de INXS, Depeche Mode, Roxette, Erasure, Echo & the Bunnymen, The Cult, Lenny Kravitz e Dan Hartman, tudo isso no espaço de 15 minutos. "A quantidade de música que temos nessa série é completamente insana", comentou Malone.

O que complica mais as coisas é que "Euphoria" gira em torno de imagens cruas de transgressão —luxúria, abuso de drogas e outras substâncias e violência—, com cenas que precisam ser descritas em detalhe durante o processo de aprovação musical. "Temos de frasear certas coisas com inteligência, mas às vezes não há como contornar", disse a supervisora musical.

A sequência que envolvia um cover de Elvis, na abertura desta temporada, trazia nudez, drogas, armas e sangue —"todos os sinais de alerta que você poderia imaginar"— e levou a algumas recusas antes que os produtores decidissem usar no lugar o cover de Billy Sway para "Don't Be Cruel", depois de apelos à editora musical que controla os direitos da canção e ao espólio de Elvis Presley.

Para conseguir o uso de "Drink Before the War", de O'Connor, a equipe de "Euphoria" teve de confirmar que a canção não seria usada para cenas de violência sexual, "porque acho que ela conhecia a série", disse Malone.

Mas gravadoras e artistas apreciam o interesse que a colocação de uma faixa em "Euphoria" pode despertar, quer para uma cantora emergente como Laura Les, cuja canção "Haunted" estava na trilha de um episódio recente, quer para um artista estabelecido como Tupac Shakur, cuja cáustica "Hit 'Em Up", de 1996, é acompanhada por um rap de um adolescente viciado em drogas na série. Faixas de Gerry Rafferty e de Steely Dan que fizeram parte da trilha de "Euphoria" começaram até a aparecer no TikTok.

Determinar se os personagens da série ouviriam ou não a música da trilha é um assunto que já gerou bastante debate e muito sarcasmo. "O gosto dos adolescentes de 'Euphoria' para rap é ridículo", decretou a Pitchfork. Mas, como no caso do guarda-roupa elegante da série, a verossimilhança não importa tanto aqui.

"O realismo é secundário", afirmou Perez, o editor. "Há um certo romantismo na abordagem", ele comentou, com as novas complicações psicológicas dos mundos interiores dos personagens assumindo a precedência.

A escolha de uma canção pode sinalizar alguma coisa. É o caso do momento em que "Como La Flor", de Selena, cantora americana com ascendência mexicana, toca ao fundo em uma cena que destaca um personagem com família mexicana mencionada, mas não discutida. Ou pode ser que não seja nada disso e que a faixa só soe bem.

Na era das playlists, "a garotada antenada gosta de muita coisa", disse Labrinth, que espelha o alcance da série em suas composições originais ilimitadas para a trilha, combinando hip-hop, rock, funk e sons eletrônicos. Ele comparou Levinson a um DJ que busca raridades e pode referenciar uma banda punk da década de 1980 e um compositor italiano obscuro no mesmo set.

"Euphoria" também pode funcionar como um motor de recomendações culturais para uma nova geração —como mostram, além das canções escolhidas, suas constantes menções a filmes de Martin Scorsese e Quentin Tarantino.

"Sabendo que nossa audiência é claramente a geração Z, é quase como se estivéssemos dizendo 'ei, pessoal, ouçam isso'", disse Malone, apontando que uma cena de festa em que faixas de Juvenile e DMX são tocadas também inclui músicas de artistas mais recentes e pouco conhecidos, casos de Blaq Tuxedo e G.L.A.M.

"Ah, você gosta dessas coisas que estão tocando agora? Experimente isso!", acrescentou a supervisora musical. "Estamos dando a eles aquela 'mixtape' que eu ganhei quando estava no segundo grau."

Tradução de Paulo Migliacci

> “
> Estamos dando à geração Z aquela 'mixtape' que ganhei quando eu estava no segundo grau. É quase como se estivéssemos dizendo 'ei, pessoal, ouçam isso aqui'
>
> **Jen Malone**
> supervisora musical de 'Euphoria'

'Primavera', com Ana Paula Arósio, traz novo sentido a imagens mortas

Ficção de Carlos Porto de Andrade Junior apresenta história de família que se perde no tempo e no espaço

CINEMA
Primavera
★★★★★
Brasil, 2018. Direção: Carlos Porto de Andrade Jr. Com: Ruth de Souza, Ana Paula Arósio, Ruth Escobar. 18 anos. Em cartaz nos cinemas

Inácio Araujo

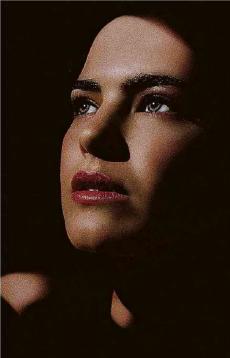
Não é preciso muito para descobrir a natureza de "Primavera". Basta chegar ao momento, talvez ainda antes do décimo minuto, em que o narrador menciona o romance escrito por dois primos, chamado "O Segredo da Romã".

Por caprichos da linotipia, primeiro o nome se transforma em "O Segredo de Rema" e depois em "Os Degredos do Amor". É o nome que o narrador reterá, como documento-chave de sua árvore genealógica. Quem concebe tais contorções verbais não pode ser bobo. É a primeira conclusão.

Antes, ainda, o narrador falará de seus pais, sobre o dia da morte do pai, enquanto as imagens registram ora fotos, ora filmes antigos. Depois, falará de uma antepassada que beijava de boca aberta, ideia ilustrada pela bocarra de um jacaré. Que relação existe entre um beijo e a boca de um bicho desses? Não importa muito, mas talvez exista. Essa é a segunda conclusão.

O que importa é que, desde o início, Carlos Porto de Andrade Junior faz um filme em que o essencial é a ressignificação, com imagens que são reinventadas pelo texto ou vice-versa. É experimental.

A maior parte dos filmes experimentais se deixa ver à medida que conhecemos a obra de seu autor. Eu nunca havia visto filmes de Andrade Junior, embora sua carreira date de 1977. Por que terá ele escolhido uma história de família que se perde no tempo e no espaço, vai de Portugal ao Brasil, passando por Paris, que envolve fazendas conquistadas e roubadas, e vai das fazendas até as praias do Rio?

Bem, "Os Degredos do Amor" parece ter sido um título adequado, já que o romance referido pelo narrador como história familiar envolverá fé e sexo, incluirá um jovem trabalhador, um outro que será conhecido como "o lobo da montanha", incluirá momentos de incesto e desprendimento, um padre herege, sedutoras incríveis como Leonor, avó do narrador, santas e até mesmo uma amante de Rodin, o escultor, a belíssima Rosa, que mais tarde irá se dedicar a borda dos geométricos e, por fim, desaparecerá no Rio sem deixar traço.

Ana Paula Arósio estampa o cartaz de divulgação de 'Primavera' Rinaldo Martinucci /Divulgação

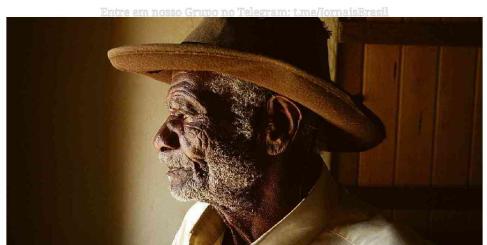
O outro polo é a morte, que consome os antepassados, começando pelo pai, ou seja, o correr inevitável da existência para o fim, seja ele qual for.

Esse percurso é acompanhado por um jogo de imagens buscadas em arquivo, ora inesperadas, ora quase óbvias, mas sempre deslocadas de seu contexto e de seu tempo.

São reportagens, filmes científicos, educativos, ficcionais. Tudo que importa é buscar nos fragmentos não uma ilustração, mas um novo sentido à narrativa. O resultado por vezes é atraente, por vezes monótono, mas nunca tolo.

Tomemos a primeira, enigmática imagem. O que é aquilo? Um polvo branco que parece espermatozoide ou, ao contrário, um espermatozoide que parece polvo? Uma semente de vida ou um animal que se alimenta das presas que apanha em suas extremidades? Vida ou morte?

Em todo caso, neste filme, imagens mortas ressuscitam na medida em que adquirem novos sentidos e lugares.

Não será demais dizer que este longa-metragem, datado de 2018 e agora nos cinemas, traz à vida alguns atores já mortos. É o caso de Ruth de Souza, morta em 2020, Emilio di Biasi, em 2019, e Ruth Escobar em 2017. Que o cinema os mantenha em vida não é uma má função dessa arte que, como o polvo da abertura, absorve misteriosamente tempo, imagens, palavras, cenas, sons e objetos em seus poros.

Cena do documentário 'Rio de Vozes', que exibe diferentes moradores, pescadores e agricultores das margens do rio São Francisco Divulgação

Mistura de vidas, 'Rio de Vozes' se aproxima de Eduardo Coutinho

CINEMA
Rio de Vozes
★★★★★
Brasil, 2020. Direção: Andrea Santana e Jean-Pierre Duret. 10 anos. Em cartaz nos cinemas

Em "Rio de Vozes", os autores desaparecem em favor do objeto que retratam. Só ele conta. O rio São Francisco, as paisagens que ele atravessa, as pessoas que vivem da pesca, as que plantam às margens.

E não se trata de uma restrição. O objetivo é fazer sumir a personalidade, o eu, a autoria que tanto tem frequentado os documentários brasileiros nas últimas décadas.

O privilégio ao objeto nos coloca diante de fatos e pessoas desconhecidas por nós, que vivemos nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais. É outro modo de vida, que reconhecemos assim que vemos os homens preparando uma embarcação.

Em seguida, surgem uma estrada de terra e duas mulheres num pequeno caminhão. Uma delas comenta que aquele caminho, com cercas ao lado, em outros tempos era leito do rio, que era muito mais largo do que hoje. Ela se preocupa com as gerações futuras e questiona se esse modo de vida vai desaparecer.

Há os peixes sendo recolhidos, a pesagem, as conversas, o exercício de empurrar um barco para a parte navegável do rio, processo que recebe ajuda das mulheres. Mas não é apenas o modo de vida que está ameaçado. Os pescadores se queixam de peixes outrora comuns no rio e agora desaparecidos, talvez extintos. E aqueles outros peixes.

Mais tarde, o documentário subirá o rio, partindo da Bahia, atravessando outros estados. Toparemos com estudantes dispostos a sair do lugar, outros cantando músicas que evocam Conselheiro, questionando se a memória de Canudos e sua destruição brutal não foi extirpada.

Mais adiante, há plantações. Pobres. Alguma queixa sobre distribuição de terras nos informa de que os autores têm alguma simpatia pelo Movimento Sem Terra, o MST. Ou talvez apenas registrem as frágeis queixas dos lavradores. A viagem prossegue. Há a gente que canta, a que se reúne etc.

Há, sobretudo, a menina que passeia pelo campo em companhia do avô de 86 anos. Ela diz que não quer ficar na lavoura. Quer estudar e se tornar médica. Médica, esclarece, para cuidar dos que precisam, não dos que têm dinheiro.

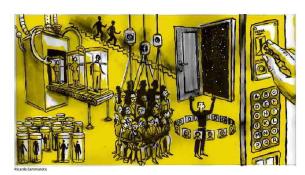
Vivendo ali, aparentemente num quilombo, a jovem parece ter um bom conhecimento dos médicos, a quem vê como pessoas que olham não para o doente, mas para o dinheiro do doente. O diagnóstico é severo —mas será injusto?

Como se vê, "Rio de Vozes" é um documentário que deixa o crítico em geral insatisfeito, porque não há muita coisa inteligente para falar a respeito. Com efeito, a visita ao sertão feita por Andrea Santana e Jean-Pierre Duret não visa discutir, senão marginalmente, o que o cinema é ou deixa de ser. Tampouco mostra o euzinho dos realizadores.

"Rio de Vozes" reencontra a função mais clássica do cinema —a de mostrar. E faz isso com grande apuração estética, formada por enquadramentos que nos introduzem na paisagem de modo tão discreto quanto profundo.

Para quem quiser ver, esse documentário traz algo de raro. Não apenas a modéstia de seus realizadores, mas sobretudo o reencontro com coisas, pessoas e animais. O filme trata de seguir o rio e as vozes que dali emergem em paralelo —cultura e natureza, a humanidade e seu meio.

Não há de ser por acaso que a montagem, aqui, coube a Jordana Berg, que trouxe ao conjunto uma estrutura sólida e um sentido de tempo admirável. "Rio de Vozes" está, em sua formulação clássica, muito mais próximo de Eduardo Coutinho do que o trabalho de tantos seguidores —ora imitadores— do grande mestre do documentário brasileiro contemporâneo. **IA**

Ricardo Cammarota

Estupidez, progresso e cansaço

Desista de controlar todas as coisas e de ter sucesso

Luiz Felipe Pondé
Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

"De repente, tornou-se indiferente pra mim não ser moderno", disse Roland Barthes (1915-1980). Que libertação! Chega a hora em que devemos investir num gesto de fôlego: encontrar nosso lugar no mundo. O culto à modernidade é uma prisão.

E se essa indiferença for, hoje, um gesto de recusa displicente ao ridículo da fé moderna? Falarei de duas formas sobre esse culto moderno: a fé em si mesmo e a fé no progresso.

A indiferença sem objeto pode nos levar à ideia de um estado místico ou simplesmente à ideia de um estado de alienação completa em relação ao mundo. Não é dessa indiferença sobre a qual falo.

Em termos contemporâneos, arriscaria dizer, com razoável consistência, que a indiferença em relação ao apego à modernidade —apego este tão ridiculamente cantado em prosa e verso pela Semana de Arte Moderna de 1922 e seu umbigo futurista— significa uma diminuição do nível de ansiedade.

E para tal, se existir algum princípio passível de ser enunciado, ele seria o seguinte: desista de controlar todas as coisas e desista de ter sucesso.

Ou uma máxima derivada diretamente da anterior: desista do autoconhecimento como chave do sucesso. A submissão da ideia de autoconhecimento ao conceito de sucesso é uma das chaves da falácia da cultura contemporânea.

Como alguém pode enunciar um princípio tão ousado na era do BBB como paradigma do coaching emocional? Em breve, não existirá mais muita diferença entre a psicologia e o marketing, seja este de teor ideológico, seja este focado no modelo do Linkedin.

Feita tal digressão, com a intenção expressa de indicar que a indiferença em relação à modernidade passa necessariamente pela desistência do sucesso e pela aceitação do fracasso do controle métrico sobre as coisas, nos indaguemos agora qual seria a fé na modernidade. Essa fé pode se apresentar de várias formas.

Não se trata de fazer uma defesa do retorno à vida natural. Nunca há retorno, a menos que acontecesse uma destruição radical das condições materiais que possibilitam a vida moderna —o que, em sã consciência, ninguém deseja.

A indiferença em relação à modernidade se refere à recusa do ato de fé em si, atribuído à máquina social moderna de mundo, vista como um bem em movimento acumulativo de felicidades.

A obra do sociólogo francês Alain Ehrenberg, no meu entender, aponta para um dos tipos de crise de fé na máquina social moderna e ilumina uma das formas referidas acima. No seu livro "La Fatigue d'Être Soi: Dépression et Société", Ehrenberg indica um dos equívocos dos modos de regulação da vida na sociedade moderna.

O contemporâneo nos chama a sermos indivíduos autônomos e responsáveis por nossas vidas, numa espiral acelerada. Assim, as relações entre são marcadas pela demanda, cada vez mais alta, de "high performance" e sucesso.

Ehrenberg definirá a depressão de caráter social como, justamente, o reverso desse desempenho. Nós fracassamos necessariamente em nos tornarmos esses indivíduos autônomos e responsáveis.

A expressão que o sociólogo usa é "insuficiente" —e aqui ele recolhe a grande tradição agostiniana do século 17 francês. O ser humano é insuficiente para enfrentar o mundo. Sempre, em todas as vezes.

Na modernidade, passamos a acreditar que, inclusive pelos psicofármacos, pela educação e pela psicologia, poderíamos chegar à "high performance", cheios de felicidades e de sucessos.

Essa ideia de acúmulo de sucessos e felicidades nos leva a outra face da fé moderna: a fé no progresso. Em 1937, Robert Musil (1880-1942) proferiu uma conferência em Viena, em que ele chamava a atenção para o risco presente no progresso, na medida em que este carrega em si uma grande semelhança com a estupidez.

Essa conferência, intitulada "Sobre a Estupidez", está publicada no Brasil pela editora Âyiné. Nela, Musil falava, já em 1937, que, como tínhamos acumulado muito progresso até então, o risco de aumento da estupidez era imenso.

De lá para cá, o progresso só aumentou. Basta olhar o mundo corporativo para ver como a estupidez e o progresso sempre se dão muito bem.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Quem veio do espaço para jantar?

Poucas coisas abalam o senso prático das mulheres racionais

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

O espaço começa onde a atmosfera da Terra termina: a cem quilômetros do nível do mar. Imagine, então, o que é estar lá em cima, completamente só, e perceber que sua cápsula espacial está sem freio. Subindo e subindo, rumo ao infinito.

"Também não tinha uma escova de dentes a bordo", disse Valentina Tereshkova, a primeira mulher enviada ao cosmo.

Com ou sem gravidade, na rua, na chuva, na fazenda ou no Cinturão de Órion, poucas coisas abalam o senso prático de uma mulher racional. Talvez seja para lembrar disso que tenho um retrato dessa heroína russa.

Valentina começou pé no chão. Bateu ponto em fábrica de pneus e foi tecelã, até que ingressou no paraquedismo e saltou para a glória no programa espacial soviético.

Em 1963, Nikita Khruschov apostava corrida com John F. Kennedy e a URSS decidiu botar uma mulher em órbita. Os pré-requisitos: ser jovem e ter menos de 1,70 metro, pois a Vostok 6 era do tamanho de um Fusca. Dentre 5.000 candidatas, Tereshkova ganhou. Tudo parecia ideal para que se fizesse história, tal como Iuri Gagárin dois anos antes. Chato é que quase deu ruim.

Zunir um ser vivo para fora do planeta jamais será moleza. Moscas de fruta foram as primeiras cobaias, em 1947. Teve também a Laika, a cadela que em 1957 teve seu trágico destino nas estrelas. Quando Tereshkova foi "ver uma coisa no universo", havia um know-how cósmico, mas ainda puxado.

Usando o codinome Chaika —gaivota, em russo—, a cosmonauta viajou com um manual de cem páginas. Para driblar a espionagem dos EUA, sua comunicação era tão secreta que se dava por códigos que relacionavam perrengues (como inchaços e vontade de fazer xixi no espaço) a nomes de frutas e plantas. Se ela ficasse menstruada, a palavra-chave era "framboesa". Nauseada, "cana-de-açúcar". Em caso de aterrissagem na água, a saída era gritar "samambaia" —bem a calhar, pois, quando o algoritmo de pouso deu pane, Tereshkova quase caiu num lago.

Aos 26 anos, chegou sã e salva, mas irritando a chefia, porque, em vez de se submeter a testes pós-reentrada, foi filar uma janta oferecida por aldeões.

Hoje, tem não só um legado de feminismo e pioneirismo, mas também uma cratera lunar e um asteroide batizados em sua homenagem. Em vez da aposentadoria, disse que prefere visitar Marte. Queria ser uma mosca para ir junto.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Thriller com Gerard Butler é um dos mais vistos da Netflix

Em "O Mistério do Farol", três homens vão trabalhar por seis semanas como vigias de um farol numa ilha isolada no litoral da Escócia. Após uma tempestade, eles descobrem um barco, um corpo e um baú cheio de ouro. A partir daí, uma série de desdobramentos irá abalar as relações entre eles. Baseado num caso real de 1900, este thriller com Gerard Butler já é um dos filmes mais vistos da Netflix.
16 anos

The Walking Dead
Star +, 16 anos
Os oito episódios da segunda parte da temporada final do seriado sobre mortos-vivos já estão disponíveis. A terceira e última parte chega ao streaming em agosto.

Ron Bugado
Disney +, livre
Neste longa em animação, um garoto ganha de aniversário um pequeno robô que quer ser seu melhor amigo.

Dreamgirls – Em Busca de um Sonho
Telecine Touch, 22h, 10 anos
Beyoncé, Eddie Murphy e Jennifer Hudson, cujo papel neste filme lhe rendeu um Oscar de melhor atriz coadjuvante, estrelam esta adaptação para o cinema do musical da Broadway que recria a trajetória do trio vocal feminino The Supremes.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
O diplomata Sergio Amaral, ex-embaixador em Washington e ex-ministro do governo FHC, fala sobre a crise atual entre a Rússia e a Ucrânia e a relação do Brasil com a China.

Podres de Ricos
Globo, 23h35, 12 anos
Moça pobre namora rapaz milionário, mas a mãe dele é contra. Um dos enredos mais manjados de todos os tempos ganha roupagem exuberante nesta ótima comédia romântica americana, rodada em Singapura com elenco oriental.

Last Week Tonight with John Oliver
HBO, 0h, e HBO Max, 16 anos
O talk show sem convidados presenciais comandado pelo comediante britânico John Oliver, que inspirou o "Greg News", de Gregorio Duvivier, chega à nona temporada, sempre comentando os acontecimentos mais importantes da semana anterior.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

	2				7		4	
						7		
7		5			2	8	6	
9		3			6			
			5		8			
			7			9		1
	7	6	8			1		4
		2						
	3		6				2	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

6	2	9	1	8	7	3	4	5
3	8	4	9	6	5	7	1	2
7	1	5	3	4	2	8	6	9
9	5	3	2	1	6	4	8	7
1	4	7	5	9	8	2	3	6
2	6	8	7	3	4	9	5	1
5	7	6	8	2	3	1	9	4
8	9	2	4	5	1	6	7	3
4	3	1	6	7	9	5	2	8

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Uma fonte artificial de luz **2.** Luiz Melodia, músico de "Pérola Negra" / Parte principal **3.** Guloseima como a antiga Juquinha ou Soft / Dispositivo apto a produzir um sopro de ar **4.** Ligada, presa / (Juan) A capital porto-riquenha **5.** Candelabro com vários braços / Responsável Técnico **6.** O ator e humorista carioca Jorge, criador do personagem "Zé Bonitinho" **7.** Cotangente / O mais importante prêmio mundial para elementos de cultura **8.** Parado, paralisado **9.** Muito pomposo, bombástico, cheio de si **10.** Ir para fora de um lugar ou de um ambiente / Grande onda ou vaga **11.** Antipatia gratuita / O S da rosa dos ventos **12.** Permanência provisória / Interjeição de espanto **13.** Argila usada em pinturas rústicas.

VERTICAIS
1. Um livro para conservar fotografias, selos etc. / Aumentar de tamanho **2.** Pequena porção de coisas que se podem abranger na mão / O contrário de menos **3.** Operador de antiga máquina gráfica **4.** Um dos analgésicos mais consumidos / Estado natural, usual, comum **5.** A voz que imita a voz da ovelha / Praia / Uma abreviatura para administração **6.** Polícia Rodoviária Federal / Receber (pessoa) num novo meio, como amigo, substituto, cidadão etc. / Arnaldo Antunes, músico e poeta **7.** (Matem.) Uma palavra usada em frações (pl.) / Cidade paraense à margem esquerda do rio Amazonas **8.** Unidade monetária do Canadá e dos EUA / Progredir **9.** (Pop.) Mal-de-engasgo / O de boi é primeiro selo postal brasileiro, emitido em 1843.

HORIZONTAIS: 1. Lâmpada, **2.** LM, Nervo, **3.** Bala, Fole, **4.** Unida, San, **5.** Menorá, RT, **6.** Loredo, **7.** Cot, Nobel, **8.** Inativo, **9.** Empolado, **10.** Sair, Rolo, **11.** Cisma, Sul, **12.** Estada, Ih, **13.** Almagro. **VERTICAIS: 1.** Álbum, Crescer, **2.** Manelo, Mais, **3.** Linotipista, **4.** Anador, Normal, **5.** Mé, Arenal, Adm, **6.** PRF, Adotar, AA, **7.** Avos, Óbidos, **8.** Dólar, Evoluir, **9.** Entalo, Olho.

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação
EAD - GRADUAÇÃO E PÓS
SEM PERDER TEMPO
Ainda é possível iniciar uma graduação ou pós-graduação a distância em 2022. A flexibilidade que a modalidade EaD oferece é um dos principais atrativos para os estudantes. Há cursos totalmente online e outros híbridos. Apesar dessa versatilidade, o EaD exige tempo e dedicação de estudo. Leia mais nas páginas a seguir.
Ilustrações Henrique Assale

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

EaD deve superar ensino presencial no Brasil neste ano

Expectativa é de 1,3 milhão de matrículas em cursos presenciais do ensino superior e de 1,6 milhão a distância

O volume de alunos em cursos EaD deve superar os matriculados na modalidade presencial neste ano. Esse é o cenário traçado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) a partir de dados da consultoria especializada Educa Insights. A expectativa é de 1,3 milhão de matrículas em cursos presenciais do ensino superior e de 1,6 milhão no formato EaD.

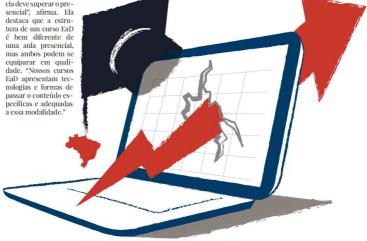
A tendência de crescimento para o ensino a distância e queda no presencial deve se manter em 2023. O mesmo estudo projeta 2,5 milhões de alunos em cursos EaD e 1,4 milhão em cursos de ensino superior do tipo presencial no ano que vem.

Com a pandemia, o EaD acelerou seu crescimento e, de acordo com especialistas ouvidos pelo Estúdio Folha, essa tendência é irreversível. "Acredito que em dois anos o ensino a distância deve ter o dobro do tamanho do presencial", afirma Mario Pinto, diretor de Ensino Superior da Escola de Negócios e Seguros (ENS). Segundo ele, o ensino presencial deve absorver muitos elementos do EaD, pela ampla oferta de ferramentas tecnológicas digitais disponíveis para a educação. Em sua unidade em São Paulo, a ENS investiu na Sala do Futuro, um ambiente que permite reunir alunos remotos e presenciais em tempo real para uma experiência digital e interativa.

Outro fator de crescimento e consolidação para o EaD apontado por Mario Pinto é a chegada da tecnologia 5G ao Brasil neste ano. Prevista inicialmente nas grandes cidades, a quinta geração de conexões de internet móvel tem maior alcance e velocidade. "A tecnologia 5G vai contribuir para potencializar videochamadas e outras interações realizadas entre os alunos do EaD", diz.

Claudia Andreatini, vice-reitora de Administração da Universidade Paulista (Unip), também acredita que o EaD vai crescer ainda mais. "A médio e longo prazos o ensino a distância deve superar o presencial", afirma. Ela destaca que a estrutura de um curso EaD é bem diferente de uma aula presencial, mas ambos podem se equiparar em qualidade. "Nossos cursos EaD apresentam tecnologias e formas de passar o conteúdo específicas e adequadas a essa modalidade."

> A tecnologia 5G vai contribuir para potencializar videochamadas e outras interações realizadas entre os alunos do EaD"
>
> **Mario Pinto,** diretor de Ensino Superior da Escola de Negócios e Seguros (ENS)

A vice-reitora afirma que o curso EaD vai além do recurso utilizado pelas instituições na pandemia de transmitir a aula pela internet ao vivo para os alunos. "Consideramos isso uma aula presencial online. Nosso EaD conta com aulas gravadas, plataforma com tecnologia que permite interação, fóruns e chats. Além do professor, tutores dão suporte aos alunos. E são usados livros próprios para cada disciplina, entre outros recursos dessa modalidade de ensino", conclui.

APRESENTA

Revolução digital na FIA Business School

Investimento em EaD amplia possibilidades para quem deseja estudar na mais importante escola de negócios do país

Divulgação/FIA

Maurício Jucá Queiroz, diretor educacional da FIA Business School

Uma revolução digital irreversível está em curso na educação no Brasil e no mundo, afirma o diretor educacional da FIA Business School, Maurício Jucá Queiroz, referindo-se ao crescimento dos modelos de ensino a distância – o EaD.

"É uma tendência que foi acelerada pela necessidade de manter as atividades dos alunos com segurança na pandemia", ressalta o diretor de uma das mais conceituadas escolas de negócios do país.

"Com a pandemia, os cursos presenciais passaram a ser transmitidos ao vivo por plataformas de videoconferência. Além destes, os cursos de EaD assíncronos tiveram início com o lançamento do projeto FIA Online. Desde então, estamos investindo em inovação para oferecer aos alunos a melhor experiência do EaD, mantendo a qualidade de nossos cursos e a presença do recurso mais escasso e importante, o professor FIA", afirma.

Esse trabalho nos últimos três anos resultou na expansão do Núcleo de Ensino a Distância da FIA que hoje comporta quatro estúdios de gravação, equipes de Design Instrucional, Design Digital e Produção, além da experiência adquirida pelo envolvimento neste período de mais de 500 professores e 100 tutores, entre outros profissionais como orientadores e pareceristas. A tutoria é realizada por mestres e doutores, e a comunicação entre professores e alunos foi ampliada com novos recursos disponibilizados nas plataformas no final de 2021.

A considerar o crescimento do número de alunos de pós-graduação EaD, que dobrou nesse período, a FIA não só venceu o desafio como expandiu seus cursos para os 26 estados do Brasil. Além disso, deu um passo a mais em sua atuação internacional, em parceria com a norte-americana Coursera, plataforma educacional online, que atua com universidades como Stanford, Michigan e Johns Hopkins. Em outubro de 2021, a FIA lançou um novo curso em inglês na plataforma.

> Estamos investindo em inovação para oferecer aos alunos a melhor experiência do EaD, mantendo a qualidade de nossos cursos e a presença do recurso mais escasso e importante, o professor FIA
>
> **Maurício Jucá Queiroz,** diretor educacional da FIA Business School

A FIA, que historicamente atrai alunos a partir dos 35 anos, com o EaD passou a crescer entre alunos de 25 a 34 anos.

O programa FIA Online já tem mais de 20 cursos, entre pós-graduações e MBAs. São aulas assíncronas, ou seja, conteúdo gravado que fica à disposição do aluno, que pode adaptar o estudo à sua rotina. "Essa modalidade exige mais disciplina no sentido de não se distrair com estímulos externos, ser proativo em relação a aulas e atividades", ressalta Queiroz.

A FIA faz a sua parte com a elaboração de cursos assíncronos de excelência, com roteirização feita em parceria com o professor e edição voltada a prender a atenção do aluno, com uso de recursos digitais e pedagógicos que tornam a aula mais atrativa. Além disso, em cada disciplina, todos os alunos postam um assignment, que é um breve relato autoral que tem como objetivos destacar o ponto essencial da disciplina, significar o aprendizado, estimular o aluno a compartilhar seus conhecimentos, experiências e gerar networking com comentários de outros alunos.

A instituição também oferece cursos online transmitidos ao vivo, que ficam disponíveis por tempo determinado na plataforma para atender quem não pode acompanhar a aula na data.

A revolução digital na FIA também trouxe mudanças para as aulas presenciais. "Na pandemia, investimos muito em tecnologia para proporcionar qualidade à transmissão de nossas aulas e facilitar a interação entre os alunos e o professor. Atualmente, o aluno da pós-graduação presencial tem a opção de vir até a sala de aula ou assistir ao vivo à distância", diz.

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

Saiba como escolher um bom curso a distância

Instituição e curso precisam ser credenciados pelo Ministério da Educação para que o diploma seja válido

O crescimento da oferta de cursos EaD pode tornar mais difícil a decisão de escolha do aluno. Mas existem alguns critérios que podem ajudar nessa tarefa. O primeiro deles precede a seleção do curso e consiste em avaliar se o estudante tem perfil para estudar a distância. Afinal, na modalidade EaD, o aluno precisa ter ainda mais disciplina, administrar seu tempo, assistir aulas, realizar as atividades e pesquisas sem que um professor esteja ali o tempo todo cobrando as tarefas.

Isso não quer dizer que o aluno do EaD estará sozinho. Um bom curso a distância proporciona suporte de professores e tutores e há os colegas de turma para interagir, mas o aluno precisa ser proativo nessa comunicação, ter planejamento para não procrastinar tarefas. Se isso não for uma missão impossível para você,

> Uma medida muito importante é conversar com pessoas que já fizeram o curso para saber o que acharam da experiência"
>
> **Mercedes Fátima Canha Crescitelli,** coordenadora da Consultoria Técnica de Gestão Acadêmica da PUC/SP

o próximo passo é selecionar o curso e, nesse aspecto, alguns critérios são os mesmos de um curso presencial, como a competência da instituição e do corpo docente, afirma a professora doutora Mercedes Fátima Canha Crescitelli, coordenadora da Consultoria Técnica de Gestão Acadêmica da PUC/SP. "Uma medida muito importante é conversar com pessoas que já fizeram o curso para saber o que acharam da experiência", completa.

Da mesma forma que uma graduação ou pós-graduação presencial, na modalidade EaD, a instituição e o curso precisam ser credenciados pelo Ministério da Educação (MEC) para que o diploma seja válido para prosseguir estudos, candidatar-se a um concurso público, ser reconhecido no setor privado.

Outra maneira de verificar a qualidade é conferir os indicadores do Ministério da Educação, que também avalia os cursos a distância, recomenda Claudia Andreatini, vice-reitora de Administração da Universidade Paulista (Unip). "Há escolas que disponibilizam uma aula ou palestra gratuita para que o aluno conheça a plataforma do curso", diz.

Em geral, o investimento em um curso EaD é menor, comparado às mensalidades de um presencial. Mas em termos de investimento não é somente a mensalidade que conta. "Para estudar a distância é importante o aluno ter o aparato tecnológico condizente com a plataforma do curso, uma internet de boa qualidade e um local com privacidade para estudar", destaca Mario Pinto, diretor de Ensino Superior da Escola de Negócios e Seguros (ENS).

Dedicação do aluno vai garantir formação de qualidade

Além do suporte de professores e tutores, estudante precisa de disciplina, planejamento e proatividade

A qualidade de um curso de graduação ou de pós-graduação não está relacionada a sua modalidade EaD ou presencial. São duas formas diferentes de estudar que têm em comum o fato de exigirem comprometimento do aluno. Se o aluno for dedicado, terá sucesso em qualquer das duas modalidades, afirmam os especialistas. “O importante é o estudante se identificar com o formato de curso escolhido”, diz Claudia Andreatini, vice-reitora de Administração da Universidade Paulista (Unip).

Para Mario Pinto, diretor de Ensino Superior da Escola de Negócios e Seguros (ENS), um dos grandes diferenciais do EaD é o seu potencial pedagógico, que permite ao aluno viajar pelo mundo utilizando recursos da tecnologia.

No entanto, existem algumas recomendações importantes para quem deseja estudar a distância e aproveitar ao máximo a experiência. É preciso colocar o curso em sua rotina de maneira séria e planejada e, para isso, é fundamental ser organizado. Vale, por exemplo, verificar todas as atividades solicitadas pelo curso e encaixar formalmente na agenda. É preciso ter um cronograma de estudos para ser produtivo e, além disso, não procrastinar tarefas. O curso EaD também estipula prazos para o aluno e é imprescindível cumpri-los. Além disso, é importante conseguir conciliar os estudos com as demais atividades.

Um dos desafios do estudo a distância é manter a concentração. Como o aluno não está em uma sala de aula física, fica mais fácil se distrair com os apelos externos, incluindo os digitais – celular, redes sociais, emails – ou presenciais, se estiver no ambiente de casa, a campainha que toca, o cachorro que late e quer brincar, a televisão ligada e as demais pessoas da família. É importante o aluno observar o que lhe tira a atenção no dia a dia e tomar atitudes para resolver esse problema: procurar um local com privacidade para estudar; não se deixar seduzir pelas redes sociais e outros apelos digitais.

Um bom curso EaD tem professores ou tutores disponíveis para tirar dúvidas. Esses recursos precisam ser utilizados pelo aluno quando necessário.

Outras características dessa modalidade de estudo são os fóruns de discussão e chats que permitem interagir com os colegas, professores e tutores. Estudar também é troca de conhecimento, e o curso a distância oferece essa possibilidade, que também é importante para fortalecer, vincular e criar uma rede de relacionamentos.

O importante é o estudante se identificar com o formato de curso escolhido”

Claudia Andreatini, vice-reitora de Administração da Universidade Paulista (Unip)

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/JornaisBrasil

Plantação de soja na Chapada dos Parecis, na região das cabeceiras do rio Jauru, em Mato Grosso Lalo de Almeida - 4.mar.21/Folhapress

Brasil é campeão de produção de grão, enquanto sofre de fome e devastação

Produção agrícola privilegia commodities e negligencia comida e meio ambiente, dizem analistas

MERCADO
ANÁLISE

Ana Chamma, Gerd Sparovek e Tereza Campello

SÃO PAULO A recente disparada da inflação, que atingiu principalmente o preço dos alimentos da cesta básica, acionou o alarme. Há quem responsabilize a pandemia, os fenômenos climáticos ou sua combinação pela falta de arroz e feijão no prato dos brasileiros e seus preços elevados.

Houve até quem culpasse os pobres por não fazerem uma substituição "racional", trocando o arroz pelo macarrão, em uma clara afronta à cultura alimentar brasileira e um profundo desconhecimento de princípios básicos de alimentação saudável.

Esse cenário, simultaneamente tenebroso, evitável e previsível, pode não ser passageiro. Uma análise estrutural da produção de alimentos revela tendência perigosa, com impactos deletérios na economia, no acesso a alimentos saudáveis e no ambiente.

Nas últimas três décadas, a área plantada das culturas de arroz, feijão e mandioca, alimentos comuns no prato dos brasileiros, encolheu. Houve uma redução de cerca de 73% para o arroz, 54% para o feijão e 33% para a mandioca.

As três culturas alimentares mantiveram o volume de sua produção praticamente inalterado, com variações entre 1988 a 2020 de -6% para arroz, 8% para feijão e -16% para mandioca, o que indica que os ganhos de produtividade mal conseguiram compensar a diminuição da sua área de cultivo.

Considerando o aumento populacional neste período, a disponibilidade per capita desses três produtos foi drasticamente reduzida e despencou, em média, 35%.

Enquanto isso, cultivos que visam principalmente a exportação, a produção de ração para animais ou a transformação em biocombustíveis avançaram enormemente. No mesmo período, de 1988 até 2020, o volume produzido de soja aumentou 576%, o de milho, 320%, e de cana-de-açúcar, 193%. Uma combinação de ganhos expressivos de produtividade e uma igualmente expressiva expansão de área plantada no país.

A soja expandiu 27 milhões de hectares, um aumento de cerca de 250%. Os cultivos de cana-de-açúcar e do milho seguiram a mesma tendência, com altas de 140% e 36% respectivamente, totalizando cerca de 37 milhões de hectares para as três commodities.

Ainda que tenha havido aumento de produtividade e intensificação tecnológica nas culturas de soja, milho e cana-de-açúcar, estas não foram suficientes para garantir a estabilidade ou redução das áreas cultivadas (o efeito poupa terra).

À medida que os investimentos em tecnologias produtivas e infraestrutura logística para a produção avançaram, aumentando a eficiência e a competitividade dos produtos brasileiros, essas culturas demandaram cada vez mais áreas —parte delas, ligadas direta ou indiretamente ao desmatamento, caracterizando o efeito rebote ou paradoxo de Jevons. Ou seja, há uma conta ambiental a ser computada neste processo.

Parte do desmatamento do cerrado e da Amazônia e da consequente perda de biodiversidade e aumento das emissões de gases de efeito estufa fazem parte das consequências da enorme expansão dessas culturas.

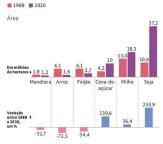
Não é demais lembrar que tal avanço é decorrente, em grande parte, de investimentos públicos em tecnologia produtiva, na disponibilidade de infraestrutura logística em larga escala, como silos, armazéns, rodovias, portos, entre outros, ligando os produtores aos mercados.

Além destes investimentos, também devemos contabilizar créditos de fomento e financiamento da produção, além da articulação de produtores, indústrias e governo na constante expansão do mercado desses produtos. Ou seja, diversas ações coordenadas por esses atores e implementadas de forma consistente e constante ao longo do tempo com forte participação de investimentos públicos e apoio político do governo.

Os benefícios desta dinâmica foram revertidos principalmente para os grandes produtores e conglomerados financeiros, levando à consolidação da concentração produtiva.

A priorização de culturas como soja, milho e cana-de-açúcar pelo governo federal está vinculada à escolha míope da agenda econômica que aposta em uma estratégia centrada no modelo agroexportador brasileiro, nos remetendo de volta ao passado primário exportador.

Enquanto isso, observa-se a negligência com alimentos-chave para os brasileiros, que, a continuar essa tendência, é possível que tenham que dar adeus à famosa dupla arroz com feijão, cultivos que fazem parte da base da alimentação da população, principalmente dos segmentos sociais em situação de vulnerabilidade.

Esses números são reflexo do baixo investimento em toda a cadeia produtiva e na formação de mercados destes cultivos estratégicos para a segurança alimentar da população brasileira.

O aumento limitado da produtividade desses alimentos resulta de menores investimentos públicos em tecnologia produtiva e assistência técnica aos produtores.

A agricultura familiar é a tradicional produtora de arroz, feijão e mandioca, mas vem, ao longo deste período, perdendo participação relativa da sua produção, e em anos mais recentes, viu as políticas públicas que a apoiava serem desmontadas.

O volume constante, apesar do aumento populacional, indica que há falhas em investimentos em infraestrutura logística, créditos e expansão de mercados no setor.

Também revela o peso da transição alimentar que tem determinado mudanças de hábitos da população, em geral trocando produtos saudáveis e in natura por alimentos ultraprocessados.

O Brasil se depara atualmente, de forma cotidiana, com o paradoxo de ver estampadas nos jornais três recordes: de produção de grãos, de fome e desmatamento.

Não são fenômenos isolados, são faces de um mesmo modelo hegemônico de produção e consumo de alimentos que privilegia as commodities e negligencia a comida dos brasileiros. Que privilegia os interesses econômicos do agronegócio e se sobrepõe aos interesses na soberania e segurança alimentar e nutricional do país, levando a distorções sociais e ambientais relevantes.

Neste caso, além de desprezar a nossa cultura, a justiça social, a garantia ao direito humano à alimentação adequada e a soberania alimentar do país, trata-se de um erro de modelo econômico que despreza um poderoso mercado interno de 213 milhões de brasileiros e opta por um lugar atrasado e subserviente no cenário internacional e insustentável do ponto de vista social e ambiental.

Ana Chamma é pesquisadora do Grupo de Políticas Públicas (GPP), GeoLab/Esalq-USP; Gerd Sparovek é professor da Universidade de São Paulo, GeoLab/Esalq-USP; e Tereza Campello é economista —titular da Cátedra Josué de Castro/USP, foi ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011-2016)

Produtividade das culturas de feijão, arroz e mandioca cresce menos do que soja, milho e cana

■ 1988 ■ 2020

Fonte: Dados da Produção Agrícola Municipal (PAM/IBGE)

[...]

Trata-se de um erro de modelo econômico que despreza um poderoso mercado interno de 213 milhões de brasileiros

Luiz César, 20, lidera um projeto de visibilidade da infância e juventude da zona rural Divulgação

‘Eu caminhava 1h30 e enfrentava bullying na escola por estar sujo’

Luiz César da Silva narra o que enfrentou para estudar, mas reforça que sua história não deve ser romantizada

MINHA HISTÓRIA
LUIZ CÉSAR DA SILVA

SÃO PAULO Ele caminhava uma hora e meia em estrada de terra para ir de casa para a escola e, quando chegava, sofria bullying por estar suado e sujo de lama. Muitas vezes voltava para casa sem ter tido aula, ou porque o professor havia faltado ou por não haver água nem nos banheiros. Na volta, mais uma hora e meia a pé, sol forte e muita fome.

Aos 20 anos, Luiz César da Silva cursa duas faculdades, geografia e agropecuária, em instituições federais, e afirma que isso não pode ser romantizado: "Ah, ele é pobre e chegou à universidade". Sabe que é uma exceção dentre as tantas crianças da área rural que abandonam a escola diante de condições cruéis.

Luiz tinha 12 anos quando reuniu um grupo para brigar por transporte escolar em Mata Grande, sua cidade, no sertão de Alagoas.

Aguentou cara feia de político, mas seguiu adiante, desenvolveu um projeto para dar visibilidade a crianças e jovens de áreas rurais, conquistou o apoio de ONGs e hoje é uma referência em liderança jovem.

Dentre as conquistas recentes, foi selecionado para a lista de Jovens Transformadores da Ashoka, rede internacional de empreendedorismo social, e tomou posse como membro do Conselho Estadual de Juventude de Alagoas, que reúne representantes do governo e da sociedade civil para acompanhar políticas públicas voltadas a jovens.

A seguir, Luiz narra os dramas que enfrentou para estudar, inclusive o de chegar à escola sujo de lama, em um relato que é o retrato do lamaçal da educação brasileira.

*

Meus pais são agricultores e minha cidade é pequena, uns 25 mil habitantes. Muitas pessoas vivem em vulnerabilidade social, dependem do Bolsa Família, crianças trabalham e jovens vão embora para cidades grandes porque aqui não têm emprego.

Sempre estudei em escola pública. Sofria com falta de água na escola, banheiros péssimos, sem higiene, e tinha que apoiar o caderno no braço ou nas pernas para escrever, porque não tinha mesa ou carteira.

Professores faltavam e eu também porque não havia transporte. No inverno, quando chovia, a escola alagava e enchia de cobra. Um dia acharam um rato no bebedouro.

Muitos desistiram diante dessa situação, inclusive para trabalhar na roça. Sofríamos com a falta de transporte, quase não havia ônibus. Moro na zona rural, a oito quilômetros do centro. A estrada é de barro e muitas vezes íamos a pé para a escola, desde os oito anos.

O transporte escolar é um direito meu que foi violado, e não sabia como brigar por ele. Saíamos em um grupo de 15 primos e amigos, umas 5h, e andávamos uma hora e meia até a escola. As aulas acabavam meio-dia e encarávamos mais uma hora de meia para voltar, sob sol quente e com muita fome.

Tudo colaborava para eu desistir. Mas não devemos ser apaixonados pelos infortúnios, e sim pela persistência. Quando estava indo a pé para a escola, pensava: "Não quero isso para mim e para os meus filhos e tenho que persistir para dar a volta por cima".

Muitos desistiram porque os pais falavam: "Ou você estuda ou come. Estudar é para rico". Eles queriam ser médicos, artistas, mas a realidade matava os sonhos.

Teve uma família inteira, oito irmãos, em que todos deixaram a escola porque não tinham condições de comprar caderno. Muitos falam que só depende de você o seu futuro, mas, para muitos amigos meus, não foi assim. Se estudassem, iam comer o quê?

Poucas pessoas conseguiram seguir estudando. E há o caminho da prostituição, das drogas, do crime. Graças a Deus, meus amigos preferiram casas de família e a roça.

Paulo Freire já dizia que o desemprego é resultado da péssima educação no Brasil. O investimento é pouco, os professores são desvalorizados, e nós, alunos, somos os que mais sofremos.

Na minha cidade, um tempo atrás, houve desvio de mais de R$ 12 milhões, dinheiro que era para reformar as escolas e para o transporte escolar. Enquanto autoridades luxavam em lanchas, nós sofríamos andando a pé ou pegando carona na caçamba de caminhonete e correndo risco. Uma vez, uma prima minha foi descer, a caminhonete andou, ela foi arrastada e teve as costas rasgadas.

Por que negros e pobres são poucos na universidade? A educação pública é péssima. Não quero que as pessoas tenham que ir até a cidade para se conectar à internet, que precisem colocar um caderno nas pernas para estudar e estragar a coluna ou que tenham que voltar para casa porque não tem merenda e água na escola.

Não pode romantizar a minha história: "Ah, ele é pobre e conseguiu entrar na universidade!". Tem que aniquilar isso, é preciso que todos tenham direito à educação.

O meu projeto social foi criado por necessidade. Estava vendo o meu sonho de entrar na universidade se acabar porque não havia transporte, eu estava cansado, sentia dor.

Tenho dores nos ossos até hoje. E era muita humilhação. Às vezes estourava a sandália, e colocávamos prego na alça.

Sofríamos bullying do pessoal da cidade. Chegávamos suados, melados de lama e era uma zombaria, tinha gente que não entrava na escola por vergonha. O objetivo do projeto era parar de ir a pé, porque era uma violência. Eu me reuni com primos e amigos e fomos até a Secretaria de Educação. Olharam a gente com desprezo e arrogância. Se fosse alguém da cidade, com dinheiro, não iriam tratar daquela maneira.

Foi quando criei o projeto Visibilidade da Juventude Rural e passei por capacitações para saber o que reivindicar e como.

Depois da questão do transporte escolar, começamos desenvolvemos um olhar ativista para a cidade e começamos a ver que passávamos fome, que havia trabalho infantil, prostituição, crime.

Começamos a buscar soluções. As pessoas dizem: "Ah, o jovem não quer nada com a vida!". Não quer nada com a vida porque não há nada na vida para eles. Não tem projeto cultural, educacional, até o direito de ir para a escola está sendo tirado de nós!

Os políticos querem falar por nós, mas eles estão andando a pé? Estão passando fome? Então não podem falar do que a gente passa. Queremos mostrar nossa voz, ocupar nosso espaço. Temos várias ações no projeto. Levamos brinquedos e cadernos para crianças. Quando há pessoas passando necessidade, arrecadamos alimentos para elas. Fazemos palestras e conversamos com jovens em depressão, risco de suicídio.

Estamos apoiando o grupo de capoeira. Cultura e arte mudam vidas, tiram pessoas das drogas, do crime. Debatemos sobre violência contra as mulheres. Estamos trabalhando para dar informação sobre prevenção à Covid e aniquilar fake news. Na pandemia, nossa vida mudou totalmente, e não foi para melhor... A internet é difícil aqui, e muita gente desistiu de estudar para ajudar a família porque os pais perderam o emprego.

Meu projeto traz o jovem como protagonista. Não temos dinheiro, mas temos força de vontade e empatia. Todo mundo pode ser transformador, basta apenas se levantar. Quem vê um problema e fica calado está contribuindo para a permanência dele.

Depoimento a Laura Mattos

> “Tudo colaborava para eu desistir. Mas não devemos ser apaixonados pelos infortúnios, e sim pela persistência. Quando estava indo a pé para a escola, pensava: ‘Não quero isso para mim e para os meus filhos e tenho que persistir para dar a volta por cima’
>
> **Luiz César da Silva**
> estudante

Guilherme (no alto) com os pais e os dois irmãos Arquivo pessoal

Criança negra pergunta a pai se preferiria filho branco

VIDAS NEGRAS IMPORTAM

Priscila Camazano

SÃO PAULO Todas as noites, a rotina da família Bregunci, de Belo Horizonte, é a mesma, e bastante agitada. Eles são cinco: os pais e três filhos. Dois deles, os mais novos, têm deficiência. Enquanto a mãe tenta fazer os mais novos dormir, o pai, o empresário Gustavo de Castro Bregunci, costuma passar no quarto do filho mais velho, Guilherme, de nove anos, para dar boa noite.

Porém, três semanas atrás, essa rotina mudou um pouco quando o pai encontrou um bilhete escrito pelo filho perguntando se a família gostaria mais dele se fosse branco.

Guilherme é um menino negro e foi adotado quando tinha um ano e dois meses. Nas conversas noturnas com o pai, que acontecem todos os dias, eles falam sobre diversos assuntos, entre eles, racismo estrutural e adoção.

Na noite da cartinha, inclusive, o assunto foi racismo. Naquele dia, depois de uma longa conversa com o filho, o empresário foi tomar banho e na volta ao quarto encontrou um envelope em cima do seu travesseiro. Com a caligrafia do filho, estava endereçado a ele e cheio de coraçõezinhos.

O bilhete dizia: "Papai eu tenho prazer de ser seu filho! Eu quero que você guarde essa cartinha com amor e carinho...Vou te fazer uma pergunta: se eu fosse branco, você e toda a minha família iam gostar mais de mim?"

"Aquilo mexeu demais comigo, porque eu falei: poxa, nós acabamos de conversar sobre isso", lembra Gustavo.

O empresário não perdeu tempo, parou, refletiu e escreveu a resposta no mesmo papel para o filho. "O papai te ama muito porque você é exatamente do jeito que é! Amo seu cabelo, amo seus olhos, amo seu nariz, amo sua boca, amo seu corpo, amo sua cor!!! Amo tudo em você", diz trecho da resposta.

Segundo o empresário, Guilherme gosta muito de escrever e colorir, e tem o costume de enviar cartinhas para os familiares, principalmente em datas comemorativas.

Gustavo lembra que o filho já vinha relatando nas conversas noturnas situações nas quais ele era discriminado pela cor da pele. "Ele já tinha levantado algumas questões de racismo na escola."

Dias depois daquele episódio, a cartinha foi parar nas redes sociais em uma postagem do próprio empresário, que resolveu divulgar a história.

Mas, antes, ele já havia compartilhado o bilhete na íntegra em um grupo de Whats App com amigos. Quando, em uma das conversas, percebeu que os amigos estavam encaminhando piadas de cunho racista de uma página da internet, resolveu enviar a cartinha do filho para mostrar que aquele tipo de brincadeira não poderia existir.

"Olha, pessoal, o estrago que esse tipo de piada causa. Todos conhecem meu filho e sabem da minha relação afetuosa com ele, sabem o quanto que eu valorizo todas as características dele", disse aos amigos.

Depois, decidiu postar a íntegra do bilhete na sua conta do Instagram. Pensou que poderia ser uma oportunidade de fazer as pessoas refletirem. "Se essa situação gerar uma reflexão em qualquer família que seja, se alguém parar para conversar com os filhos sobre o racismo estrutural no Brasil, já valeu a pena", disse o empresário.

Modelo exibe figurino da Balenciaga, na Semana de Moda de Paris Valerio Mezzanotti - 02.out.2021/The New York Times

> **Nunca me identifiquei com essa designação ['streetwear'] ou a usei. Fui forçado a aceitá-la porque, de alguma maneira, era como um convite instantâneo a fazer parte de uma cultura. Há toda espécie de associações que surgem quando você diz aquela palavra**
>
> **Heron Preston**
> fundador da marca que leva seu nome

'Streetwear' morre nas ruas para viver nas passarelas

Estilo nascido nos anos 1980 se tornou pilar da alta moda, dizem criadores

F5

Vanessa Friedman

THE NEW YORK TIMES No final de 2019, o ousado estilista Virgil Abloh, conhecido por desafiar limites, deu uma entrevista à revista Dazed na qual declarou o fim do "streetwear". "Eu diria que com certeza ele vai morrer, sabe?", disse Abloh, morto aos 41 anos em novembro do ano passado. "A hora dele com certeza vai chegar", afirmou.

A declaração imediatamente causou um chilique coletivo entre praticamente todos que o viam como o profeta de um novo código de vestimenta contemporâneo, um código que destruía as regras do antigo establishment e encontrava poder em agasalhos e tênis e não nos ternos e tailleurs. Será que Abloh estava subitamente mudando de ideia?

O estilista terminou recuando um pouco de sua declaração. Explicou à Vogue que não queria dizer que o "streetwear" realmente desapareceria; o estilo sempre retorna. Mas dois anos depois que ele fez sua previsão, há pouca dúvida de que estava certo. O "streetwear" morreu, mesmo.

"Não sei nem como defini-lo, agora", disse Arby Li, vice-presidente de estratégia de conteúdo do Hypebeast, site fundado em 2005 como blog para fãs do "streetwear" e que terminou por se tornar uma marca de estilo de vida.

Não é que, como muita gente supôs quando Abloh fez sua declaração, todo mundo tivesse se cansado de moletons com capuzes, tênis e camisetas, os blocos básicos de construção do setor conhecido como "streetwear" (embora não sejam suas características mais definitivas).

E sim que os capuzes, camisetas e tênis foram absorvidos a tal ponto pela elite da moda que a distinção entre "streetwear" e alta moda simplesmente desapareceu.

O "streetwear" se tornou a moda ou a moda se tornou o "streetwear", a depender do ponto de vista.

"O 'streetwear' simplesmente se tornou a plataforma sobre a qual o sistema se ergue", disse Demna, diretor de criação da Balenciaga.

Em julho de 2021, a marca fez seu primeiro desfile de alta costura em 50 anos e foi muito elogiada —tornando-se também a sexta mais popular no Hypebeast.

As pessoas que compram "streetwear" também compram alta moda, e os estilistas que desenham "streetwear" também desenham alta moda. Os valores das duas categorias —conforto e comunidade— se fundiram.

O básico do "streetwear" se tornou o básico de todas as linhas de moda para além dos blazeres e vestidos de baile. (e muitas linhas de "streetwear" agora começam a oferecer também essas peças).

É uma virada tão grande quanto a que aconteceu quando o "prêt-à-porter" se fundiu com a costura feita sob medida, na década de 1960 e 1970. E no entanto, embora a evolução já esteja em curso há algum tempo, a designação "streetwear" persiste.

Com a aproximação da temporada das semanas de moda, é mais que hora de abandoná-la, dizem muitos estilistas.

"Eu gostaria de ter uma conversa com minha comunidade sobre por que alguém decidiu chamar esse tipo de moda de 'streetwear'", diz Rhuigi Villaseñor, fundador da Rhude, grife de Los Angeles que se especializa em combinar luxo e "streetwear".

"Nunca me identifiquei com essa designação ou a usei", disse Heron Preston, fundador da marca que leva seu nome. Ele integra o New Guards Group, uma companhia italiana que aplicou o modelo dos conglomerados de bens de luxo ao "streetwear", e agora é controlada pelo conglomerado online Farfetch.

"Fui forçado a aceitá-la porque, de alguma maneira, era como um convite instantâneo a fazer parte de uma cultura. Há toda espécie de associações que surgem quando você diz aquela palavra."

O "streetwear" como segmento da moda nasceu nas décadas de 1980 e 1990, na interseção da cultura juvenil do skate e surfe, do hip-hop e da arte underground: uma reação a uma indústria na qual os criadores não enxergavam a si mesmos ou a seu sistema de valores.

Os padrinhos do "streetwear" foram Shawn Stussy, que criou a Stüssy, na Califórnia, em 1980; Nigo, que estabeleceu a marca A Bathing Ape em Tóquio, em 1993; e James Jebbia, que inaugurou a Supreme em 1994. Todos eles eram estilistas sem qualquer treinamento formal em moda, escolas de arte ou ateliês.

Quando Jebbia recebeu um prêmio de moda masculina do Council of Fashion Designers of America, em 2018, ele disse que jamais considerou a Supreme como uma empresa de moda ou a si próprio como um estilista.

A criação de recursos gráficos que usavam as peças de roupa casuais como tela se tornou um distintivo imediato de integração e gerou muitos objetos colecionáveis.

Eles abriram mão dos filtros que as passarelas e as revistas de moda ofereciam em troca da comunicação direta, geraram interesse obsessivo dos consumidores e empregaram as tecnologias ascendentes de mídia social para ignorar completamente a ordem estabelecida.

Mas da mesma forma que o skate e o snowboard se tornaram esportes olímpicos oficiais, os uniformes sociais de seus praticantes se infiltraram das margens à corrente central da cultura.

Roupas deixaram de ser um assunto sacro e a inclusão passou a ser necessidade. Marcas de "streetwear" como a Off-White e a Vetements levaram seus desfiles e seus preços camaradas às passarelas da capital da moda, Paris.

A velha guarda, desesperada por manter a relevância, foi de flertar com os intrusos —a Louis Vuitton colaborou com a Supreme em 2017 e a Ralph Lauren colaborou com a Palace em 2018— a lhes entregar as chaves do castelo.

O fato de que o mercado de "streetwear" tenha sido estimado em US$ 185 bilhões pela PwC no final de 2019 com certeza ajudou o movimento.

Quando Abloh foi apontado como diretor artístico de moda masculina da Louis Vuitton, em 2018, lembra Li, da Hypebeast, "foi um momento decisivo". E sua indicação foi seguida rapidamente pela de Matthew Williams para o comando da Givenchy e a de Nigo como o diretor artístico da Kenzo.

Nenhum deles limitou sua produção a capuzes e camisetas, mas todas essas indicações foram enquadradas inicialmente como um choque no sistema e logo em seguida como tendência. Mesmo quando Villaseñor foi contratado pela Bally, as reportagens o identificavam quase todas como um estilista de "streetwear", o que parecia apontar para alguma forma de transgressão.

Mas como disse Abloh naquela entrevista à Dazed, "o que parecia absurdo na verdade se torna a nova norma".

Rótulos como "streetwear" e alta moda não são apenas categorias semânticas. São pontos de referência sociais.

"As pessoas querem saber o significado das roupas que estão comprando: essa roupa é para mim?", afirma Valerie Steele, diretora do museu do Fashion Institute of Technology. Segundo ela, os termos também foram usados para marginalizar estilistas e o que era um distintivo de diferenciação se transformou em compartimentação.

Em julho de 2021, Kerby Jean-Raymond, da Pyer Moss, se tornou o primeiro estilista negro americano a participar do calendário oficial dos desfiles de moda parisienses (ainda que o desfile tenha acontecido em Nova York), uma decisão estratégica tomada em parte para bloquear as tentativas de categorizá-lo como estilista de "streetwear".

"Chamar alguém de estilista de 'streetwear' é uma forma de desconsiderá-lo", disse Tremaine Emory, fundador e estilista da Denim Tears, marca que usa o jeans como forma de contar a história da experiência negra americana. "É um meio de controle."

Um suéter Tyson Beckford e um jeans de algodão da Denim Tears são parte da exposição "In America: A Lexicon of Fashion", que está em cartaz no Costume Institute do Museu Metropolitano de Arte de Nova York, em companhia de vestidos de baile gigantes de Oscar de la Renta e de modelos de lantejoulas douradas de Norman Norell.

Mas a implicação do termo "streetwear", afirma Emory, é a de que seus criadores não são verdadeiros estilistas de moda. Eles não têm o mesmo pedigree, e suas peças são menos artísticas.

Mas muitos estilistas hoje considerados como parte do cânone vieram de fora do sistema das escolas de arte, entre os quais Raf Simons, que estudou desenho industrial; Miuccia Prada, que estudou política, e Rei Kawakubo, que estudou ética.

E muitas roupas no passado vistas como inferiores e, como diz Steele, desconsideradas pelos decanos do setor em Paris, se tornaram parte do código genético da moda: o prêt-à-porter, as roupas para esportes e o sistema americano de peças separadas construído sobre a utilidade e a praticidade.

Demna classifica a ideia de que o "streetwear" deve ficar separado da alta moda como sinônimo da disfunção do setor. "O 'streetwear' se tornou parte integral da moda e chegou para ficar", ele diz. O significado real do termo, afinal, é o de roupa para usar na rua —o que descreve literalmente todas as roupas.

De fato, pelo menos na opinião de Villaseñor, "streetwear" são apenas "roupas que atendem às necessidades das pessoas". "É um retrato de nossa era", afirma ele. E essa é a definição de moda.

Tradução Paulo Migliacci

Peggy Scott, personagem de Denée Benton, em uma das cenas da primeira temporada de 'A Idade Dourada', da HBO Max Divulgação

'Idade Dourada' mostra elite negra esquecida

Influenciada pelos protestos sociais recentes nos EUA, série da HBO Max retrata classe alta do Brooklyn do século 19

F5

Dave Itzkoff

THE NEW YORK TIMES Atenção, leitor, esse texto contém spoilers da primeira temporada de "A Idade Dourada".

No quarto episódio de "A Idade Dourada", drama de época da HBO que se passa na Nova York do final do século 19, a jovem aspirante Marian Brook (Louisa Jacobson) faz uma visita não anunciada à casa de sua nova amiga, Peggy Scott (Denée Benton), no Brooklyn, na esperança de surpreendê-la com um quase presente: uma sacola cheia de sapatos usados.

Mas Marian, que é branca, é quem termina surpreendida. Ela descobre que a família Scott, que é negra, tem dinheiro e um nível educacional elevado. Os pais de Peggy, o farmacêutico Arthur (John Douglas Thompson), e a pianista Dorothy (Audra McDonald), vivem em uma casa grande e opulenta, têm empregados domésticos e com certeza não precisam de seus sapatos velhos.

A existência de uma população negra de elite na cidade, nesse período, homens e mulheres negros que tinham carreiras, dinheiro e influência, é uma realidade factual, ainda que a cultura popular não esteja habituada a explorá-la.

"O que a pessoa média sabe sobre a elite negra de Nova York na década de 1880? A resposta é: quase nada, se é que sabe alguma coisa", afirma Erica Armstrong Dunbar, consultora histórica da série.

"Temos uma grande lacuna entre a Guerra Civil e a era da escravidão e, mais tarde, talvez, o período da Renascença do Harlem [nas décadas de 1920 e 1930], como se nada tivesse acontecido entre essas duas épocas", completa Dunbar, ao analisar a maneira pela qual o cinema e a televisão costumam tratar a história negra.

Para as pessoas que produzem "A Idade Dourada" e atuam na série, a família Scott representava uma oportunidade de dramatizar esse capítulo desconsiderado da história, de transcender estereótipos duradouros e dar aos personagens negros vidas interiores e um mundo interno tão rico quanto os de suas contrapartes brancas.

Esse desejo ganhou urgência em meio aos protestos e reflexão nos Estados Unidos sobre justiça racial que surgiram em 2020 —acontecimentos que tiveram impacto sobre a série tanto por trás quanto na frente das câmeras.

Julian Fellowes, o criador de "A Idade Dourada", afirmou que "parecia desonesto criar uma série que se passa em 1882 [menos de duas décadas depois da abolição da escravatura nos Estados Unidos] e não termos personagens que tivessem sido afetados por aquilo diretamente".

Fellowes, criador de "Downton Abbey", disse que incluir personagens como a família Scott na série "também permitia mostrar alguns dos desafios que os negros americanos, mesmo os afluentes e bem-sucedidos, enfrentavam, na Nova York daquela época".

Dunbar, que é professora da cátedra Charles and Mary Beard de história na Universidade de Rutgers, diz que os nova-iorquinos negros daquela era "vão para o Brooklyn por estarem fugindo de perseguições".

"Eles estão fugindo dos tumultos causados pelo alistamento militar obrigatório em 1863. Buscam um lugar onde construir suas casas, seus negócios, criar uma vida o mais livre que pudessem da humilhação e violência", disse.

No primeiro episódio, Peggy faz amizade com Marian e a acompanha à casa de sua aristocrática tia Agnes van Rhijn (Christine Baranski), em Manhattan.

Fellowes disse que a personagem de Peggy veio de pesquisas históricas que ele fez sobre a época e de livros como "Black Gotham: A Family History of African Americans in Nineteenth-Century New York City" (Gotham negra: uma história de família de afro-americanos na Nova York do século 19, em tradução livre), de Carla Peterson.

Benton foi um dos primeiros nomes escalados para a produção, depois de estrelar musicais da Broadway como "Hamilton" e "Natasha, Pierre & the Great Comet of 1812".

"Se você está em busca de uma mulher negra em um drama de época, acho que sou eu, agora", diz. "E isso não me incomoda nem um pouco."

McDonald, seis vezes ganhadora do Tony, foi contratada semanas depois e disse que, ao descobrir que a colega de teatro estava no elenco de "A Idade Dourada", ficou feliz, mas também preocupada com a possibilidade de que a série estivesse apenas preenchendo uma cota.

"Fiquei pensando que ela seria a única pessoa negra em um espaço todo branco", disse McDonald. "Vejo Denée como uma grande luz e um grande talento, e minha esperança era que lhe dessem muito para fazer. Mas nem em 1 milhão de anos imaginei que haveria mais de nós na série."

Benton disse que também teve reservas sobre a maneira pela qual sua personagem seria apresentada. Uma delas logo no primeiro episódio, quando há dúvida se Peggy conseguiria permissão para ficar com Marian na casa de sua tia aristocrata.

Uma solução proposta em um rascunho inicial do roteiro era que Peggy fingisse ser a criada de Marian. Mas, embora isso talvez fizesse sentido em termos lógicos, Benton disse que a ideia lhe causou desconforto.

"A única pessoa negra que será vista regularmente... será que precisamos fazer dela um clichê?", afirma. "Será que não estamos cansados de ver mulheres negras interpretando esse papel na televisão?"

Fellowes afirma que Peggy "não seria uma criada real, mas mesmo fingir que ela o fosse nos levaria na direção errada" e que outros produtores haviam expressado objeções parecidas.

Benton conta que os produtores foram receptivos a todas as suas questões quanto ao roteiro em 2019, quando "A Idade Dourada" estava preparando a rodagem de sua primeira temporada.

Em março de 2020, a pandemia de Covid-19 forçou a suspensão da produção antes que a gravação começasse. Semanas mais tarde, o assassinato de George Floyd pela polícia levou a semanas de protestos sociais nos Estados Unidos e conduziu a um reexame amplo da maneira pela qual as pessoas negras são retratadas no teatro, cinema, televisão e toda a mídia.

Foi um diálogo nacional que também aconteceu dentro de "A Idade Dourada". Em junho de 2020, Benton enviou uma carta à HBO pedindo por novas mudanças na série. Sua solicitação central, diz, era "a de que agora tínhamos tempo para acrescentar algumas mulheres negras ao sistema nervoso central da equipe".

Àquela altura, a HBO e os produtores de "A Idade Dourada" já estavam contratando e promovendo mulheres não brancas para postos importantes na produção da série.

Salli Richardson-Whitfield, atriz ("Um Tira Sem-Vergonha") e diretora de TV ("Queen Sugar", "Black-ish" e "A Roda do Tempo"), foi contratada em novembro de 2019 para dirigir dois episódios.

Segundo ela, os produtores "estavam à procura de uma diretora não branca, já que sabiam que teriam narrativas como essas e queriam garantir que fossem realizadas de uma forma autêntica".

Ela se tornou produtora executiva da série em junho de 2020 e dirigiu quatro episódios. Dunbar, a consultora histórica, se tornou produtora consultiva no começo de 2020, e depois foi promovida a coprodutora executiva.

A busca por uma nova roteirista para a equipe de "A Idade Dourada" que começou no início de 2020 identificou Sonja Warfield ("Will & Grace", "The Game"), que estava desenvolvendo outro projeto na HBO. Ela se integrou à equipe de "A Idade Dourada" como roteirista e coprodutora executiva em julho daquele ano.

"Eu nem tinha certeza de que fosse uma oferta de emprego, no começo", diz Warfield. "Fiz uma reunião com Julian e eles logo me informaram que eu estava contratada. E eu: 'O quê? Tudo bem'."

Warfield afirma não ter sido escolhida para escrever apenas personagens negras, em "A Idade Dourada". Ela conta que pôde trazer detalhes de sua história familiar para a série, como fazer da personagem de McDonald uma pianista, algo inspirado por uma de suas bisavós, que tocava e ensinava o instrumento.

"Eu queria demonstrar que aquelas pessoas eram cultas e educadas", diz Warfield. "Era um elemento estratégico."

Dunbar disse que a carta de Benton foi "parte de um esforço maior" para mudar e melhorar "A Idade Dourada".

"Houve uma evolução orgânica que foi estimulada pelo momento que estávamos vivendo", disse Dunbar. "A carta de Denée ajudou. Foi realmente útil ter uma integrante no elenco que nos revelou suas opiniões. Além disso, houve com certeza outras conversas e muito trabalho adicional."

A HBO afirmou em comunicado que a rede e a Universal Television, sua parceira na produção da série, haviam "redobrado os esforços para expandir a equipe de criação da série e incluir mais mulheres negras durante a produção", até junho de 2020. O comunicado acrescentava que a carta de Denée Benton "iluminou muito uma questão crucial".

Quando McDonald foi convidada para o papel de Dorothy, a mãe de Peggy, ela também hesitou. "Eu fiquei preocupada com a possibilidade de me escalarem como empregada doméstica", diz. Mas, depois de ler uma amostra do texto, uma cena que mostrava Dorothy e Peggy discutindo detalhes de sua vida próspera durante um almoço em um restaurante para clientes negros, McDonald afirma ter topado "imediatamente".

"Porque não era o que eu esperava. Era algo que nunca tinha sido retratado."

A equipe de criação ampliada da série criou novos personagens negros, entre os quais o jornalista e editor T. Thomas Fortune, uma figura histórica interpretada por Sullivan Jones. A equipe também resolveu problemas narrativos, como o de colocar Peggy na posição de secretária de Agnes, e ajudou a redesenhar seu guarda-roupa.

"Existe uma diferença na maneira da qual eu teria me vestido para interpretar uma criada ou uma secretária. Alguém com soberania própria e uma vida interior, que não estaria amarrada a Marian. Isso influenciou cada aspecto de como minha personagem é retratada", afirma Benton.

A HBO já anunciou uma segunda temporada da série.

Tradução Paulo Migliacci

> O que a pessoa média sabe sobre a elite negra de Nova York na década de 1880? A resposta é: quase nada, se é que sabe alguma coisa

Erica Armstrong Dunbar
consultora histórica da série

A Idade Dourada
Criada por Julian Fellowes. Com Denée Benton, Audra McDonald, Louisa Jacobson, Christine Baranski, entre outros. Disponível no HBO Max. Novos episódios às segundas.